



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA- UFPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO –**  
**CCAÉ**  
**CAMPUS IV - MAMANGUAPE**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**  
**- PROFLETRAS**

IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA FELIX

**OS *COMPANHEIROS DE ULISSES*, DE LA FONTAINE, E A *ODISSEIA*, DE**  
**HOMERO: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO PARA TURMA DO**  
**8º ANO**

MAMANGUAPE-PB

2024

IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA FELIX

***OS COMPANHEIROS DE ULISSES, DE LA FONTAINE, E A ODISSEIA, DE HOMERO: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO PARA TURMA DO 8º ANO***

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Orientadora: Profa. Dra. Michelle Bianca Santos Dantas.

MAMANGUAPE-PB

2024

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

F316c Felix, Izabelly Laura Silva de Souza.

Os companheiros de Ulisses, de La Fontaine, e a Odisseia, de Homero: uma proposta de letramento literário para turma do 8º ano / Izabelly Laura Silva de Souza Felix. - Mamanguape, 2024.  
140 f. : il.

Orientação: Michelle Bianca dos Santos Dantas.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEE.

1. Ensino. 2. Letramento literário. 3. Mitologia. 4. Odisseia. 5. Fábula. I. Dantas, Michelle Bianca dos Santos. II. Título.

UFPB/CCAEE

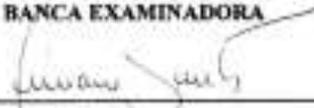
CDU 37:82

IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA FELIX

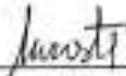
**OS COMPANHEIROS DE ULISSES, DE LA FONTAINE, E A ODISSEIA, DE HOMERO:  
UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO PARA TURMA DO 8º ANO**

Aprovada em: 29/03/24

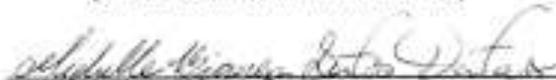
**BANCA EXAMINADORA**



**Examinadora:** Profa. Dra. Luciane Alves Santos  
(Universidade Federal da Paraíba-UFPB)



**Examinadora:** Profa. Dra. Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti  
(Universidade Federal da Paraíba-UFPB)



**Orientadora:** Profa. Dra. Michelle Bianca Santos Dantas  
(Universidade Federal da Paraíba-UFPB)

Mamanguape-PB

2024

Dedico esta pesquisa a E.M.E.I.F Padre José Maria Mesquita, local em que o meu servir é forjado diariamente, sendo a minha fábrica de virtudes.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, em Seu Divino Espírito Santo, que me presenteia com o Dom da Ciência, fazendo-me capaz de enxergar as necessidades dos meus alunos, inspirando-me ideias para viabilizar seu encontro com o aprendizado – o conhecimento - e que Se dignou em me revestir de tão nobre cargo, o de conduzir pessoas para fora de si mesmas – o ofício do Magistério.

Ao meu digníssimo esposo, Vinícius, em ser o primeiro a me apoiar nesta jornada, não apenas emocional e psicologicamente, mas em me levar até ao campus para eu assistir às aulas; muitas vezes a me esperar lá o dia todo com uma admirável paciência!

À minha queridíssima e inspiradora jovem professora Amanda Stella, por quem obtive contato com a insigne fábula *Os Companheiros de Ulisses*, conduzindo brilhantemente suas aulas de Letramento ao se utilizar de tantos mitos da Literatura greco-romana, trazendo-me novamente o demasiado apreço pelos clássicos e pela Literatura, além de ser para mim uma inspiração na docência e na vida pessoal.

À minha dedicada orientadora professora Michelle Bianca, que prontamente aceitou embarcar comigo no desenvolvimento desta dissertação, compreendendo pacientemente minhas dificuldades e tolerando o meu ritmo de produção; aos seus orientandos despendendo cuidados até mesmo como uma mãe.

À minha diretora, Lindomar Oliveira, que gentilmente me abriu as portas da escola para aplicar o projeto de intervenção; à querida Mônica Macedo, da loja Tech Cell Gurinhém, por patrocinar o concurso literário “Trilogia Homérica: relatos de um navegante”.

Por fim, aos meus pais, à minha irmã e à minha sogra por me fazerem votos de sucesso no caminho rumo à obtenção do grau de Mestre.

### **A um poeta**

Longe do estéril turbilhão da rua,  
Beneditino escreve! No aconchego  
Do claustro, na paciência e no sossego,  
Trabalha e teima, e lima, e sofre e sua!

Mas que na força se disfarce o emprego  
Do esforço: e trama viva se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua  
Rica mas sóbria, como um templo grego

Não se mostre na fábrica o suplício  
Do mestre. E natural, o efeito agrade  
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,  
Arte pura, inimiga do artifício,  
É a força e a graça na simplicidade.

(Olavo Bilac)

## RESUMO

Durante as aulas de Literatura, no 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola localizada no município de Gurinhém-PB, percebeu-se uma necessidade de motivar a turma acerca dos textos de mitologia clássica, que são, como sabemos, parte importante da formação histórico-cultural da humanidade ocidental. Em face disso, este trabalho possui como finalidade oferecer-lhes o letramento literário, a partir da *Odisseia*, de Homero, em sua versão adaptada por Frederico Lourenço, e da fábula em versos *Os Companheiros de Ulisses*, de La Fontaine, escrita no século XVIII, destinada ao público jovem. Desta maneira, constitui-se um projeto de intervenção escolar, com uma abordagem qualitativa, configurando-se em uma pesquisa-ação. As ações interventivas serão executadas por meio do círculo de leitura proposto por Cosson (2014). Compõem a fundamentação teórica deste trabalho Kleiman (2005), Cosson (2006) e Soares (1999) para tratar de letramento literário. Portella (1983) e Bagno (2006) para dissertar sobre gênero discursivo e sobre a fábula. Para reforçar a importância da Literatura na formação humana, dialogaremos com as ideias de Candido (1967). A partir de Colomer (2017), Dantas (2013) e BNCC (2018), teremos o respaldo para uma abordagem da relação entre mitologia clássica e ensino. Ainda compõe a nossa fundamentação, Calvino (1981), que nos traz a essência e a importância da Literatura clássica, Hansen (2006) para explicar-nos sobre o conceito de alegoria (atributo presente nas fábulas), Gregorin Filho (2011), discorrendo sobre a formação com narrativas mitológicas, Eliade (1963) e Grimal (2013), trazendo-nos o conceito de mito. Para intervenção em sala de aula, serão propostos quatro momentos em nossa metodologia: coleta de dados; leitura da fábula *Os Companheiros de Ulisses* e do livro III da adaptação da *Odisseia*, por meio do círculo de leitura estruturado proposto por Cosson; discussão sobre o texto lido, a fim de propor práticas de letramento literário, e, por fim, o quarto momento em que a turma será desafiada a produzir uma releitura das obras estudadas.

**Palavras-chave:** Ensino. Letramento literário. Mitologia. *Odisseia*. Fábula.

## ABSTRACT

During literature classes in the 8th grade of elementary school, in a school located in the municipality of Gurinhém-PB, the class noticed a need for knowledge about classical texts, since they were an important part of humanity's historical and cultural formation. In view of this, the aim of this work is to offer them literary literacy by presenting a rereading of Homer's *Odyssey* through La Fontaine's verse fable *Ulysses' Companions*, written in the 18th century, and Frederico Lourenço's adaptation of the first work, aimed at a young audience, the latter as a way of getting the students to know the narrative from which the fable originated. This is a school intervention project with a qualitative approach, which is configured as action research. The intervention actions will be carried out using the reading circle proposed by Cosson (2014). Kleiman (2005), Cosson (2006) and Soares (1999) are used as the theoretical basis for this work to deal with literary literacy. Portella (1983) and Bagno (2006) to discuss discursive genres and fables. To reinforce the importance of Literature in human life, discussing its function, the ideas of Candido (1967) will be presented. Colomer (2017), Dantas (2013) and the BNCC (2018) will provide support for an approach to the relationship between classical mythology and teaching. Our foundation also includes Calvino (1981), who brings us the essence of classical literature and, finally, Hansen (2006) to explain the concept of allegory, an attribute present in fables; Gregorin Filho (2011), who discusses reading education through mythological narratives, and Eliade (1963) and Grimal (2013), who bring us the concept of myth. For intervention in the classroom, four moments will be proposed: data collection; reading the fable *The Companions of Ulysses* and book III of the *Odyssey* adaptation through the structured reading circle proposed by Cosson; discussion of the text read in order to propose literary literacy practices, and finally, the fourth moment in which the class will be challenged to produce a rereading of the works studied.

**Keywords:** Teaching. Literary literacy. Mythology. *Odyssey*. Fable.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 01. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	22
1.1. MITO E MITOLOGIA GRECO-ROMANA: CONCEITOS, CONTEXTUALIZAÇÃO, ECOS E REFLEXÕES EM <i>OS COMPANHEIROS DE ULISSSES</i> .....	22
1.2. <i>OS COMPANHEIROS DE ULISSSES</i> DE LA FONTAINE E SUAS RELAÇÕES COM O MITO HOMÉRICO DA <i>ODISSEIA</i> .....	27
CAPÍTULO 02. LETRAMENTO LITERÁRIO E/COM ADAPTAÇÕES DOS CLÁSSICOS ..	38
2.1. LETRAMENTO LITERÁRIO .....	45
CAPÍTULO 03. ALGUMAS REFLEXÕES METODOLÓGICAS: LETRAMENTO LITERÁRIO, MITOLOGIA E ADAPTAÇÕES .....	52
3.1. SUJEITO E <i>LÓCUS</i> DA PESQUISA .....	55
3.2. A PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO.....	55
3.3. ENCONTROS E OFICINAS – DESCRIÇÃO GERAL .....	60
3.4. COLETA DE DADOS – 1º MOMENTO.....	60
3.5. CONTEXTUALIZANDO O MUNDO ANTIGO – 1º MOMENTO.....	60
3.6. CÍRCULO DE LEITURA EM AÇÃO – 2º MOMENTO: .....	62
3.7. DEBATENDO, CONHECENDO E PRATICANDO: TERCEIRO E QUARTO MOMENTOS DO PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	72
REFERÊNCIAS .....	76
ANEXOS.....	81
APÊNDICES.....	125

## INTRODUÇÃO

Pelo fato desse trabalho advir primeiramente de uma motivação pessoal, utilizaremos a primeira pessoa do discurso nos quatro primeiros parágrafos desta seção.

O projeto de intervenção do Programa PROFLETRAS para o Ensino Fundamental foi originado pelo apreço pessoal, primeiramente, à cultura greco-romana. Tive meu primeiro contato com essa literatura em minha quinta série (atual 6º ano). Gostei de conhecer a estória dos deuses – Zeus e sua onipotência, Helena e sua beleza embriagante, mas paralelamente não compreendia o porquê de tantas divindades formarem esse cenário.

Ao retornar o contato com esse tipo de Literatura durante a graduação, esse apreço ressurgiu e segui com as obrigações acadêmicas, mas, contrariando as expectativas, não produzi o Trabalho de Conclusão de Curso nessa área estritamente. Segui a trajetória pelos caminhos da docência e, há menos de um ano, retomei o contato com os estudos clássicos, sendo-me possível desvelar gradativamente o tesouro de significações que traz a Literatura greco-romana.

Aprendi a enxergar que os deuses e sua natureza são a personificação da Bondade e da Moral, assim como nos é possível contemplar o mal e suas consequências nos erros dos personagens e dos semideuses. Assim, a Literatura Clássica para mim alcança o exímio papel dessa arte da palavra: traz as experiências humanas gerais e primordiais.

Ainda mais, a mitologia pode representar para nós aspectos primordiais e reger a nossa postura perante o mundo, tal qual arquétipo, sendo, portanto, a sua apresentação indispensável às crianças e aos jovens. Vejamos o conceito da psicanálise sobre arquétipo, postulado por Jung (1919), contemporâneo de Freud:

A primeira parte, “arque”, significa início, origem, causa e princípio, mas representa também a posição de um líder, de uma soberania e governo (portanto, uma espécie de “dominante”); a segunda parte “tipo”, significa batida e o que é produzida por ela, o cunhar de moedas, figura, imagem, retrato, prefiguração, modelo, ordem, norma... transferido ao seu sentido mais moderno é amostra, forma básica, estrutura primária (algo que jaz no

“fundo” de uma série de indivíduos “parecidos”, quer sejam seres humanos, animais ou vegetais) (SCHMITT apud JACOBI [1957] 1990, p.51-52).

Assim, arquétipo é o nome que se pode dar a padrões comportamentais inconscientes, podendo ser gerados também pela cultura e crenças transmitidas entre gerações. Tendo isso em vista o ideal de virtude e de bondade, que pode vir por meio de arquétipos psicológicos e comportamentais, vê-se um excelente exemplo disso com a imagem de força e destemor dos guerreiros épicos.

Essa imagem conduz até hoje as muitas relações humanas. Ninguém quer transparecer fracassado e sucumbente a outrem – isso, segundo Campbell (2007), é movido pelo arquétipo de heroísmo. Portanto, com a literatura é possível construir arquétipos de ideais e alcançar o objetivo desejado no trabalho com os adolescentes em sala de aula.

Este trabalho visa responder a uma importante questão: em sala de aula, há um ambiente favorável ao letramento literário? Isso é fundamental, pois se trata de um bem que é patrimônio da humanidade. Assim, a arte literária não deve ser apresentada de qualquer maneira, como apenas para realizar uma demanda curricular da escola. Considera-se, então, como afirmam Calvino (1981) e Ana Maria Machado (2002), que as gerações do porvir necessitam da transmissão da Literatura e de sua fruição por meio do letramento literário.

Por trás dessa questão central, está implícita a seguinte: o conceito “Letramento literário” é unânime na academia e, principalmente, na prática docente? O professor Rildo Cosson (2006) debate amplamente essa temática, mas percebe uma certa relativização desse termo. Ora, a expressão “*lex orandi, lex credendi*” - Orar aquilo em que se crê - também guia as práticas docentes em sala de aula, ou seja, o professor apenas aplicará na prática escolar aquilo em que se acredita, que é conseqüentemente aquilo que conhece, com o que já teve contato.

Isto é, sem uma formação sólida de determinado conceito, leitura e/ou fenômeno para guiar as suas atitudes didáticas, o professor, assim como todo indivíduo, não vai saber exatamente para onde direcionar as suas atividades, isto é, qualquer metodologia ou *modus operandi* será executado sem planejamento.

Suponha-se que o professor tenha um sólido conhecimento sobre Letramento Literário, que ele esteja devidamente orientado, vem outra questão complementar:

como fazer os alunos enxergarem a literatura, principalmente a greco-romana, como alegoria dos fenômenos humanos universais?

Para entender qualquer fenômeno, precisa-se conhecer a sua raiz. Ao analisar a abordagem do Letramento literário em sala de aula, devemos olhar antes para a formação docente e para a formação curricular da Educação Básica: quais influências teve o mestre em seu processo de construção profissional? Como esse professor foi instruído em seu primeiro contato em sala de aula e quais as suas experiências negativas e positivas nessa ocasião? Quais suas referências de atuação profissional? Ou seja, como ele foi instruído a abordar o ensino literário em sala de aula?

Mais do que encontrar as respostas mais adequadas para as perguntas acima, devemos investigá-las como um meio para se atenuar a questão-problema do ensino da Literatura nas escolas de Educação Básica. Na busca de repassar esse bem incompressível aos jovens, segundo as palavras de Antônio Candido (2011), com a “chave” necessária para eles abrirem o tesouro que é esse conhecimento.

Ao trilhar esse caminho reflexivo, jornada a qual se dispõe a empreender por meio desta pesquisa, vem-se à mente de forma instintiva uma questão complementar: como em geral se realiza a abordagem dos mitos da Literatura greco-romana em sala de aula do Ensino Fundamental – Anos finais? Foi escolhida essa etapa, pois nela o educando se encontra em fase de amadurecimento, ao mesmo tempo em que ainda demonstra bastante jovialidade.

Na primeira condição supracitada, por se encontrar em fase de entendimento mais sólido de conhecimentos abstratos; e na segunda, por se encontrar entre o início da adolescência e a plena vigência dessa fase. Assim, ainda é considerado um contato precoce (necessário) com o letramento literário, oferecendo-lhes ferramentas suficientes para seu desenvolvimento intelectual.

Percorrido todo esse caminho de abordagem da apresentação da Literatura greco-romana aos adolescentes, tem-se o dever de justificar sua necessidade ou motivação, bem como de convencê-los sobre esse ato. Para tanto, é necessário antes responder a essa questão: de que maneira o contato com esse tipo de literatura aumenta as referências culturais do indivíduo?

Para responder a essa questão, aos leitores deste trabalho, será revisada a fábula *Os Companheiros de Ulisses*, escrita por La Fontaine no século XVIII, que se trata de um capítulo da *Odisseia*, do lendário Homero, em que relata a tentativa de retorno de Ulisses ao Reino de Ítaca, em que lá era rei. Nessa jornada, o príncipe grego e os seus

sócios são remetidos ao reino de Plaga, onde Circe, a feiticeira, reinava. Nessa fantástica estadia, a astuta e maléfica rainha brinda a recém-chegada comitiva real com um delicioso e também fantástico licor que ao ser bebido transformou todos em animais, salvo o próprio Ulisses.

Com essa nefasta metamorfose, a caravana do rei Ulisses aos seus leitores serve de alegoria para vícios como a vaidade, o hedonismo e o egocentrismo (desordenado). Com essa Literatura, recém-apresentada, é possível abordar essas características universais humanas de maneira impactante, leve, por ser fábula, e marcante a todos, de modo que se, provavelmente, no lugar da *Odisseia*, fosse outro gênero textual, poderia não surtir um efeito tão relevante e impactante.

A Literatura possibilita ao indivíduo enxergar a condição em que ele ou outrem se encontra, fazendo isso, ao mesmo tempo, em que se distancia de sua *persona* para denunciá-lo. Essa maneira possibilita às pessoas, mais do que as outras, a capacidade de identificar seus próprios defeitos e vícios, contemplando-os representados em outrem ou alegoricamente em animais, como em fábulas.

Para responder à suscitada questão - como a Literatura greco-romana contribui com as referências culturais do indivíduo? – tem-se o mito de Narciso que comprova essa premissa. Este, que por sua vez foi o filho do deus Céfiso e da deusa Liríope, e ao pelos prados andar, depara-se com sua própria imagem refletida em um lago. Ora, Narciso foi aconselhado a não olhar para si mesmo, a que esse incentivo deu a ignorar, fazendo o contrário e ficando paralisadamente impressionado com sua autoimagem a ponto de imergir no lago a fim de alcançar tal figura - a sua própria- ocasião em que acaba morrendo afogado.

Eis a nossa reflexão (insinuação) sobre o mito de Narciso: quem muito enxerga apenas a si mesmo acaba sucumbindo aos seus próprios gostos e prostra-se no cativado do egocentrismo. Carlos & Meire (2012) atestam essa temática do personagem da narrativa em questão ao dissertar em seu artigo, *Das águas míticas do stygian*, que se encontram os ecos narcisistas na sociedade contemporânea quando se prevalece a qualquer custo nas relações interpessoais e com o mundo a satisfação pessoal em detrimento do bem-comum.

Por esses motivos, os mitos e a Literatura greco-romana podem ser apresentados na vida intelectual de qualquer indivíduo, representando-lhe um agregado cultural riquíssimo, tornando-o capaz de conferir suas características essenciais e a de outros, simbolizadas na Literatura universal, trazendo-lhe o senso e a consolação de

que não é o único indivíduo a lidar com fatores sociais, psicológicos ou morais tão complexos sozinho.

Outro grande benefício que se espera do contato com a literatura greco-romana configura-se em mais uma questão específica a ilustrar este trabalho, qual seja: de que maneira o contato com obras da cultura greco-romana aumenta o repertório linguístico do indivíduo? Ora, a grande maioria das obras pertencentes a essa categoria originaram-se da tradição oral, criada para fins de recitação com suas redondilhas e métricas.

A própria musicalidade é propícia para a memorização de textos e palavras, seja em qualquer ocasião. Assim, ao deparar-se com as mais ricas traduções de tais obras para a Língua Portuguesa e com a sonorização dos textos, o leitor ou ouvinte será como “intimado” a se apropriar do vocabulário que lhe está sendo apresentado.

A seleção da fábula em versos, *Os Companheiros de Ulisses*, como o nosso *corpus* e produto intervencionista, em sala de aula, do oitavo ano de Ensino Fundamental, deu-se pela sua essência simbólica e exortativa em seu texto (palavras). Unir a arte do poeta Homero ao criativo enredo do fabulista La Fontaine trouxe um ganho imenso a tal obra a ponto de tornar possível o indivíduo - em questão, o jovem - enxergar-se de maneira distanciada; em simples palavras, por meio de imagens de bichos e de dramatização.

Em meio ao estéril turbilhão da vida contemporânea, não se encontra predisposição à reflexão e à apreciação, bem como referências universais e orientadoras para remar o barco da vida. Considerando, pois, que a Literatura é a representação da essência humana, trazendo dessa as suas maiores e superiores experiências, constitui-se para nós um importante dever levá-la às gerações presentes e futuras a fim de aumentar seu leque de referências culturais e humanas.

A musicalidade, própria dos poemas de tradição oral, que facilita a fixação do vocabulário, também foi algo importante levado em conta na adoção desse objeto de estudo. Sobre essa peculiaridade rítmica dos textos, Alves (2008) alega que o meio para encontrar a mensagem comunicada da poesia é a diligente observância por repetidas vezes de sua sonoridade, ou seja, por meio de suas constantes leituras até adquirir a sensibilidade auditiva para perceber as suas sutilezas comunicativas por meio do ritmo.

Além dessa premissa, há o fato de que esse recurso estilístico tem a capacidade de vislumbrar os seus ouvintes pela musicalidade que lhe é própria. Partindo disso,

Alves (2008) relata algumas experiências de formação leitora de jovens graças a essa característica peculiar e encantadora dos textos poéticos:

Quantas vezes, na experiência cotidiana da leitura de poemas em sala de aula, não somos surpreendidos com depoimentos de alunos que passaram a gostar de poesia depois de terem realizado várias audições de diversos poemas. E, a partir daí, muitos vão se tornando leitores de poesia. Diferentes e repetidas leituras orais em sala de aula podem ajudar o leitor a encontrar, além do tom adequado, o andamento mais preciso que poderá detonar a percepção do “sentimento” que o poema comunica (ALVES, 2008, p. 25).

Tudo isso porque a poesia une sentido e som para se expressar: esse último é o instrumento do primeiro para falar ao ouvinte, ou seja, ritmo e mensagem na poesia são indissociáveis. Norma Goldstein (2006) alega que o ritmo acompanha o estilo de vida da época vigente:

Um exemplo: a vida das pessoas, durante muito tempo, era mais padronizada, talvez mais calma. Nesse período, o ritmo era simétrico e regular. Ele correspondia à vida que as pessoas levavam. A regularidade – de vida e de ritmo poético- prevaleceu até fins do século XIX e início do século XX (GOLDSTEIN, 2006, p. 20).

Essa reflexão é compatível com o parágrafo anterior: o ritmo é parte constituinte da mensagem produzida pelo poeta. Ainda nesse raciocínio e ainda se baseando em Goldstein (2006), esse recurso possui uma ligação tão estreita com o sentido do poema, sendo necessário, pois, reconhecê-lo por compasso da arte, tendo em vista que para tudo o que fazemos na vida tem um ritmo e na poesia não seria diferente.

Já cientes e convencidos da riqueza que representa o ritmo poético, exposta em linhas anteriores, o seguinte parágrafo será dedicado à apresentação dos objetivos que animaram a criação desta dissertação.

Diante de um farto acervo que nos oferece a Literatura greco-romana, apesar da nossa consciência de que não se preenchem diversas lacunas de uma só vez, é necessário ensaiar o “primeiro passo” com um objeto de intervenção. Demanda que se configurou em objetivo geral deste trabalho, qual seja: favorecer o letramento literário em sala de aula, na apresentação da Literatura greco-romana, como a *Odisseia* e uma das fábulas de La Fontaine, sendo tais os objetivos específicos: analisar se há unanimidade no conceito de “Letramento Literário” entre a academia e a prática docente; refletir como fazer os alunos reconhecerem que o gênero fábula pode trazer em sua narrativa a alegoria dos fenômenos humanos universais; apresentar como em

geral se realiza a abordagem dos mitos da Literatura greco-romana em sala de aula do Ensino Fundamental – Anos finais.

Explicando em que consiste a função alegórica no gênero fábula, promovendo a atribuição de sentido a *Os Companheiros de Ulisses*, quando se apontam as alegorias durante a narrativa ao afirmar que as figuras ali presentes são uma personificação das mais importantes experiências humanas, como bem classifica Hansen (2006):

A alegoria diz b para significar a. A Retórica antiga assim a constitui, teorizando-a como modalidade da elocução, isto é, como *ornatos* ou ornamento do discurso (...) Nesse sentido, ela é um procedimento construtivo, constituindo o que a Antiguidade greco-latina e cristã, continuada pela Idade Média, chamou de “alegoria dos poetas”: expressão alegórica, técnica metafórica de representar e personificar abstrações (HANSEN, 2006, p.7).

Essa linguagem é então enquadrada como um meio metafórico que envolve a representação e personificação de abstrações por meio de elementos simbólicos. O termo "retórica antiga" sugere que essa prática tem raízes profundas na tradição literária e discursiva, sendo-lhe considerada como um ornamento eloquente e construtivo.

Equivocadamente a maioria das pessoas acredita que a função da arte literária é apenas para fins recreativos e a considera como instrumento de mera satisfação pessoal, o que não é verdade em nossa leitura. Pois as obras revelam-se diante de nós, apontando nossas próprias fraquezas, anseios e defeitos; e, por outro lado, também evidenciam protótipos da bondade, da beleza e da verdade.

Enriquecer o repertório cultural por meio da Literatura, como já mencionado, é abrir a janela do conhecimento amplia os horizontes de um indivíduo. Ao deparar-se com um acontecido em seu meio de convivência, o indivíduo que é dotado de cultura literária não vai se acometer de perplexidade e estranhamento e ainda deve ser levada em conta a possibilidade de intercâmbio com outras culturas nacionais, oportunidade essa que faz o leitor fazer associações entre os costumes de cada povo, encontrando até possíveis explicações para comportamentos e costumes sociais.

Apresentar, durante as aulas de Literatura, noções de Intertextualidade, de Literatura Fantástica e Maravilhosa e a teoria do conto, por exemplo, são motivações para o despertar literário. Pois, como diz Santo Agostinho (2004, p. 33), em suas *Confissões*, escritas entre os anos de 397 – 398, “só se ama aquilo que se conhece”.

Portanto, só é possível amar qualquer que seja o objeto, se conhecê-lo por dentro, ou seja, se se encontrarem razões para amá-lo, se sua grandeza for desvelada.

Por mito, entende-se que é a linguagem com a qual as coisas visíveis e invisíveis são trazidas até a realidade por meio das musas. A primeira refere-se aos elementos presentes no mundo, como a natureza; a segunda pode ser considerada como os sentimentos humanos, desígnios dos deuses, castigos ou recompensas das divindades. Do grego *mythos*, esta expressão refere-se a uma perspectiva da linguagem; suponha-se que esta é constituída de uma parte lógica e de uma parte simbólica, que é o mito:

*Lógos e mythos* são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida do espírito. O logos, sendo um raciocínio, pretende convencer; ele provoca em quem ouve a necessidade de fazer um julgamento. O logos é verdadeiro se for correto e conforme à “lógica”; é falso se dissimular algum embuste secreto (um “sofisma”). Mas o “mito” não tem outro fim senão ele mesmo. Quer se acredite nele ou não, ao bel-prazer, por um ato de fé, quer seja considerado “belo” ou verossímil, ou simplesmente porque se deseja acreditar nele (...) (GRIMAL, 2013, p.05 e 06).

Partindo da visão exposta no excerto acima, o mito é o elemento da vida humana que aproxima o indivíduo do transcendente e do abstrato; é considerado o tradutor dos fenômenos indizíveis e invisíveis; e por meio de simbolismo também nos desvela as coisas visíveis. Eis aqui o conceito de mito solidamente elucidado.

Desta forma, conclui-se que a mitologia, essência do *corpus* deste trabalho transporta os fenômenos mais velados da existência humana e do mundo até o indivíduo; e zelando pela integridade do indivíduo, ou seja, considerando todas as suas dimensões - espiritual, psicológica, emocional e física - não se deve privar nenhum ser humano do conhecimento dos mitos, pois também aí se localiza a construção de sua identidade e de sua humanidade. E se a nenhum indivíduo pode ser negado isso, logicamente, as crianças e adolescentes estão inclusas nesse direito.

Considerando o mito enquanto gênero, Baseio (2012) discrimina as suas seguintes características: os personagens surgem como deuses, sendo a narrativa conduzida em terceira pessoa, geralmente em monólogo; linguagem concisa com predominantes marcas da oralidade.

No conteúdo, o mito costuma abordar temáticas referentes à vida humana, além de apresentar simplicidade na organização textual, sendo as mitologias contadas em reta cronológica de acontecimentos. Góes (1991) afirma que o gênero mito sempre culmina em um trágico fim, recorrendo consistentemente a símbolos linguísticos para

retratar temáticas mais profundas de natureza inconsciente.

Assim, por apresentar acessibilidade em sua escrita e por desvelar questões escondidas ao nosso imediato entendimento, os mitos cumprem todos os requisitos para serem apresentados em sala de aula e propiciarem o letramento literário a crianças e adolescentes. Além disso, não se pode deixar de levar em conta a magia que possuem os mitos, atributo que naturalmente chama a atenção dos mais jovens, inebriando-os.

Entende-se que por a Literatura greco-romana ser universal, ou seja, carrega consigo as experiências humanas que, representando qualquer povo de qualquer nação e, em qualquer época, essa arte não deveria ser extinta do currículo formal escolar, uma vez que, na grande maioria das vezes, o primeiro e o único contato do jovem com essa leitura acontece no ambiente escolar. Além disso, dada à vida acelerada das crianças, adolescentes e adultos contemporâneos, mal se sobra tempo para buscar referências a fim de conduzir a vida de maneira mais centrada, criativa, agradável etc. E a literatura tem também essa função. Não apenas a Literatura greco-romana e suas mitologias, mas também as outras artes de forma geral.

Há quem possa levantar a objeção de que algumas obras televisivas como novelas, séries ou obras cinematográficas podem fazer esse papel humanizador e redentor do espírito humano, mas a essa interpelação, levanta-se a seguinte afirmação: muito dessas linguagens artísticas supracitadas têm em sua essência algum diálogo com a Literatura. Seja por meio de símbolos ou personagens, acontecendo o fenômeno que se chama de releituras ou até mesmo uma clara reprodução de algo muito antes retratado na arte da palavra.

Além de todos esses motivos citados, em parágrafos anteriores, em prol da manutenção da Literatura greco-romana em sala de aula, há também a propiciação aos jovens de entenderem os clássicos escritores luso-brasileiros como Machado de Assis (1904)<sup>1</sup>, Luís de Camões (1982)<sup>2</sup>, Monteiro Lobato (1985/2020)<sup>3</sup> entre tantos outros; autores que se apoderaram do estilo dos clássicos, influenciando decisivamente em sua formação escritora. A partir dessa premissa, constata-se que não há como entender os clássicos, explorando suas diversas possibilidades interpretativas e não conseguir

---

<sup>1</sup> É possível encontrar os clássicos em diversos momentos da Literatura Luso-brasileira, como em *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, em que o trágico enredo remonta a mitologia.

<sup>2</sup> A exemplo do que vemos n' *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, que, como sabemos, baseia-se nas epopeias de Homero e Virgílio.

<sup>3</sup> Muitas são as obras que poderíamos citar nesse caso, como vemos constantemente no *Sítio do Picapau amarelo* (2020), como também em *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1985), por exemplo, em que Monteiro Lobato aborda a mitologia e a brasilidade dos personagens do sítio, para que os trabalhos do semideus sejam realizados.

inferir outros textos literários, pois estes últimos foram diretamente influenciados por aquele. Até mesmo em literatura de língua estrangeira, é possível desta se inteirar, pois, como o adjetivo aponta: o clássico representa o universal, assim, essa Literatura também serviu de referência para a produção literária do ocidente. Deve-se aqui também expor a benesse dos mitos da Literatura clássica em sala de aula como um suporte em aulas de Geografia, de História, de Filosofia e de Ensino Religioso, uma vez que diversas obras clássicas contêm em si fartas referências etnográficas:

A cultura dos povos antigos, o modo de vida, os ritos, os mitos, os valores, os costumes, entre tantos outros aspectos, poderia servir de elo interdisciplinar, ato que amplia e aprofunda o conhecimento escolar (DANTAS, 2013, p.173).

Dessa forma, o ensino da mitologia clássica promove a oportunidade de autoconhecimento a quem aprecia essa arte, de maneira que conhecendo determinadas narrativas, há possibilidade de conhecer a influência da formação cultural da sociedade em que se vive no momento presente; seu comportamento; a motivação de eventos históricos e outros fatores. De posse desse conhecimento, o indivíduo possui atributos necessários para se voltar ao seu presente, compreendê-lo, com ele se reconciliar e a partir disso antever seu futuro:

E, nesse ato de ressignificação do clássico, o passado faz-se presente e perpetua-se no futuro, a partir do momento em que influencia mais uma geração de leitores, escritores e cidadãos conhecedores e críticos de sua identidade (DANTAS, 2013, p.173).

Assim, a Literatura greco-romana é um dos grandes acervos que tem registrada a trajetória cultural da humanidade, sendo os clássicos concebidos como promoção do conhecimento da própria história do indivíduo, bem como uma fonte inesgotável de inspirações para outras produções artísticas, culturais e parâmetros de comportamento.

O contato com os mitos na escola é o equivalente a tomar parte de uma herança memorial, uma vez que esses clássicos são atemporais, formaram autores também universais e consagrados pela humanidade, inspirou e inspira diversas releituras por parte de outras linguagens artísticas ao longo do tempo. Assim, ficar sem conhecer a mitologia clássica é o mesmo que não conhecer os acontecimentos mais importantes da humanidade, equivale a desconhecer a origem do mundo, a história das guerras e outros eventos históricos.

Portanto, o contato com a Literatura greco-romana configura-se em um direito inalienável de cada homem, pois “Os clássicos são parte da sociedade construída há milênios e nós, como parcela dessa sociedade, temos o direito a ter acesso ao que nos pertence (...)” (DANTAS, 2013, p.177). Assim, consideramos a mitologia clássica como uma importante parte constituinte da nossa história.

Diante do exposto, esta dissertação encontra-se dividida em três capítulos, sendo o primeiro dedicado aos pressupostos teóricos em que se embasa a pesquisa, apresentando o conceito de mito e de fábula; o segundo, abordando o letramento literário, bem como a realização deste último pelas obras adaptadas e a relação entre Os Companheiros de Ulisses e a *Odisseia*. Por fim, o terceiro e último capítulo em que se disserta sobre o tipo de pesquisa escolhida, sobre a esquematização dos passos a seguir para a intervenção em sala de aula e a descrição geral do período destinado à sua aplicação, concluindo-se com as considerações finais.

## **CAPÍTULO 01**

### **PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Os pilares teóricos essenciais que conduzem e orientam este estudo são delineados neste capítulo. O primeiro pilar aborda o conceito de mito e mitologia e seus reflexos em *Os Companheiros de Ulisses e Odisseia*, destacando sua importância pelos seus aspectos estéticos e sociais, bem como sua contribuição para o leitor. O segundo pilar explora a relação entre a fábula a ser estudada e a *Odisseia* de Homero. O terceiro pilar destaca o letramento literário com adaptações dos clássicos como a abordagem subjacente a esta proposta de ensino, que considera a escola como uma mediadora fundamental na formação literária do aluno e delineia estratégias que orientam a implementação prática desse trabalho para desenvolver as habilidades de leitura literária do estudante; Por fim, o quarto e último pilar que apresenta o conceito de Letramento literário.

#### **1.1. MITO E MITOLOGIA GRECO-ROMANA: CONCEITOS, CONTEXTUALIZAÇÃO, ECOS E REFLEXÕES EM OS COMPANHEIROS DE ULISSES**

Para começar a falar de mitologia, que é o estudo do “mito” ou seu conjunto, faz-se necessário defini-lo. Para tal feito, será exposta a definição filosófica de Eliade (1963), que prefere designar esse termo como a contação de uma história sagrada sobre a origem das coisas visíveis e/ou invisíveis: “É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser” (ELIADE, 1963, p.09). Assim, os mitos se encarregam de nos ilustrar o princípio das realidades concretas e abstratas, imanes e/ou efêmeras.

Em narrativas mitológicas, os personagens são quase sempre entidades sobrenaturais e permanentemente associados à criação dos seres: “Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a

"sobrenaturalidade") de suas obras” (ELIADE, 1963, p.09). Assim, o papel dessas narrativas é retratar as aparições e os feitos dos entes criadores, explicando com isso a origem das coisas conhecidas e desconhecidas, como já mencionado em linhas anteriores. Em suma, o mito se encarrega de relatar a realidade, seja ela visível ou invisível.

É necessário conhecer o teor narrativo em que os mitos se desenvolvem, pois são deles que se extraem os modos de viver de épocas mais remotas. Mais do que ilustrar a realidade e sua origem, tais narrativas propõem com sua existência o modelo de viver a vida ou justificam-no, como os costumes e os procedimentos a serem seguidos em determinadas ocasiões.

Sobre explicar a origem dos fatos existentes na realidade e/ou as práticas de convivência humana, a narrativa mitológica se divide, segundo Eliade (1963) em: a) mitos de origem ou cosmogônico; b) Mitos e ritos de renovação; c) escatológicos e cosmogônicos; d) Ontologia e história; e) Mitologia da memória e do esquecimento.

Os mitos de origem ou cosmogônico consistem em narrar o surgimento dos entes sobrenaturais: “a cosmogonia torna-se o modelo exemplar para toda espécie de "criação"” (ELIADE, 1963, p.27). Em suma, os mitos de origem oferecem continuidade à Cosmogonia - Tais narrativas desempenham o papel de nos contar como os entes se desenvolveram e existem ao longo do tempo com suas transformações e transfigurações.

Os Mitos e ritos de renovação encarregam-se de rememorar aos seus ouvintes/leitores como o mundo e as coisas foram criados, bem como seu curso de existência, ou seja, encarregam-se de recomeçar ciclos. Já os mitos escatológicos ou cosmogônicos retratam ao povo o encerramento de um ciclo - a existência humana e a terra - para ser iniciada uma nova era; o exemplo disso é o mito de Deucalião e Pirra, casal escolhido pelos deuses para se salvarem da destruição da terra pelo dilúvio.

Os mitos de ontologia e história consistem em explanar a essência humana - suas capacidades, defeitos e condição inerente: “Para o homo religiosus, a existência real, autêntica, começa no momento em que ele recebe a comunicação dessa história primordial e aceita as suas consequências” (ELIADE, 1963, p.68). Assim, esses mitos atuam como farol para a humanidade, iluminando os seus passos e constituindo a motivação para seus atos, escolha de valores, de princípios e de ideologias.

Na Literatura mitológica, também encontramos os mitos da memória e do esquecimento. Esse último consiste em uma perda da identidade de uma liderança espiritual - um salvador, ocasionada por algum afeto com o que foi acometido; e o

“resgate” de sua essência constitui-se os mitos de memória, que retrata toda a Ode - o percurso do retorno do mestre espiritual ao cerne de sua existência, promovido por símbolos que a remetem:

Esse tema mítico se reduz aos seguintes elementos: 1) um Mestre espiritual se apaixona por uma Rainha ou é feito prisioneiro pelas mulheres; 2) em ambos os casos, um amor físico acarreta a imediata amnésia do Mestre; 3) seu discípulo o encontra e, por meio de diversos símbolos (danças, sinais secretos, linguagem enigmática), ajuda-o a recuperar a memória, i. e., a consciência de sua identidade; 4) o "esquecimento" do Mestre pode ser comparado à morte e, inversamente, seu "despertar" ou *anamnesis* surge como condição para a imortalidade (ELIADE, 1963, p.83 e 84).

Assim, as narrativas descritas como mitos de memória simbolizam a nova “identidade” do Mestre ou o início de um novo ciclo de sua vida de modo particular. Geralmente, tais enredos ilustram a inauguração desse novo tempo sendo promovido por seu discípulo: “lembra até certo ponto o célebre mito gnóstico do "Salvador Salvo"” (ELIADE, 1963, p.84). Buscando na mitologia grega o mito de memória e de esquecimento, temos as figuras de Baco e de Sileno, em que esse último é o mestre espiritual daquele, mas se perde em festins, sendo resgatado pelo Rei Midas que, por isso, o é prontamente recompensado pelo deus Baco por tão grande favor.

Para explicitar a influência que a mitologia tem na cultura ocidental, demonstram-se aqui alguns vocábulos cujo significado foi diretamente inspirado na Literatura clássica. A primeira é “pânico”, alusivo ao deus dos bosques, das montanhas e dos campos. Pã – em grego Πάν [Pán] – tinha uma figura assustadora, ostentando chifres e patas de bode. Esse nume trazia em si um insaciável desejo sexual, que o impulsionava a investidas sexuais sobre as ninfas e também sobre jovens rapazes. Quando Pã surgia, todos os presentes corriam apavorados, os quais também passaram a relacioná-lo aos ruídos noturnos. Por isso, tudo o que for relacionado ao medo, atribuiu-se à palavra Pânico. Antes denominado “medo pânico” ou “terror pânico”, variando ao longo do tempo, sendo agora pronunciada apenas a última palavra, convertendo assim em um substantivo.

A segunda palavra que se tem no vocabulário brasileiro com influência mitológica é a “morfina”, que vem de “Morfeu”- o deus do sono. Assim, sabemos que esse fármaco provoca um efeito anestésico no ser humano para não sentir a dor, relacionando-se a um efeito relaxante, que se assemelha ao estado de dormência (sono).

A terceira palavra que selecionamos é mercúrio, conhecido como uma substância química que se lava em questão de segundos ao ser adicionado sobre uma superfície.

Seu nome é o mesmo do mensageiro dos deuses, conhecido como o que dissemina a mensagem das divindades rapidamente, devendo isso às suas asas da cabeça e dos calcanhares.

Aqui se mencionam outras palavras constantemente pronunciadas no cotidiano que teve a mitologia grega como inspiração, tais como: “eólico”<sup>1</sup>, “vulcão”<sup>2</sup>, “eco”<sup>3</sup>, “música”<sup>4</sup>, “museu”<sup>5</sup>, “atlântico”<sup>6</sup> e “tartaruga”<sup>7</sup>.<sup>4</sup>

Assim, conhecer os principais mitos da cultura clássica possibilita a ampliação do vocabulário e principalmente, conhecer o próprio idioma português, cuja formação foi por ela diretamente influenciada.

A influência mitológica nas ciências jurídicas também é existente - segundo Siciliani (2011), em seu artigo “*Bases mitológicas e literárias do conceito grego de justiça*”, ensaia afirmar que embora sobre esse termo não sejam encontradas referências explícitas em Homero, nem em Hesíodo, esses autores referiam-se à justiça sob o termo “*dikē*” para aludir às decisões judiciais, como também a palavra “*themis*”, que implica em “bom conselho”. Paulatinamente, na civilização grega, esse signo “*themis*” foi ganhando significado de prudência, pois esse nome é o da deusa que personifica tal virtude. Assim, a referida divindade era a que estava à frente de reuniões públicas nas quais se atribuíam as leis civis Del Vecchio (1987, apud Siciliani 2011).

Tal era o modo como o senso de justiça era cultivado na mitologia grega, formando as bases da sociedade ocidental, para levar à compreensão das ciências jurídicas, enquanto patrimônio e se ter ciência sobre o que se conhece hoje do Direito já estava no pensamento dos primeiros autores ocidentais: “Dessa forma, o estudo da mitologia grega e de sua literatura se fez necessário para a compreensão da concepção grega da justiça” (SICILIANI, 2011, p.74).

---

1. Refere-se a Éolo, o deus do vento.

2. Originário do deus *Vulcano* ou *Volcanus*, da mitologia romana, deus do fogo que fertiliza a terra, mas também tem alto poder destruidor. Na mitologia grega, no entanto, esse deus é chamado de Hefesto, o deus da ferragem.

3. Eco se refere a uma ninfa que gostava bastante de conversar. Valendo-se desse atributo, Zeus, o deus dos deuses, ordenou-a que distraísse sua esposa, Hera, enquanto ele iria se encontrar com suas amantes. Aquela, percebendo a malícia da ninfa Eco, castigou-a retirando-lhe sua habilidade de fala, sentenciando-a a repetir apenas as últimas palavras que ouvia de outros seres.

4. Da expressão “*musiké téchne*”: arte das musas em criar sons sucessivos alternados com pausas em um determinado tempo para iniciar e terminar.

5. Do latim “*museum*” que denota um centro histórico. Do grego “*mouseion*” que se refere a também um espaço para expressões artísticas em homenagem às musas.

6. Do deus grego chamado “Atlas”, o deus dos mares, que carregava toda a terra em suas costas.

7. Vem do latim “*tartarucha*” ou “*tartaruca*” que significa habitante do Tártaro, local semelhante ao inferno para os gregos. Na mitologia, a tartaruga era vista como um sinal de mau presságio por se deduzir que esse animal vinha diretamente do lugar tartáreo.

Ainda para sinalizar essa relação entre Mitologia e o conceito de Justiça, transcreve-se abaixo o que diz Siciliani (2011, p.74):

Nessa senda, vimos que os mitos trouxeram, representados pelas deusas Eunomia, Eirene e Diké, as noções de disciplina, harmonia e justiça; e as poesias e as tragédias colaboraram para a construção do pensamento do homem grego na medida em que impõem princípios morais, ofereceram regras práticas para a orientação do homem, fixaram castigos executados por uma autoridade legitimamente estabelecida para aqueles que infringiam tais regras, pois não possuíam a *sophrosyne*, e exaltaram o ideal heróico de excelência do homem grego, a *areté*. A partir de tais análises, pudemos verificar que o primeiro grau de elaboração conceitual do conceito de justiça pelos gregos é representado pela formação do conceito de *dikaio syne*, que em si acolhe o fundo comum das representações míticas primitivas das três deusas ora mencionadas. A *areté* ganhou novos contornos de virtude e passou a significar o modelo ideal de cidadão da pólis grega, o homem justo que reúne em si as quatro virtudes da justiça: a *andreia*, a *sophrosyne*, a *phronesis* e a *dikaio syne* (SICILIANI, 2011, p.74).

Na religião, é também possível encontrar semelhança entre o cristianismo e a literatura clássica greco-romana: a noção de pecado original nas figuras de Adão e Eva, que por ter cometido desobediência ao Seu Criador, desgraçou toda a sua descendência (toda a humanidade) de maneira que o significado do termo “Filhos de Eva” consiste em dizer que todos os seres humanos são pecadores desde a concepção. Situação semelhante, a Literatura clássica nos traz em Tântalo, filho de Zeus e Plutó e soberano da Lídia. Esse personagem, ao longo dos contos, trai a confiança dos deuses não raras vezes. Dentre tantos pecados que desafiavam os deuses por ele cometidos, Tântalo se desgraçou para sempre ao ousar oferecer um de seus herdeiros, Pélops, em um banquete dos deuses a fim de provar a onisciência destes últimos. Esse grave delito acarretou na maldição de toda sua geração presente e futura:

Diversos autores clássicos, como Homero, Ésquilo, Eurípedes, Virgílio, Sêneca, Higino, Ovídio etc., exploraram tal mito e fizeram conhecer a desgraça que se abateu sobre os tantálidas (descendentes de Tântalo). A famosa guerra de Tróia, por exemplo, encontra-se nessa trama desgraçada que é a história dos descendentes de Tântalo [...] (SILVA, 2020, p.696).

Outra semelhança também pode ser observada na noção de inferno e céu, Tártaro e Érebo, respectivamente. Sabe-se que na concepção cristã, o inferno é o lugar de condenação eterna, enquanto que o céu é para onde vão as almas bem aventuradas para junto do Deus criador.

Na mitologia grega, têm-se o tártaro, parte constituinte do Hades, para onde iam

os homens e até deuses que tivessem praticado a maldade pela terra, enquanto que para o Érebo, uma espécie de paraíso - em algumas variações da mitologia, alega-se que esse lugar encontrava-se na terra; em outras, no Hades, que é para onde todos os mortos iriam. O que se deve levar em conta é que na Mitologia grega, também há noção de destino final para os bons e maus, como na concepção cristã. Esse é mais um fator que aproxima a literatura clássica da humanidade e sua geração atual.

É válido lembrar que também é possível encontrar a mitologia clássica sendo revisitada nas artes cênicas e na música, como na ópera em tributo a *Orfeu e Eurídice*, na música instrumental, nas telenovelas, que ora fazem adaptação de obras clássicas, ora fazem intertextualidade, como o filme brasileiro *Orfeu* (1999), dirigido por Carlos Diegues, inspirado também na obra supracitada. Enfim, a Literatura Clássica está em todas as vertentes artísticas. Esta seção foi dedicada a destacar sua relevância, contribuição e superioridade significativa.

## **1.2. OS COMPANHEIROS DE ULISSES DE LA FONTAINE E SUAS RELAÇÕES COM O MITO HOMÉRICO DA ODISSEIA**

Segundo Eliade (1963), a mitologia greco-romana é um conjunto de narrativas que foi além da linguagem oral e escrita - transbordou por outras linguagens artísticas, como as Artes Cênicas, as Artes Plásticas, o Cinema e a Teledramaturgia, e que percorrendo por esses outros meios de expressões, os mitos de origem grega começou, de certa forma, a sofrer modificações em sua função mitológica, que é a de descrever a ação criativa dos Entes sobrenaturais e a vida de suas criaturas, bem como a origem do mundo e o seu percurso decorrido ao longo dos tempos - seu desenvolvimento, suas modificações, sua ascendência e sua ruína. Também o autor supracitado relaciona esse fato à equivocada crença de que a palavra “mito” refere-se meramente à ficção.

Embora as diversas críticas por parte dos jônios acerca do comportamento das divindades retratadas por Homero, é imprescindível expor que esse escritor grego pretendia com sua mitologia trazer paradigmas comportamentais a toda aristocracia militar e feudal e não um tratado teológico disposto a ensinar preceitos: “Seu gênio literário exerceu um fascínio jamais igualado; suas obras contribuíram grandemente para unificar e articular a cultura grega” (ELIADE, 1963, p.106). Assim, a literatura homérica foi cuidadosamente escrita, visando a um objetivo peculiar, o qual era a formação

cultural do povo grego.

Por outro lado, ainda que não fosse encontrado em Homero aprofundamento sobre a natureza divina dos Entes sobrenaturais, os personagens dos deuses ali apresentados é que povoou a cultura ocidental. Nesse hemisfério, sabe-se, na maioria das vezes, a representação homérica dessas figuras divinas é que permaneceu em nosso imaginário social.

Quanto à Mitologia Romana, sabemos que essas narrativas quase sempre aparecem associadas a narrativas gregas, uma vez que os mitos originários de Roma tiveram como inspiração essa última, apropriando-se da maior parte de suas divindades, moldando-as apenas aos seus costumes, atribuindo-lhes nomes próprios de seu povo e de se cultura, como enfatiza Commelin (1983). Assim, ainda que se constatem significativas semelhanças entre as narrativas gregas e romanas, pelo fator cultural, ambas possuem suas particularidades.

Ainda dissertando sobre as diferenças e semelhanças entre a mitologia de origem romana e a de origem grega, ao descrever o conteúdo daquela, encontram-se os mesmos deuses desta última, adaptando-se para a cultura romana apenas o nome das divindades e dos personagens:

Na mitologia grega o deus do amor, por exemplo, chama-se Eros e na mitologia romana o mesmo deus se chama Cupido, a deusa da beleza que na mitologia grega se chama Afrodite, na romana chama-se Vênus e assim por diante (SETTE, 2016, p.33).

Destarte, a Mitologia greco-romana é assim apresentada, formando esse adjetivo composto em sua nomenclatura, pois possui uma significativa relação de semelhança em sua formação - Termo que aqui será compreendido como sua constituição - Elas são quase indissociáveis e, unidas, exercem uma pesada influência sobre todo o ocidente, gerando outras obras literárias cuja criação foi animada por essas narrativas, ou seja, escolhendo-as como fonte de inspiração.

Debruçando sobre a formação da mitologia grega, constata-se que suas narrativas trazem mensagens e reflexões tão densas e que foram cuidadosa e rigorosamente escritas, que elas são consideradas como de “difícil definição”, segundo Sette (2016). Ao concluir a análise acerca da relevância do conteúdo dos mitos gregos, há o dever de comentar ao longo dos próximos parágrafos sobre a mitologia enquanto Literatura.

Quando se menciona Literatura e Mitologia, o que vem ao imaginário comum é

imediatamente a *Iliada e a Odisseia*, epopeias que tiveram como base os mitos para explicar o transcendente - sua origem e sua influência perante o mundo. Na mesma dinâmica seguiu a formação da Literatura Infantil: sua origem propriamente oral e a presença de elementos míticos para explicar o medo, o perigo, a bondade e outros fatores abstratos.

Sobre a relação Mitologia e Literatura Infanto-juvenil, complementamos:

Com o passar do tempo, sendo transmitidas oralmente de geração em geração, de forma espontânea, liberta e anônima, tais narrativas tradicionais se tornaram matéria-prima da literatura para crianças e jovens e manancial valioso para os atuais escritores (BASEIO, 2012, p.34).

Assim, a mitologia greco-romana também se constitui como um plano de fundo para as histórias voltadas ao público infanto-juvenil, de modo que ao se debruçar sobre essa última, observam-se até mesmo releituras da primeira. Citando algumas obras da Literatura Infantil inspiradas na Mitologia grega, destaca-se o “*Sítio do Picapau Amarelo*” (2020), que, segundo Ana Maria Machado (2002), essa obra lobatiana foi um elo entre seus leitores/apreciadores e as narrativas mitológicas. Dentre as referências da Literatura Infanto-juvenil que também dialogam com a Mitologia clássica encontram-se também “*Peripécias de Pilar na Grécia*”, de Flávia Lins e Silva (2005) e “*Entre Deuses e Monstros*”, de Lia Neiva (1989), como destaca Sette (2016).

Para a sala de aula, foi escolhida a fábula composta em versos *Os Companheiros de Ulisses* - inspirada no canto XV da *Odisseia* - como texto para ser trabalhado em aulas de Literatura como meio de fruição e letramento literário, pois se observa o que diz Souza (2020) a esse respeito: “(...) esse gênero literário assume um papel dadas suas características formais e discursivas, a fábula se constitui um rico material pedagógico para o propósito da formação de leitores críticos e autônomos” (SOUZA, p.62).

Afirma ainda Souza (2020) que as fábulas pertencem ao rol de narrativas breves, possuindo como uma das suas características mais importante, que é apresentar uma lição de moral por meio de símbolos. Conteúdo esse que ao seu leitor/ouvinte traz uma situação de vivência real humana. Do latim *fabula*, *fabulari*, que significa “falar” ou “dizer”, Portella (1983) classifica esse gênero literário da seguinte maneira:

Como forma literária específica, a fábula é uma narração breve, em prosa ou em verso, cujos personagens são, via de regra, animais e, sob uma ação alegórica, encerra uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário, que se depreende naturalmente do caso narrado (PORTELLA, 1983, p. 121).

Reafirmando tudo o que se viu acerca da fábula, é possível declarar que essa se configura como uma concisa narrativa fictícia cujo objetivo é apresentar emoções, condutas e sensações humanas verídicas, quer sejam esses atributos bons, quer sejam maus. Assim, é esperado que a leitura das fábulas conduza os leitores ao pensamento crítico. É também uma característica peculiar da fábula que o enredo traga em si animais como personagens, sendo possível, todavia, que esses se apresentem na forma de vegetais, seres inanimados ou até mesmo seres humanos, segundo destaca Souza (2020).

Ainda que as fábulas apresentem narrativas breves, aparentemente de fácil compreensão e que predominem no rol da literatura infanto-juvenil, esse gênero literário foi idealizado tendo o adulto como destinatário no intuito de instruí-los e distraí-los, por meio do escancaramento das suas próprias falhas de conduta. Ademais, serviam as fábulas como um meio para acusar ou fazer enxergar determinados maus costumes da época vigente (SOUZA, 2020).

Levando em conta, pois, todo esse contexto, a fábula é uma literatura constantemente atual, uma vez que a humanidade, em todas as épocas e localidades, frequentemente exibem vícios e virtudes em sua maneira de agir, e o meio em que se vive um indivíduo de igual modo apresentam questões passíveis de observação e de crítica, que de forma poética e impactante são melhor expostas por meio do saber popular retratado nas fábulas.

O gênero fábula é um texto milenar, ou seja, clássico, e por apresentar essa característica canônica, torna-se uma narrativa permanentemente atual carregada também de sabedoria popular:

A fábula é um gênero literário muito antigo que se encontra em praticamente todas as culturas humanas e em todos os períodos históricos. Este caráter universal da fábula se deve, sem dúvida, à sua ligação muito íntima com a sabedoria popular (BAGNO, 2006, p. 51).

Por a fábula trazer a síntese das qualidades e dos defeitos humanos, muitos fabulistas tornaram-se igualmente consagrados e atemporais como o grego Esopo (540 a.C.), o romano Fedro (10 a.C. a 69 d.C.), o francês La Fontaine (1621-1695), os brasileiros Monteiro Lobato (1882-1948), Millôr Fernandes (1926-2012), este último é o autor da obra “*Fábulas Fabulosas*” em que sarcasticamente retrata variadas temáticas, como a política, atribuindo dessa forma ao gênero fábula uma

característica pontualmente contemporânea.

Anatomicamente, a fábula tem sua estrutura em duas partes fundamentais, segundo Souza (2020), sendo organizada da seguinte maneira: uma narrativa curta e um ensinamento, chamado por La Fontaine de corpo e alma da fábula, em que o primeiro é representado pela narrativa, que constrói imagens, proporcionando uma forma para as ideias, pois “A alma é exatamente as verdades gerais corporificadas na narrativa” (PORTELLA, 1983, p. 121). Assim, é compreendida a narrativa (o texto verbal) da fábula como a matéria da alma - o ensinamento escondido nesse gênero: “Por outro lado, a alma seria o ensinamento trazido pela narrativa, a moralidade expressa pela história” (SOUZA, 2020, p. 66).

Paradoxalmente, a fábula se vale de uma comunicação fácil para trazer ao leitor uma lição de vida que demanda uma profunda, elaborada, sofisticada e provocante reflexão, configurando-se dessa maneira em uma obra digna de se fazer presente em todos os tempos.

Por essa série de atributos que possui a fábula, julga-se indispensável sua apresentação à turma do 8º ano do Ensino Fundamental - Anos Finais para lhe ser proporcionado o autêntico letramento literário, tendo em vista que o referido gênero nos traz a vivência do mundo real e os diversos contextos em que se desenrolam os acontecimentos cotidianos vivenciados por todo e qualquer indivíduo, tornando aqui o ensinar e o aprender desse público direcionado e cheio de significados.

Por a fábula ser materializada em narrativas curtas e de fácil entendimento, trazendo à tona as mais diferentes temáticas humanas universais e atemporais, esse gênero literário se faz perfeitamente adequado para trabalhar a habilidade de leitura com adolescentes.

Percebe-se que a diversidade e a atemporalidade das temáticas apresentadas pelas fábulas favorecem debates em sala de aula, fazendo com que os adolescentes estudantes associem o que viram na obra com as experiências por eles vividas no mundo real, proporcionando-lhes a reflexão crítica acerca de interpelações sociais e humanas da época vigente. Ademais, temos interessantes expectativas de que o trabalho com a fábula *Os Companheiros de Ulisses*, na ocasião do ensino de leitura literária na escola, seja um exercício agradável o qual poderá frutificar plenamente a vida dos estudantes do 8º ano. Neste momento, pois, será apresentado o cenário em que a *Odisseia* foi criada.

Segundo Cabral (2020), a Grécia se constituía em uma nação composta por vários núcleos, cada um deles possuindo independência administrativa, sendo o idioma o único ponto de unidade entre seus habitantes. Por fim, a Grécia constituiu-se em uma nação que traz em si múltiplas culturas. Vindo de um contexto de dominações, a época considerada o

berço do período latino clássico é o período de dominação pelos Dórios. Também nesse tempo, a escrita encontrava-se inutilizada, ouvia-se mais poesias orais declamadas principalmente pelos bardos, os que criavam e declamavam poesias juntamente com a lira.

Apenas no século III é que se datou o ressurgimento da escrita com a invenção do alfabeto adaptado pelos Fenícios. Neste período é que entrava em cena *A Odisseia* e *A Ilíada*, de Homero. Em nível de informação detalhada, é válido expor que tais obras são questionáveis quanto à sua autoria, por parte de alguns estudiosos, por apresentarem relevantes diferenças de estilo de escrita e até mesmo diferença cronológica entre as referidas obras, datando-se em um intervalo de um século aproximadamente.

Porém se acredita que, sim, Homero seria o intelectual mentor da *Odisseia* e da *Ilíada*, mas da seguinte forma: ou ele mesmo teria reunido as poesias orais declamadas pelo seu povo, ao longo dos séculos, ou teria recitado toda sua epopeia aos ouvintes e mais tarde, alguém as registrou, atribuindo-lhes ao autor grego a devida criação. Assim como em outros estudos, neste trabalho considerar-se-á Homero como autor único tanto da *Ilíada*, quanto da *Odisseia* e principalmente, desta última que é o tema desta seção.

Vale ressaltar que a tradição oral era a cultura do povo grego, por meio dos aedos, poetas que recebiam inspiração das musas para criar e recitar poesias. Isso implica dizer que é uma verdade o fato de a *Odisseia* ter passado por essa oralidade e ter sofrido sutis modificações e adaptações dos que recitavam-na:

Inclusive as histórias contidas nos poemas homéricos, a da guerra de Tróia e a da *Odisseia* de Homero, já eram cantadas desde muito tempo e estes mitos não possuíam uma versão oficial, canônica, por assim dizer, mas a cada bardo competia contar sua versão pessoal (CABRAL, 2020, p.35).

O que tornou a *Odisseia* única e notável foi sua capacidade de reunir várias epopeias em uma só narrativa, havendo em termos de influências externas apenas alguns sutis acréscimos incapazes de comprometer a origem autoral, segundo Fox (2013). Em face de tudo o que foi exposto, a dicotomia entre autoria única e coletiva, acréscimos sutis nas obras ou não, o estudioso Adrados (1963) revela-nos a posição privilegiada de Homero perante a Grécia, dando-lhe com isso o direito de recitar suas epopeias durante as festas do País as quais ocorria durante dias, fato que propiciava sua narrativa ser amplamente conhecida e propagada por aquele local.

Pelas características da *Odisseia*, estilos de escrita diversos e pertencentes a tempos distintos, fatores históricos que não ocorreu na mesma época, aumentou-se a hipótese de o próprio Homero não ter vivido no mesmo período dos acontecimentos de

suas epopeias e que ele herdou sua forma escrita da época dos micênicos.

Diante desse confronto de ordem cronológica, tende-se a crer que suas obras foram muito mais para formar uma referência moral aos gregos e quem as ouvisse do que epopeias ocupadas estritamente em narrar fatos verídicos em linguagem poética:

Um momento em que percebemos essa realidade mítica, de forte apelo moral, encontramos na *Odisseia*, quando da visita que Telêmaco realiza aos soberanos Nestor e Menelau, com os quais aprende os fundamentos de um tratamento cortês, próprio de pessoas civilizadas. Isso em contradição com o meio no qual ele se encontra envolvido, com pessoas que destroçam os bens de sua casa e cortejam desrespeitosamente sua mãe, tudo isso se aproveitando das próprias regras gregas de boa conduta, de que nunca se deve faltar nada a um convidado em sua casa (CABRAL, 2020, p.36).

A característica moral, canônica e da tradição oral, que apresentam as epopeias de Homero, e não excluída a *Odisseia*, apresentou um campo propício para inúmeras adaptações de diversos autores ao longo dos tempos: muitos se apoderaram de seu viés moral e dessa liberalidade que textos de tradição oral possuem em receber acréscimos estilísticos e narrativos em seu enredo. Um desses foi o autor Jean de La Fontaine (1621-1695), que narrou em formato de fábula a jornada do rei Ulisses na tentativa de voltar ao seu reino de Ítaca, episódio presente na *Odisseia*, e que dessa narrativa, o referido fabulista trouxe à tona temáticas como vícios, maldade, soberba e vaidade.

Reforça-se com esses escritos, pois, que o corpus deste trabalho será a comparação entre o episódio da tentativa de retorno de Ulisses à sua terra, narrada na *Odisseia*, e a fábula de Jean de La Fontaine, escrita no século XVIII, intitulada *Os Companheiros de Ulisses*.

Doravante, serão transcritos aqui alguns trechos da fábula em versos, contado por La Fontaine, a fim de ser analisada sua riqueza vocabular e se atestar a premissa do título dessa seção:

(...)

“Responde acorde  
Toda a matula.  
Tornar-se em homens,  
Quem diz? Não querem.  
Ser sempre feras  
Todos preferem.  
Matar a fome,  
Seguir o instinto,  
Vagar das selvas  
No labirinto;  
Eis as delícias  
D’estulta grei,  
Surda a incentivos,

Rebelde à lei;  
Julgam ser livres  
Nas solidões,  
Cevando, a soltas,  
Brutais paixões.  
Curto bestunto  
De bichos bravos  
Dos próprios vícios  
São mais que escravos.”

(...)

(FONTAINE, 2013, p.257)

“Acorde” tem o mesmo significado de “igual”, enquanto “matula” refere-se a um conjunto de pessoas de mau caráter; “estulta” é uma variação da palavra “estúpida” e “grei”. Palavra pouco conhecida da Língua Portuguesa - consiste em uma determinada organização de pessoas, como um partido, associação; enfim, um grupo de indivíduos com interesses comuns.

A palavra “surda”, inserida no contexto acima, refere-se ao fato de não dar atenção, enquanto “incentivos” configura-se o mesmo que conselhos/exortações, já “curto bestunto” é uma expressão que quer dizer “pouca sensatez e pouca inteligência”.

Observa-se no trecho acima transcrito que tais palavras foram selecionadas, obviamente, respeitando a sonoridade que deve compor todo texto em verso, mas ao mesmo tempo oferece o poema analisado ao leitor e/ou ouvinte a aquisição de palavras ora eruditas, ora popular, colaborando dessa forma para o repertório linguístico de quem for usufruí-la, deixando-o esteticamente mais belo e em consequência, mais convincente, dando ao escrevente ou ao falante uma admirável habilidade retórica e persuasiva.

Entrar em contato com textos da antiguidade, como *A Odisseia* ou as fábulas de La Fontaine, produzidos muito antes da era moderna e simultaneamente atemporal, possibilita ao adolescente ampliar suas experiências humanas, ao mesmo tempo, em que representa um ganho em suas referências comportamentais.

Conduzir paulatinamente os jovens a saírem de uma visão de mundo restrita própria da adolescência ajuda-os, em seu processo de amadurecimento, fazendo isso de maneira leve, sutil e inteligente. A primeira e a segunda, por se tratar de um texto literário com personagens em nosso lugar, para denunciar nossas próprias fraquezas, causando-nos certo distanciamento de nós mesmos para, assim, podermos ser capazes de enxergar nossas falhas. Além do fato de ser um texto ritmado e em versos, que dinamiza o pensamento, como também ser inteligente, pois direciona essa nossa faculdade intelectual, premiando-nos com um novo vocabulário, novos sentidos e conexão com a memória, uma vez que a leitura traz comprovadamente diversos benefícios neurológicos,

além de nos deixar propensos a acessar outras dimensões de nossa faculdade intelectual.

A vida contemporânea, herdeira da revolução industrial, encontra-se deveras acelerada. Tem-se ao nosso dispor sete dias com vinte e quatro horas cada. Desses sete, a grande maioria das pessoas se encontra intimada a estar produzindo, dando “resultados” em seis dias, senão em todos. Assim, imperceptivelmente, vamos apenas sobrevivendo e desfigurando-se de nossa humanidade.

Volvendo a observação para a vida adolescente, os jovens contemporâneos têm pouco ou nenhum contato afetivo com adultos, dos quais se esperam larga experiência de vida para lhes repassar. E isso é ocasionado pela vida veloz, mecânica e industrial remetida no parágrafo anterior. De igual forma acontece na escola, mais da metade do tempo é destinada ao cumprimento do currículo escolar formal.

Por conseguinte, os adolescentes atualmente têm referências bem complexas, tendo em vista a precariedade social do nosso país, o que gera muitas lacunas. Percebe-se com isso que os adolescentes se veem, muitas vezes de forma silenciosa e inconsciente, encastelados (presos) a uma única realidade, o que limita a visão de sua experiência de adolescência, dificultando compreensões e amadurecimentos, seja de experiência em leitura de mundo ou da leitura literária.

Abordar, dentre outros textos clássicos, *Os Companheiros de Ulisses*, em sala de aula, para nós é o início de um processo de formação abrangente dos adolescentes, que vão além do aspecto do letramento literário. Isso porque essa fábula (em versos) traz a alegoria da vaidade, da soberba e do comodismo, fazendo-os olhar para as nefastas consequências desses males, que são o hedonismo e o egocentrismo, responsáveis por muitos problemas humanitários que vivemos até hoje.

Ao longo de nossa dissertação, abordamos que a Literatura representa as mais superiores experiências humanas, como também reflete a beleza, a bondade, a verdade, a maldade etc. Porque a arte mimetiza a humanidade em sua essência, seja por meio de maus exemplos, como é o caso do texto escolhido neste trabalho, seja em suas ações mais nobres. A fim de causar repulsa aos leitores/ouvintes com o escancarar dos vícios, afinal, a ojeriza também é um meio catártico para o ser humano, já que um indivíduo é capaz de não querer cometer a mesma atitude de determinado personagem ou, até mesmo, não cair no mesmo destino.

Em *Os Companheiros de Ulisses*, contado pelo fabulista La Fontaine, é possível ver a vaidade alegorizada no personagem do leão; a soberba, no personagem do lobo; e o comodismo, no personagem do urso. Essas feras encarnam tais vícios movidos pelo

hedonismo, pois passam a viver regidos exclusivamente pelo prazer em todas suas manifestações e pelo egocentrismo, constituindo o império do “eu”. Assim, além de trabalharmos os sentidos dessa obra, também faremos com que os alunos conheçam a sua referência intertextual, a *Odisseia*, de Homero.

Sobre a literatura, regendo o modo de vida do indivíduo, aqui se transcreve uma passagem onde se relata a vida na Grécia antiga animada e motivada pelos cantos de Homero, o criador da *Odisseia*:

Homero teve um papel ímpar como poeta. Não era sem motivo que ele era denominado o educador da Hélade. Homero era invocado como autoridade em todas as questões, especialmente naquelas que diziam respeito à moral e à religião. Em Atenas, a *Ilíada* e a *Odisseia* eram memorizadas pelos jovens, determinando o vocabulário moral, político, estético e religioso. A educação que o jovem grego havia em Homero era a mesma que o poeta imprimia a seus heróis. Foi na atmosfera de moral cavalheiresca em que viveram os heróis homéricos que a juventude helênica buscou, durante séculos, inspiração para a tomada de atitude diante da vida (SICILIANI, 2011, p. 66).

Acreditando nas ideias acima, espera-se repetir na atualidade o que acontecia na Grécia antiga: a Literatura prestando esse imensurável benigno serviço à juventude. Esse foi o motivo da nossa escolha pela fábula *Os Companheiros de Ulisses*.

Cabral (2020), em seu trabalho “*As Estruturas do Imaginário na Odisseia de Homero*”, apresentou uma maneira de classificar os símbolos que Durand (1982) empreendeu, mas, especialmente, indicando os símbolos que são mais percebidos na obra homérica. Para tal feito, o critério de classificação simbólica usado pelo autor foi a conformidade com a organização estrutural e as regras do imaginário.

A *Odisseia*, como sabemos, é uma epopeia formada por vinte e quatro cantos, sendo que há três fios temáticos condutores, que são: (1) a peregrinação de Telêmaco, filho de Odisseu, pelas estrangeiras terras de Pilos e de Esparta, visando encontrar seu genitor; (2) em seguida, vê-se Odisseu (Ulisses), conversando com os habitantes dos lugares por onde ele passou no decorrer de suas aventuras e aflições, enquanto errava nas ondas até chegar aos locais predestinados; (3) por último, finalmente, temos o príncipe grego retornando ao seu reino de Ítaca e, junto com esse regresso, seu projeto de vingança sobre aqueles que cobiçavam sua rainha para si. Já *Os Companheiros de Ulisses*, a fábula escrita em versos por Jean de La Fontaine, tem sua estrutura em decassílabo, é composta por 126 versos e traz um recorte da epopeia, concentrando seu foco narrativo na segunda linha temática da *Odisseia*- Ulisses lembrando suas

aventuras enquanto tentava voltar a Ítaca. A seguir, compreendemos melhor como esses elementos estruturais e intertextuais são importantes para o letramento literário.

## CAPÍTULO 02

### 2. LETRAMENTO LITERÁRIO E/COM ADAPTAÇÕES DOS CLÁSSICOS

Esta seção será dedicada a discutir acerca do processo de adaptação dos clássicos, ou seja, a prática de contar narrativas pertencentes a essa categoria com a linguagem do público o qual se pretende alcançar.

A produção literária voltada para crianças era praticamente inexistente antes do século XVIII, sendo seu surgimento atrelado à concepção da infância, conforme Zilberman (1985, p.38). Segundo a autora, o gênero conhecido como literatura infantil se revela como um "gênero incompreensível sem a presença de seu público-alvo" (ZILBERMAN, 1985, p. 43), e esse público emerge apenas com o florescimento da ideologia burguesa, trazendo essa diferenciação de faixa etária, assim como a delimitação dos domínios da casa e do trabalho, da infância e da idade adulta. Em virtude dessa separação entre crianças e adultos, surge a demanda por uma educação pessoal e profissionalizante, abrindo espaço para a pedagogia, assim:

A literatura infantil emerge dentro desse panorama, contribuindo para a preparação da elite cultural, pela reutilização do material literário oriundo de duas fontes distintas e contrapostas: a adaptação dos clássicos e a dos contos de fadas de proveniência folclórica (ZILBERMAN, 1985, p. 44).

Conforme Zilberman (1985), a emergente forma literária encontra, na prática da adaptação, uma maneira de fomentar a interação entre o texto e a criança. Dado que essa literatura é produzida por adultos, ela apresenta uma dinâmica assimétrica e, por conseguinte, precisa estabelecer uma ponte comunicativa com seu leitor infantil. Com esse propósito, realiza-se a adaptação de textos originalmente direcionados a adultos para torná-los acessíveis às crianças. Para alcançar esse intento, são incorporados a esses textos elementos como o fantástico, o maravilhoso e a transmissão de valores burgueses.

Assim, a escritora sustenta que a prática de adaptação é fundamental na formação da origem da literatura infantil. Para ela “os livros destinados à infância têm sua origem histórica na adaptação, este fato decorre de sua natureza e mantém-se vigente em qualquer produção infantil” (ZILBERMAN, 1985, p. 50). Ao referenciar Göte Klinberg (1973), Zilberman (1985) identifica quais são esses elementos que permanecem em vigor:

- 1) Adaptação do assunto: considerando que a compreensão de mundo do receptor, assim como suas vivências, são limitadas, o escritor obriga-se a uma restrição no tratamento de certos temas, ideias ou problemas;
- 2) Adaptação da forma: sempre visando ao interesse do leitor, assim como às condições especiais de sua percepção do real, é importante que a forma escolhida coincida com suas expectativas recepcionais;
- 3) Adaptação do estilo: o vocabulário e a formulação sintática não podem exceder o domínio cognitivo do leitor;
- 4) A adaptação do meio: a presença de ilustrações e tipos gráficos graúdos, assim como a escolha de determinado formato e tamanho, enfim o aspecto externo do livro, são condições de atração das obras (ZILBERMAN, 2012, p. 50-51-52).

Após expor essas características da adaptação, Zilberman (2012, p. 53) declara que “o lugar da adaptação na literatura infantil é de natureza estrutural na medida em que atinge todos os seus aspectos”, sendo responsável por influenciar o tratamento do tema, da forma, do estilo e da aparência dos livros infantis e juvenis. Dessa maneira, a adaptação surgiu para satisfazer a necessidade de contato entre o criador, adulto, e o destinatário, criança, proporcionando meios de leitura a esse público.

No momento, a adaptação que deu origem a uma literatura voltada para o público infantil e juvenil tem seu conceito de reconto de histórias e reescrita de obras clássicas desvalorizadas. De acordo com Amorim (2005), especialistas da literatura e tradutores comumente “associam o conceito de adaptação a uma forma de simplificação ou empobrecimento dos textos originais, que atenderia apenas aos interesses comerciais das editoras, sem nenhuma preocupação com valores estéticos” (AMORIM, 2005, p. 15-16).

Carvalho (2006) endossa a tese supramencionada, ao afirmar que a crítica não considera a adaptação como um texto literário. De acordo com o autor, “alguns por não considerarem a natureza literária que as adaptações possam apresentar, outros por não aceitarem qualquer tipo de alteração numa obra” (CARVALHO, 2006, p. 46), refletindo assim uma visão mais restrita da literatura, sendo a fidelidade estrita ao texto original valorizada acima de inovações ou ajustes criativos.

Conforme Monteiro (2002), em sua dissertação intitulada “*Adaptações de clássicos literários brasileiros: paráfrases para o jovem leitor*”, a ideia formulada por uma parcela da crítica de que a adaptação é um texto que apenas simplifica, reduz e não se enquadra como literatura, ganhou força graças às editoras que, nos séculos XX e XXI, foram o berço de diversas obras adaptadas. Variando em qualidade, com algumas sendo excelentes e outras bastante questionáveis, fez corroborar as críticas.

Ainda segundo Monteiro (2002), o crescimento do mercado editorial brasileiro, a partir da década de 60, impulsionado pelos livros didáticos, rapidamente abriu espaço significativo para a literatura nas escolas, possibilitando também o surgimento de adaptações. Ele argumenta que os chamados 'clássicos escolares', mesmo em edições mais acessíveis, geram lucros consideráveis, desempenhando um papel crucial na sustentação da 'indústria do livro didático' durante seus períodos de menor atividade, ou seja, após período de início das aulas escolares.

A partir disso, inúmeras obras adaptadas foram e continuam sendo concebidas motivadas pela obtenção de lucro. Conforme observado ainda por Monteiro (2002), essa dinâmica é majoritariamente impulsionada pelo mercado-escola, por meio da "'venda por adoção'", quando o professor escolhe um livro para ser utilizado em sala de aula, impondo a sua leitura ao alunado, por meio de uma atividade avaliativa, tornando a sua aquisição obrigatória por parte dos alunos.

Nessa perspectiva, a extensa comercialização de obras literárias, principalmente as da categoria infanto-juvenil, abrangendo tanto obras de alta, quanto de baixa qualidade, incluindo as adaptações, e a implementação de abordagens pedagógicas que negligenciaram a excelência no ensino de literatura, acabaram por conduzir à marginalização do gênero adaptação.

Felizmente, o conceito de adaptação de obras literárias foi melhorando, ao longo do tempo, graças a pesquisas realmente comprometidas em analisar cuidadosamente as adaptações, tal como a de Carvalho (2006, p. 376). Neste caso, ele interpreta a adaptação como um gênero volátil devido à conformidade que integra a sua própria estrutura, já que cada produtor de adaptação desenvolve seu texto conforme a sua perspectiva e o perfil de seu público.

Embora instáveis sejam as adaptações, o autor sustenta que textos dessa natureza desempenham um papel central na formação das narrativas da literatura infanto-juvenil, uma premissa fundamentada em Zilberman (1985). Adicionalmente, ainda de acordo com Carvalho (2006), a adaptação promove o crescimento do mercado editorial brasileiro devido à nacionalização da literatura infantil no país.

Monteiro (2002) é mais um pesquisador contemporâneo que reconhece atributos no gênero adaptação. Esse estudioso define a adaptação como uma reinterpretação destinada ao leitor escolar: "a possibilidade de narrar uma história com palavras próprias, mantendo o enredo original; ou de traduzir uma passagem difícil em termos mais simples" (MONTEIRO, 2002, p. 18). Para validar essa concepção, ele examina três obras

adaptadas: "O Ateneu", de Raul Pompéia, "O Cortiço", de Aluísio Azevedo, e "Memórias de um sargento de milícias", de Manuel Antônio de Almeida. Além disso, apresenta as considerações de Carlos Heitor Cony sobre a prática de adaptação e evidencia como essa atividade integra uma rede intertextual que revisita e transforma o texto original, mantendo fidelidade ao enredo.

Em sua tese "*Permanência e mutações: o desafio de escrever adaptações escolares baseadas em clássicos da literatura*", Monteiro (2006) aprofunda a investigação sobre as adaptações e argumenta que o texto adaptado para o público escolar constitui uma atualização de um discurso literário. Nesta ocasião, o estudioso conduz uma pesquisa de campo, utilizando as adaptações de Ruth Rocha da "Odisseia" e de Ana Maria Machado de "O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda".

Durante sua pesquisa, o autor ressalta a importância vital das adaptações na sociedade, enfatizando que elas são não apenas uma realidade, mas também uma necessidade essencial, concluindo que são indispensáveis, porque toda sociedade enfrenta a demanda contínua de atualizar os seus diversos discursos. Estes que abrangem, desde a arte até a filosofia, passando pelos domínios jurídicos, científicos, políticos e religiosos, uma vez que esses discursos específicos constituem os alicerces fundamentais de uma sociedade, destacando que sua coesão e o seu desenvolvimento constante dependem da capacidade de atualizar, corrigir e ajustar seus discursos ao longo do tempo.

Argumentando ainda em defesa das adaptações, Grijó (2007), em sua pesquisa, afirma que a própria obra original é a motivação para a produção de textos adaptados. De acordo com a estudiosa, os motivos e justificativas para a existência de uma adaptação estão intrinsecamente ligados ao original, pois ela representa a porta de entrada para os clássicos na contemporaneidade vivenciada pelo leitor. Isso se deve à percepção de que a linguagem se apresenta como um desafio significativo entre o leitor contemporâneo e as grandes obras produzidas no passado.

A autora entende por adaptação da literatura "(...) obras que resultam de um diálogo direto com outras obras" (GRIJÓ, 2007, p. 97), a apropriação do texto original e sua reelaboração com o propósito de ajustar o discurso para um público diferente, resultando na criação de uma nova obra. Portanto, trata-se de um novo gênero voltado para o leitor jovem em processo de formação.

Retomando às pesquisas de Monteiro (2002), essas indicam que a escola desempenha o papel crucial de intermediar as obras adaptadas, uma vez que seu leitor está em processo de formação e precisa de um texto que facilite seu primeiro contato com

o clássico. As afirmações de Monteiro (2002) estão em sintonia com o que Batista & Martins (1996) destacam, ou seja, que na adaptação ocorre a alteração do texto, por meio de uma transposição do discurso, resultando em uma modificação na estrutura textual que requer uma harmonização direcionada ao público leitor.

Conforme esses autores, a "taxionomia" da adaptação constitui-se em um jogo de linguagem em que os verbos “transformar/transportar/modificar/harmonizar agem simultaneamente”, resultando essa dinâmica em felizes e necessárias adaptações (BATISTA; MARTINS, 1996, p. 8). Assim, caso a eficaz adaptação dos clássicos esteja atenta à demanda de formação do leitor, é possível executar uma excelente abordagem dessas obras na escola, especialmente do ponto de vista do letramento literário.

Entendemos, assim, que a adaptação explorada, dentro de uma abordagem como o letramento literário, promove o aprimoramento das habilidades de leitor literário, do indivíduo, começando do conhecido para o desconhecido, ou seja, utilizando o texto adaptado como uma etapa preliminar para posteriormente abordar a leitura de textos mais complexos, conforme indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infantojuvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais (MEC/SEF, 1998, p. 70).

Dada às pesquisas anteriormente mencionadas, é evidente que elas destacam a função e a relevância da adaptação literária no ambiente escolar. As ideias de Zilberman (2012), Batista e Martins (1996), Carvalho (2006), Monteiro (2002 e 2006) e Grijó (2007) conduzem à conclusão de que a adaptação representa um texto distinto, sendo mais do que simplesmente uma síntese de um clássico literário.

Portanto, esta pesquisa adotou a compreensão da adaptação como um diálogo com outra obra – uma tradução, baseando-se em Monteiro (2002), ao alegar que a adaptação bem construída busca desempenhar o papel de funcionar como uma tradução do texto original. Isso não em exatamente em sentido amplo, mas consistindo em uma tradução da cultura antiga ou anterior para a cultura do leitor atual.

Dessa forma, alcança-se o conceito de adaptação ora exposto: uma tradução, que é resultado de um texto emergente, a partir da reinterpretação de uma obra clássica para um

público em desenvolvimento, não com a intenção de substituí-la, mas de proporcionar a esse último um primeiro contato com os clássicos.

Não se pode deixar de observar que na contemporaneidade, a adaptação está em sintonia com o mundo multimídia, multissemiótico, e com as transformações intersemióticas dos clássicos para formatos como histórias em quadrinhos, cinema, televisão, games e, até mesmo, para o ambiente interativo-digital e musical. Isso decorre da representação atual da linguagem de variados modos, ou seja, da presença de diversos códigos para sua expressão.

Ao educador interessado em cultivar leitores literários, cabe estar atento a essas variadas narrativas que constituem expressões da sociedade atual e integram a vivência sociocultural dos jovens leitores. Portanto, será enfatizada, neste contexto, a adaptação do texto para o texto, considerando-a como a principal abordagem desta pesquisa, ainda que se reconheça o potencial da interação com essas outras linguagens, qual seja - o de enriquecer todo o processo de formação do leitor literário, funcionando como ferramentas de apoio e atuando como intermediárias no processo.

Diante de tudo o que foi apresentado, sugere-se que a adaptação literária pode ser um recurso para promover o letramento literário do aluno, proporcionando a oportunidade para que, no futuro, esses estudantes, como leitores mais experientes, possam se dedicar à leitura dos clássicos em sua forma original, desfrutando plenamente do que esses livros têm a oferecer.

Assim, para a execução desta pesquisa foi selecionada uma adaptação alinhada ao conceito adotado e às necessidades do ambiente escolar da pesquisa, um texto que se adequa a esses dois princípios orientadores do estudo, a saber: *A Odisseia de Homero adaptada para jovens*, de Frederico Lourenço, a qual não demonstra uma condição de inferioridade em relação ao clássico (o original), mas sim é uma tradução, reinterpretação e recriação de obras clássicas dirigidas a leitores em formação. Essas características são destacadas pelo enfoque na linguagem, na construção do texto e nos elementos estético-literários.

Dessa forma, a adaptação escolhida para a via do letramento literário na turma escolhida como sujeito da pesquisa foi *A Odisseia adaptada para jovens*, de Frederico Lourenço (2012), a qual será descrita a seguir em comparação à obra original *A Odisseia*: O texto de Homero é constituído de vinte e quatro livros, Lourenço (2012) os condensa em seis, cada um trazendo um fio temático, sendo estruturado em prosa, retextualizando o

poema épico para a narrativa, procurando conferir fluidez ao texto, propiciando sua imediata compreensão ao jovem leitor.

Em sua adaptação, Lourenço (2012) insere ilustrações em preto e branco, presentes em cada apresentação de subcapítulos dos livros, trazendo também, em duas páginas, um mapa contextualizador do espaço geográfico onde se situa a narrativa, apontando a localização de Troia, Ítaca e de outras regiões pertencentes ao cenário narrativo:



Fonte: Lourenço (2012, p.04 e 05)

Na capa do livro está presente um barco em meio às ondas tempestuosas, sugerindo ao leitor que o livro se trata de uma navegação/ viagem/ aventura. Assim, a história já começa a ser contada a partir da apresentação do mapa, tendo em vista que foram apresentados os primeiros elementos da narrativa, o espaço e o tempo.

Os elementos introdutórios que precedem o texto principal, assim como aqueles que surgem ao longo do texto, proporcionam ao leitor uma imersão na realidade que está sendo narrada. Também ao introduzir a obra como uma narrativa, a leitura simplifica-se em seu processo, e o texto torna-se mais cativante devido à maneira como é narrado.

Ao abordar a *Odisseia*, é incontestável que a principal dificuldade para leitores em formação reside na linguagem. O texto, composto por versos bastante elaborados e, em várias passagens, com inversão sintática, revela-se bastante desafiador e pouco atrativo

para o estudante-leitor. Assim, conclui-se que *A Odisseia de Homero adaptada para Jovens* constitui-se em uma transposição do texto de uma época para outra, mantendo as características essenciais do original e oferecendo ao estudante-leitor uma imersão na obra.

## **2.1. LETRAMENTO LITERÁRIO**

Para iniciar esse capítulo, aqui será exposta a função/utilidade da Literatura. Trazido por Rildo Cosson (2006), que, por meio da fábula da pedra de Bolonha, afirma ser essa arte como uma espécie de esponja, que absorve todos os costumes e experiências humanas e os reproduz como um meio de qualquer um poder acessá-los de maneira sem que com isso perca sua liberdade identitária ao mesmo tempo que possam participar da experiência do outro.

Cosson (2006) ainda exalta a Literatura como a guardiã do passado, do presente e do futuro. Igualmente, tem (a Literatura) a faculdade de transfigurar a sua matéria-prima, a palavra, e o seu significado motivada por diversos critérios, mencionado pelo mesmo autor como “formas discursivas”, ou seja, não se pode decifrar o que está sendo revelado em uma determinada obra sem antes conhecer seu trajeto de construção de sentido; em simples palavras, o significado das palavras presentes, sua motivação de escolha; o contexto de produção de uma determinada obra e o estilo do autor.

Esmiuçando a ideia exposta em parágrafos anteriores, a Literatura ora representa as próprias visões de mundo e experiências particulares, ora a da sociedade em geral. É por meio dela que se reconhece a nossa identidade e até a própria essência, porque “É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade” (COSSON, 2006, p. 17). Isto é, a Literatura representa a realidade com a qual o indivíduo está diariamente acostumado, expondo-o sob lentes jamais vistas e ainda lhe mostra o outro ainda os deixando intactos.

No fazer literário, é possível colocar-se no lugar do outro que ali está representado diante de nossos olhos e sob nosso entendimento. Todavia, não é somente a representação de um terceiro, mas implicitamente nossa ao mesmo tempo, pois enquanto essência humana, toda característica pessoal é universal. É com essa façanha que a Literatura nos presenteia. Para coroar essa afirmação, diz Cosson (2006, p.17): “É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela

ficção”. Partindo, pois, dessa premissa, afirmamos: uma Literatura vale mais que mil conselhos.

Elencando os benefícios dessa arte da palavra, observa-se que a Literatura possibilita à humanidade acessar experiências jamais vividas ao contemplar o outro representado em uma obra, além de ser (a Literatura) a sua porta-voz na decifração do mundo, pois só essa arte é capaz de repassar com exatidão e de forma impactante os próprios sentimentos e experiências a um suposto receptor.

Essas premissas os leitores direcionam à conclusão de que a Literatura nas escolas é uma condição obrigatória, pois retirá-la seria o mesmo que extrair dos adolescentes o direito de aprender, que é inconstitucional. Uma das necessidades mais imediatas de manter esse conhecimento no currículo escolar deve-se a essa sua característica intrínseca de traduzir o mundo de forma particularizada e poética, podendo ser compreendida pela sua característica de fazer enxergar o que ninguém vê ou simplesmente de fazer quem a consome empenhar uma atenção maior àquilo com o que se convive.

É isto em que consiste o Letramento Literário: é o indivíduo ser capaz de enxergar e de reconhecer que pode encontrar todas essas prerrogativas na Literatura e de se convencer de tal bem. Por outro lado, esse fenômeno se constitui em uma prática social, pois se configura em uma ação imprescindível ao desenvolvimento e manutenção humana: contemplar a descrição do mundo de maneira peculiar e impactante.

Confirmando as ideias anteriores sobre Letramento, Magda Soares (2020), trazendo um apanhado histórico acerca dessa palavra, expõe que desde o princípio de seu surgimento esse conceito foi criado para nomear atitudes em que se exigem as habilidades da leitura e da escrita em práticas sociais; e a Literatura, que se refere à primeira habilidade está inclusa nesse fenômeno.

Sabe-se, pois, que a Literatura ocupa uma posição de destaque no assunto Letramento, uma vez que essa arte da palavra é capaz de interpretar a realidade de forma sensível e personalizada, materializando-a por meio da linguagem. Por outro lado, “o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma” (COSSON, p. 102), pois é a arte literária que apresenta a linguagem em sentido geral - uma palavra com sentidos inesgotáveis.

De posse da função literária, que é sua capacidade de materializar o mundo, sendo a propriedade dessa matéria a linguagem, é dever de cada educador ser

verdadeiros defensores da presença da Literatura no ambiente escolar. Apenas nas mãos de professores capacitados para abordá-la nesse espaço em que habitam mestre e alunos é que esses últimos terão seu olhar sensível desenvolvido pelo primeiro: apenas a partir de uma condução planejada e calculada é que o educando terá ferramentas para extrair de cada palavra encontrada em um texto literário a tradução da realidade em que se está inserido. A isso se dá a necessidade de o Letramento Literário ser feito no espaço escolar.

Desta forma, o tão discutido Letramento literário é muito mais do que o conhecimento de obras literárias, mas se define na capacidade de enxergar que tais peças materializam a realidade humana - experiências, conflitos e alegrias - atribuindo para isso sentido a cada palavra escolhida para contar uma narrativa.

Para se alcançar tal capacidade é necessário dar o primeiro passo que é buscar no texto quem, quando, o quê e como se comunica, bem como o destinatário da comunicação e seu objetivo, passo que apenas é viabilizado em uma leitura detalhada do texto, checando seu contexto de criação e verificando sua forma de diálogo com outros textos.

Afunilando o espaço em que se dá o Letramento Literário, delimita-se nesta pesquisa a abordagem dessa prática em sala de aula, pois se compreende como “ambiente escolar” todos os seus espaços, chegando a classificar Magda Soares (1999), tais espaços como “instâncias” - compreendidos como ambiente e modalidades de leituras próprias de cada parte escolar, ou seja, a biblioteca possui um modo próprio de ler, assim como a sala de aula também apresenta suas características específicas de se lidar com um livro.

É importante se atentar ao fato de trazer a Literatura para o espaço da sala de aula não a reduzindo a uma prática ou a um material estritamente pedagógico, como ser trabalhado apenas com fragmentos dos textos, mas visando com o contato literário à formação do leitor, ou seja, como a leitura auxiliará o indivíduo em suas práticas sociais, bem como em suas experiências humanas psicológicas e filosóficas.

Considerar uma prática de Letramento literário, por meio da escolarização dos textos, é traçar um planejamento a ser seguido do início ao final do processo, segundo Cosson & Souza apud Girotto e Souza (2010), tais como: leitura em voz alta pelo professor para ajudar na visualização das imagens mentais para as quais são direcionadas um indivíduo no momento de leitura: “São as conversas interiores com o texto que está sendo lido e o que passa pela nossa mente quando lemos que nos ajudam a criar um

sentido” (COSSON & SOUZA, 2011, p. 103 e 104). Fazem parte, pois, desse processo: conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese.

É importante o leitor obter o conhecimento prévio, que pode ser o contato com narrativas semelhantes, por exemplo: se a leitura é de uma fábula, é recomendável que o leitor já deva ter tido algum contato com esse tipo de narrativa ou com algum texto de teor parecido; tal conhecimento também pode ser geográfico - conhecer a localização, ainda que por meio de outros textos, do espaço onde a narrativa está sendo desenvolvida.

Concluindo, o conhecimento prévio permite ao leitor encontrar possibilidades dentro da leitura, como palpitar no desfecho da narrativa, lembrar de outros textos lidos, fazendo referências ao texto de que se está diante. Isso também favorece a conexão - um dos passos da estratégia de leitura no letramento literário.

Já a inferência textual é o fato de conduzir o aluno-leitor a uma visão mais aprofundada do texto, passo que esse último não conseguirá fazer sem orientação de um professor. Neste momento, os leitores são conduzidos a enxergar no texto o que está velado, ou seja, aquilo que se fica subentendido. Essa “chave” para abrir a caixa da interpretação é construída por meio da análise das palavras escolhidas pelo autor, referências extratextuais, justaposição das palavras e identificação do tema da narrativa na organização dos parágrafos.

A estratégia da visualização na leitura do texto é uma consequência do passo anterior. É necessário que o leitor lhe tenha plenamente claro o sentido de todas as palavras e expressões do texto, pois lhe possibilita a construção imagética da narrativa - é necessário o leitor visualizar tudo o que lhe está sendo dito por meio do texto, tal como acontece em uma conversação informal.

A estratégia de fazer perguntas ao texto é rememorar as seguintes questões: “o quê?” “como”, “quando”, “quem”, “por quê?” e “onde?”. Nessa ocasião é exercitada a atenção do leitor, trazendo-lhe domínio da narrativa completa, além de instigá-lo a despender mais atenção para encontrar as respostas que por ventura não souber, alcançando assim a interpretação do texto, pois aí o leitor é obrigado a pensar mais para encontrar tais respostas e inferir um texto é o resultado do esforço em que se emprega na apreensão de todo o conjunto de significados de uma narrativa.

Quanto à estratégia de sumarização, refere-se ao fato do dever de encontrar o tema de um texto, que permeia toda a sua forma (estrutura). Assim, a linha temática de uma narrativa vai estar presente em todos os parágrafos - exemplo: se um texto fala de

“bondade”, isso vai estar presente em diversas situações e nos personagens ao longo do enredo. Desta forma, a sumarização é o fato de perceber a essência do texto, que na prática o leitor pode tomar nota de como a temática é apresentada em cada parágrafo da narrativa, dividindo-a por segmentos para organização de sua leitura, enfatizando o aspecto temático para este momento a fim de internalizar o que acabou de ser lido, construindo sentido para o ato de ler.

Já a sintetização do texto refere-se à capacidade de articular sua estrutura e conteúdo com as percepções do leitor - conclusões, inferências e referências extra e intratextuais, ou seja, é saber toda organização estrutural do texto, descobrindo o que o autor quer comunicar aos seus leitores, mas inserindo as impressões desses últimos. Sintetizar um texto é redigir um “ensaio de um ensaio literário”, isto é, resenhar críticas sobre um texto mas de forma mais simples.

Abrindo um caminho para o Letramento literário, Cosson (2006), em seu livro *Letramento Literário: Teoria e Prática*, propõe duas abordagens para orientar a prática de leitura no contexto escolar com o objetivo de promovê-lo. Essas abordagens são conhecidas como sequência básica e sequência expandida. Segundo o autor, a sequência básica compreende quatro fases: motivação, introdução, leitura e interpretação. O autor preconiza a relevância de reconhecer o ato de leitura como uma atividade de saber e prazer.

Ademais, Cosson (2006) alega que o leitor deve estar previamente incentivado a realizar uma leitura específica. Somente dessa maneira, obterá maior êxito ao refletir sobre o texto. Portanto, é crucial estabelecer um propósito para a abordagem do conteúdo, uma vez que compreendendo a experiência literária como um conhecimento da vida intrínseco à vivência do outro, ele identifica formas distintas de abordar a leitura com base em objetivos predefinidos, os quais podem direcionar a atenção para diferentes aspectos.

Nesse contexto, não há um método único de leitura, mas sim vários. Esse processo de leitura é composto por três etapas: a pré-leitura, que envolve antecipações e motivações a fim de preparar o leitor antes do contato com o texto; a leitura efetiva, que viabiliza a decifração e compreensão; e a interpretação, que sugere a incorporação à própria vida do que foi lido.

Chegando ao momento da segunda etapa da sequência básica, a introdução, Cosson (2006) a caracteriza como "a apresentação do autor e da obra" (p. 57). Nesse estágio, o autor adverte sobre certos cuidados a serem observados. É desaconselhável prolongar

demais a discussão sobre a biografia completa do autor. Em vez disso, o foco deve ser direcionado para aspectos que tenham relevância para a obra em análise. Contudo, não se deve transformar essa abordagem em uma busca que direcione a um conhecimento imutável e antecipadamente revelado da intenção do autor ao criar uma obra específica.

Quanto à apresentação da obra, não se deve presumir que a narrativa automaticamente desperte o interesse do aluno sem qualquer mediação criativa. É mais indicado justificar a escolha da obra, apresentando sua relevância para a devida ocasião. Pode-se até mesmo recorrer à intertextualidade, levando em conta o contexto da obra e o perfil do leitor a fim de criar um ambiente motivador. Por apresentação da obra, entende-se também a observação de aspectos físicos do livro. Por exemplo, Os alunos devem ter a oportunidade de manuseá-lo e familiarizar-se com seus elementos, como capa, prefácio, "orelhas", nota sobre o autor, entre outros.

Chegando ao momento da terceira etapa da sequência básica, a leitura, Cosson (2006) menciona a necessidade de um devido acompanhamento do professor para com o aluno, verificando se este consegue ler sem dificuldade ou não, verificando-o por meio da proposição de que os alunos socializem entre si sua compreensão do que acabou de ler:

Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio dos intervalos, o professor poderá ajudá-los a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde a interação com o texto, a exemplo do desajuste das expectativas que pode levar ao abandono do livro, até o ritmo de leitura, possível consequência tanto das condições de legibilidade do texto quanto da disponibilidade do aluno para realizar a atividade (COSSON, p. 64).

Chegando ao momento da quarta e última etapa da sequência básica, a interpretação, aconselha Cosson (2006) a dividi-la em dois momentos, sendo o primeiro a etapa de leitura em si da obra, que se denomina “momento interior”; e o segundo – o momento exterior – é a etapa de partilha da experiência leitora vivida nesse primeiro momento com os demais leitores:

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma sociedade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (COSSON, p.66).

É nesse estágio que se pode discernir entre o letramento literário conduzido na escola e a prática de leitura literária individual. A abordagem interpretativa realizada de forma coletiva estimula a exploração de diversas perspectivas, contribuindo, portanto, para a diversidade de maneiras de compreender e enxergar o mundo.

A Sequência Expandida, para além dos quatro estágios da Sequência Básica, incorpora mais cinco fases: primeira interpretação, contextualização (teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática), segunda interpretação, expansão e experiência reveladora.

A distinção entre uma sequência e outra reside na complexidade da tarefa a ser empreendida. A Sequência Básica é mais apropriada para os alunos dos anos iniciais, do 1º ao 5º ano, enquanto a Expandida pode ser adotada pelos estudantes do ensino fundamental e médio.

Para a intervenção, optou-se em contemplar as duas sequências, abrangendo essa segunda ao contextualizar de forma teórica, presentificadora e temática as obras *Os Companheiros de Ulisses* e a leitura do livro III da *Odisseia de Homero adaptada para jovens*: Ulisses conta suas viagens – Na ilha de Circe; com predominância da sequência básica, uma vez que os fatores como o tempo de aula reduzido da realidade rural em que a escola está situada e as lacunas na competência leitora do alunado não permitem, pelo menos para este momento, aprofundar-se.

## CAPÍTULO 03

### 3. ALGUMAS REFLEXÕES METODOLÓGICAS: LETRAMENTO LITERÁRIO, MITOLOGIA E ADAPTAÇÕES

A pesquisa científica é um meio para se comprovar as experiências humanas, confirmando-as ou respondendo aos questionamentos gerados por essas mesmas vivências. Assim, visando ao alcance dos objetivos gerais e específicos suscitados ao longo desta dissertação, será percorrido o caminho metodológico, elegendo a pesquisa ação de cunho intervencionista.

Para esclarecer aos leitores o porquê da escolha do método supracitado, primeiramente será apresentado o problema encontrado e que deu origem à pesquisa; em seguida, será conceitualizada a pesquisa ação de cunho intervencionista; Depois será apresentado o lócus de execução da pesquisa e o seu público alvo, concluindo finalmente com uma proposta de intervenção.

Muito se fala em letramento literário, mas se percebe que esse conceito acaba se dispersando ao longo da prática em sala de aula e em se tratando de Literatura Clássica então, essa já quase não é levada à sala de aula; o que no máximo acontece é a apresentação de fragmentos de textos clássicos.

Assim, essa ausência ou o breve contrato com a temática clássica gera uma divisão no senso comum, de modo que esse tipo de Literatura clássica acaba erroneamente sendo encarada como um produto de erudição de grupos específicos de indivíduos os quais aderem a esses textos por mera preferência/gosto; o que, enquanto educadores, sabe-se que a cultura clássica é um convite de regresso ao passado, fazendo os indivíduos conhecerem suas origens para compreender seu presente, sendo-lhes apresentado o protótipo de escrita de outros autores clássicos conhecidos pelo ocidente e contemporâneos. Assim surgiu a questão geral desta pesquisa, que também pode ser chamada de questão-problema: Em sala de aula do ensino fundamental- anos finais, há um ambiente favorável ao letramento literário?

Como ponto de partida, foi realizada uma busca pela lista de trabalhos desenvolvidos na área de Literatura Clássica em sala de aula do Ensino Fundamental - Anos Finais, investigação a que se chama de estado da arte, como fim para confirmar a relevância acadêmica deste tema. Isso também é necessário para ser obtido um panorama da educação literária atual e suas tendências.

Ao verificar o estado da arte, encontrou-se uma proposta de letramento literário em uma dissertação do Programa de Mestrado Profissional – PROFLETRAS – da Universidade Federal da Paraíba – campus de Mamanguape, que propunha a leitura de diversos mitos greco-romanos por meio do círculo de leitura proposto por Rildo Cosson, a saber: a dissertação “*A Formação de leitores por meio das narrativas mitológicas greco-romanas*”, publicada em 2016 pela pesquisadora Sette.

Também o artigo publicado em 2014: “*Cultura clássica e ensino: uma reflexão sobre a presença dos gregos e latinos na escola*”, de Fortes e Miotti (2014), que apresenta algumas sugestões para integrar temas clássicos no currículo escolar, com o principal intuito de proporcionar um tratamento crítico, interdisciplinar e diversificado da herança clássica, parte integrante de nossa cultura, uma vez que essa herança tem sido amplamente explorada pela indústria do entretenimento (cinema, jogos, best-sellers, etc.) e, ao mesmo tempo, negligenciada no ambiente escolar.

Debruçando-se mais sobre as pesquisas realizadas nessa temática, ainda se encontra o artigo “*Estratégias didático-metodológicas para o “ensino” da leitura do texto literário*” da pesquisadora Valarini (2024), que procura abordar percepções e estratégias de “ensino” para a leitura do texto literário, no contexto da sala de aula, visando promover a interação entre aluno e texto literário a fim de que o primeiro enxergue as formas de compreender o mundo que o cerca.

Os trabalhos desenvolvidos nessa área ainda não cessaram, como se pode ver também em “*Literatura, escola e formação literária: entre práticas e descaminhos*”, de Girlene Formiga, Francilda Inácio & Socorro Barbosa (2015) que tem como objetivo apresentar algumas reflexões, especialmente no que diz respeito à abordagem do acesso à leitura de textos literários, sobre as práticas docentes utilizadas para mediar a leitura literária na escola.

Em suma, formando uma miscelânea de pesquisas desenvolvidas em prol de um ensino estratégico de Literatura em sala de aula o qual proporcione aos alunos o Letramento literário, tem-se ainda “*Desafios no ensino com textos clássicos: linguagem e prática educativa*”, de Dantas (2013); o artigo “*Projeto de extensão “contos de mitologia” e escola municipal Tancredo Neves: uma muito bem-sucedida troca de saberes*”, de Sousa e Novais (2021); “*Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*”, de Silva; “*Estratégia para a leitura da poesia épica*”, de Ramalho (2014); “*Desafios da leitura literária e ensino na contemporaneidade: cultura da convergência e possibilidades de inclusão social*”, de Wielewicki (2013) e *Apontamentos*

*para uma didática do texto literário*, de Rocha (2011). Observa-se, ao mencionar tais títulos, que há pesquisas neste ramo há mais de dez anos, ou seja, há bastante tempo há a inquietação para encontrar o melhor ou melhores caminhos para se chegar ao letramento literário.

Adentrando em outro aspecto dessa pesquisa, sua natureza será intervencionista, pois a intervenção em sala de aula é necessária no intuito de ser proporcionado ao educador uma nova roupagem no agir perante a abordagem da mitologia e da fábula em sala de aula para finalmente o educando fruir de boas vantagens para si próprio nessa promissora relação com esses gêneros literários.

Conforme Malhotra (2006), essa metodologia de pesquisa não apresenta procedimentos pré-definidos e possui característica exploratória tendo como meio de constatação para o problema, simples e imediatos experimentos que nos trazem um diagnóstico contextualizado da problemática.

Em relação aos seus objetivos gerais e específicos, neste trabalho foi eleita a pesquisa-ação, conceituada pelo pesquisador Michel Thiollent (1996), uma vez que se é proposta uma intervenção no espaço de aprendizagem visando repaginar o modo de apresentar fábula e mitologia na turma do 8º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais.

Em se tratando ainda deste tipo de pesquisa, Thiollent (1996) a conceitua como uma observação que parte da análise da realidade para em seguida propor uma mudança ao meio observado:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1996, p.13)

Assim, indo de encontro às pesquisas tradicionais, as quais comumente são regidas pela teoria ao partir para a realidade, a pesquisa-ação é provocada pela demanda da realidade a propor mudanças, não significando, no entanto, que não leve em conta a teoria; pelo contrário, esta auxilia na compreensão da problemática encontrada ao observar a realidade.

### **3.1. Sujeito e *locus* da pesquisa**

Discentes da turma do 8º ano do Ensino Fundamental foram o público contemplado com a proposta de intervenção oriunda deste trabalho que visa proporcionar um ambiente favorável ao letramento literário na apresentação da Literatura Clássica como *A Odisseia e os Companheiros de Ulisses*, fábula de La Fontaine, escrita no século XVIII.

A referida turma é formada por cerca de vinte e seis alunos, sendo um perfil de adolescentes com idade entre doze a quinze anos e se apresentam, enquanto estudantes, atenciosos aos conteúdos escolares, possuindo facilidade no aprendizado. A grande maioria demonstra muitas lacunas na aquisição de competência e habilidades que são esperadas da sua faixa etária, e o maior motivo dessa estagnação foi o período sem aulas presenciais em virtude do contágio do novo coronavírus entre 2020 e 2021. Os aprendizes relatam, inclusive, que, em muitas ocasiões, de aulas remotas durante esses anos, não conseguiam acompanhar as aulas por limitações com acesso à internet ou até mesmo a falta de aparelho celular e/ou computador.

O *locus* escolhido para a pesquisa é uma instituição de ensino infantil e fundamental - anos iniciais e finais e Educação de Jovens e Adultos - Ciclo I, vinculada à rede municipal de ensino do município de Gurinhém-PB, localizada na zona rural, atendendo, obviamente, crianças, adolescentes, jovens e adultos moradores da área.

### **3.2. A proposta de Letramento Literário**

A partir de agora será exposta a proposta de trabalho a ser realizada em sala de aula com o público do 8º ano do Ensino Fundamental - Anos Finais. Detalhando, foi adotada para ser metodologia principal dessa proposta de intervenção o círculo de leitura estruturado recomendado por Cosson (2014), o qual consiste na organização de equipes constituídas para fins de diálogo e debate acerca de uma narrativa.

Esse método se desenvolve sobre uma série de procedimentos pré-estabelecidos destinadas a cada membro do grupo de leitores, sendo tais ações guiadas por um roteiro no intuito de oferecer um propósito bem definido para as discussões acerca das leituras, legitimando o debate por meio de atividades que servem de documento para acompanhar o antes e o depois da leitura.

Tais atividades constituem as fichas de função, também apresentadas por Cosson (2014), as quais vão desempenhar o papel de procedimento escolhido para servir como acompanhamento nas realizações da leitura da obra corpus dessa pesquisa. Na intervenção ora elaborada, tais fichas organizarão os alunos para desempenharem as seguintes funções, embora o autor enfatize mais outras cinco atribuições, que são: conector, questionador, iluminador de passagens, ilustrador e perfilador. Assim restam tais funções:

- Dicionarista: vai discriminar os vocábulos desconhecidos encontrados na obra e de cujo significado depende a compreensão e inferência do texto lido.

- Sintetizador: possuirá como função fazer resumos do texto lido, sendo isso um meio para compreendê-lo.

- Cenógrafo: testará sua capacidade de descrição das cenas-chaves para o desenvolvimento do enredo da obra literária.

- Pesquisador: buscará informações de contexto que são importantes para a inferência da obra.

Neste trabalho, optou-se por adotar apenas os passos supracitados pelo fato de a escola estar localizada na zona rural do município, condição em que as aulas vespertinas têm seu horário reduzido por motivos temporais, uma vez que muitos alunos regressam por conta própria para suas residências, fazendo-o muitas vezes caminhando e, por condições de segurança, isso deve acontecer antes do anoitecer.

Tendo em vista os fatores supracitados, o tempo de encontro com a turma sofrerá uma otimização, bem como o fato de o nosso corpus de pesquisa ser uma fábula em versos e um recorte narrativo da Odisseia - a leitura do livro III da *Odisseia de Homero adaptada para jovens* de Frederico Lourenço: Ulisses conta suas viagens – Na ilha de Circe: páginas 134 à 145, ou seja, narrativas naturalmente mais breves que demandam menores ações.

Faz-se também necessário explicar que as equipes para constituição do círculo de leitura estruturado, bem como para realização de outras atividades da proposta, realizadas em grupo, serão as mesmas, não havendo rodízio de alunos entre os grupos.

A execução do projeto de intervenção dar-se-á durante as aulas de Literatura da disciplina Língua Portuguesa entre os meses de Outubro e Novembro de 2023. Serão propostos quatro momentos que servirão de introdução para a imersão na fábula Os Companheiros de Ulisses e na Literatura Clássica, organizados da seguinte maneira:

- Primeiro momento: Coleta de dados e contextualização da obra – diagnóstico da questão problema por meio de indagações aos alunos acerca da temática abordada: proposição de perguntas acerca da Literatura, sociedade e herança cultural, bem como se os alunos conhecem as fábulas e sua função e os mitos de origem grega ou romana. Haverá ainda, nesta etapa, proposição de apresentações acerca do mundo antigo – eixo temático da fábula “Os Companheiros de Ulisses”. Apresentação para fins de propiciar aos alunos a contextualização da narrativa a ser estudada. Período: 09 a 16 de Outubro de 2023:

Eixos temáticos por equipe:

01. Criação de glossário com termos inspirados na Mitologia grega: apresentação na classe. Apresentação: 16/10/2023. Equipes: 02 pessoas.
02. Criação de HQ – Mitologia. Apresentação: 16/10/2023. 01 grupo de 03 pessoas.
03. Criação de fábulas - Apresentação: 16/10/2023. 01 grupo de 04 pessoas.
04. Criação de cartazes com nomes de heróis inspirados na Mitologia grega. Apresentação: 16/10/2023. 01 grupo de 04 pessoas.
05. Criação de cartazes com nomes de heróis inspirados na Mitologia grega. Apresentação: 16/10/2023. 01 grupo de 03 pessoas.
06. Criação de glossário com expressões populares originados da Língua Latina: apresentação na classe: 16/10/2023. 01 grupo de 04 pessoas.
07. Criação de cartazes com nomes dos planetas inspirados em personagens da Mitologia grega. Apresentação: 16/10/2023. 01 grupo de 03 pessoas.
08. Criação de cartazes com nomes de biomas brasileiros e de algumas fases entômicas inspirados em personagens da Mitologia grega. Apresentação: 16/10/2023. 01 grupo de 03 pessoas.

- Segundo momento: apresentação da obra *A Odisseia*, de Homero, por meio da adaptação de Frederico Lourenço; e da fábula *Os Companheiros de Ulisses*, de La Fontaine. Aplicação das fichas de função. Cada membro das oito equipes formadas para contextualização da obra a ser lida desempenhará um papel das fichas. Período: 16 a 26 de Outubro;

-Terceiro momento: debate e aula expositiva-dialogada sobre a fábula apresentada e exposição contextual de sua criação - Nesta ocasião é que a obra será

correlacionada com a Odisseia, de Homero, mais precisamente com a chegada do rei Ulisses a Plaga - bem como sobre conceitos de teoria literária: conceitos básicos sobre o gênero literário conto para respaldo da atividade do último momento da intervenção; Intertextualidade; Literatura fantástica e Literatura Maravilhosa.

Na conclusão desta etapa, para estruturar os conceitos apresentados e internalizar as reflexões realizadas, haverá dois questionários, sendo um sobre elementos explícitos do trecho da obra *Odisseia*, como a identificação de personagens, do enredo, do clímax e do desfecho da trama; e outro acerca da intertextualidade, da Literatura fantástica e maravilhosa na estrutura tanto da *Odisseia*, quanto da fábula *Os Companheiros de Ulisses*. Período: 30 de Outubro a 01 de Novembro.

- Quarto momento – Período - 06 a 30 de Novembro: Proposta de concurso literário “Trilogia homérica – relatos de um navegante” que consistirá na criação em equipe de um novo final para Ulisses e seus companheiros ou em forma do gênero textual história em quadrinhos ou no gênero literário conto.

Assim, de fato será dado início à aplicação do projeto de intervenção, com a leitura coletiva da fábula *Os Companheiros de Ulisses*, realizamos esse momento propiciado com motivação, que é o preparo para imersão no enredo, leitura em voz alta pelo professor, perguntas ao alunado sobre os elementos endotextuais, aplicação das fichas de função e debate. É válido salientar que esse último método também possui como fim a coleta de dados sobre o nível de letramento dos alunos atendidos.

Apresentando uma via para o letramento literário, durante a exposição acerca da fábula *Os Companheiros de Ulisses*, após realizados todos os procedimentos acima descritos, propomos a apresentação dos personagens da fábula como sendo a alegoria do hedonismo, do egocentrismo e dos vícios; aquele, na figura do urso; esse, representado no leão, e estes últimos sintetizados nas três figuras principais da fábula: o Leão, o Urso e o Lobo.

Com essa correlação, a função da fábula é reafirmada e ressignificada ao longo da execução deste projeto, pois:

Podemos afirmar que a fábula é uma pequena história de ficção que tem a finalidade de expor sentimentos e comportamentos humanos reais, sejam esses sentimentos e comportamentos positivos ou negativos. Tal exposição deve levar as pessoas à reflexão crítica, mesmo que a história contada carregue um certo tom de humor (SOUZA, 2020, p.64).

Direcionando um olhar mais cuidadoso ao que se refere à forma do *corpus* deste trabalho - fábula *Os Companheiros de Ulisses* e a epopeia *A Odisseia*, percebe-se que na BNCC também é recomendada uma análise mais cuidadosa do que se encontram em textos literários:

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); à polifonia própria das narrativas, que oferecem níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos. No caso da poesia, destacam-se, inicialmente, os efeitos de sentido produzidos por recursos de diferentes naturezas, para depois se alcançar a dimensão imagética, constituída de processos metafóricos e metonímicos muito presentes na linguagem poética (BNCC, 2018).

Entende-se por dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora da Literatura a expectativa de moldar comportamentos e obter novas formas de enxergar o mundo por meio dessa arte, o que vai diretamente ao encontro da proposta deste trabalho: visitar as raízes de determinadas posturas e atitudes humanas que se encontram na sociedade.

Além disso, a presença do dicionarista, baseado nas fichas de função propostas por Rildo Cosson (2014), dentre os passos percorridos na proposta de intervenção, encontra-se plenamente em consonância com a recomendação expressa acima: a formação de um leitor-fruidor de textos literários por meio do acesso às múltiplas camadas de significado das palavras presentes no texto, bem como às suas mensagens implícitas, ou seja, aquelas lançadas sutilmente nas entrelinhas pelo autor.

Por conseguinte, há também respaldo no documento oficial acerca de se considerar o texto literário como meio de enxergar “diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos” (BNCC, 2018); o que a fábula, essencialmente palco da representação desses elementos, responde a essa expectativa por parte dos direcionamentos nacionais pedagógicos para o ensino de Língua Portuguesa.

### **3.3. ENCONTROS E OFICINAS – DESCRIÇÃO GERAL**

#### **3.4. COLETA DE DADOS – 1º MOMENTO**

Por se tratar de um relato de experiência, haverá, em alguns momentos, o emprego da primeira pessoa do discurso ao longo dos parágrafos desta seção.

O início da oficina de Letramento se deu entre os dias 09 e 11 de Outubro, começando com um debate motivador cujo tema foi herança cultural. Aos alunos, foi solicitado que trouxessem objetos herdados de seus descendentes para a próxima aula. Chegado o encontro seguinte, para o qual também levei uma bolsinha tiracolo feita de ferro, herdada da casa da minha avó.

Comecei a aula exibindo o objeto, o que chamou a atenção de toda a classe; em seguida, o debate fluiu em torno dessa temática, trazendo provocações norteadoras como “Qual a herança imaterial, como costumes, personalidade e características físicas herdadas dos descentes?” “Cite-os” “Esse costume/comportamento determina tuas decisões e trajetos a serem seguidos ao longo da vida”?

Durante o momento de respostas às provocações formuladas acima, houve a correlação entre a herança cultural e as artes de que dispomos na contemporaneidade. A intenção do debate foi deixar claro que a cultura e as artes da atualidade possui sua gênese em outras culturas passadas, senão na antiguidade clássica.

Como prova, indaguei se os alunos conheciam os super-heróis, mas apenas dois confirmaram conhecimento, provavelmente por serem moradores nativos e criados na zona rural, onde informações, ou seja, a globalização chega naturalmente depois da zona urbana.

#### **3.5. CONTEXTUALIZANDO O MUNDO ANTIGO – 1º MOMENTO**

Após o momento do debate inicial, foi proposta a formação de equipes que tiveram por missão apresentar as origens de fenômenos presentes na cultura atual, bem como em outras áreas de estudo, as quais fossem originadas do mundo antigo.

Assim, foram delimitados os seguintes temas a serem apresentadas pelas oito

equipes:

01. Mitologia e vocabulário
02. Ditados populares herdados da Língua Latina
03. A mitologia na Geografia e na Biologia.
04. A mitologia e o universo
05. Mitologia e super-heróis – Parte 01
06. Criação de um personagem heroico de História em quadrinhos
07. Criação de fábula
08. Mitologia e super-heróis – parte 02

A partir de materiais sobre os temas supracitados, trazidos à sala de aula pela pesquisadora, cada equipe foi instigada a elaborar uma apresentação expositiva sobre seu respectivo tema (vide último anexo). Tal proposta teve como objetivo proporcionar o conhecimento da relação entre contemporaneidade e o mundo antigo aos alunos da turma atendida.

Neste trabalho, acredita-se que a exposição do aluno a informações e sua genuína reprodução por meio do tipo textual expositivo promoverá a internalização do conhecimento por parte daquele. Também outro critério que foi decisivo para a escolha desse método se deu pelo acesso limitado à internet nas residências da maioria do alunado, bem como o processo inacabado de fluência leitora de uma relevante quantidade dos discentes da turma atendida – fatores como pandemia, horário de aulas adaptado em virtude da realidade rural, descendentes familiares com histórico de analfabetismo – corroboraram para que esse quadro fosse constituído.

O encontro reservado para exposição das pesquisas por equipe aconteceu de maneira dialogada – junto à leitura-apresentação dos estudos, havia a contribuição da professora, lembrando sempre aos alunos que o mundo antigo está presente em nossas ações e em nossas crenças particulares e coletivas.

É importante ressaltar que os materiais para essa etapa foram indispensáveis na formação do conhecimento do alunado, uma vez que o fez enxergar suas próprias expressões linguísticas empregadas em seu cotidiano; reconhecer a origem do seu receio em falar em público, que se origina de um zelo excessivo em manter a autoimagem preservada, sem fraquezas aparentes, que se dá pelo imaginário de um ser humano indefectível, construído pelo viço e pelo destemor dos heróis; bem como a constatação de que a Literatura greco-romana também oferece referências para as outras áreas do conhecimento e

para o seu ambiente. Tudo isso foi fundamental a proposição de tal atividade cujos materiais de apoio se encontram nos anexos 11 a 15.

Também o estudo dirigido que abordava sobre intertextualidade na última etapa da intervenção, conforme se pode ver no anexo 09, o qual possibilitou organizar a habilidade dos alunos em reconhecer os greco-romanos revisitados em outras narrativas ao, depois de estudarem sobre esse conceito, encontrarem-no presentes nos próprios textos estudados ao longo do trabalho, forjando sua autonomia, promovendo-lhes o próprio encontro com o aprendizado de maneira estratégica e norteadora.

### **3.6. CÍRCULO DE LEITURA EM AÇÃO – 2º MOMENTO:**

Motivados pelo conhecimento do mundo antigo, no encontro seguinte houve a distribuição da fábula “Os Companheiros de Ulisses”, de La Fontaine, sendo para isso impressas dezessete cópias, uma vez que as oficinas foram realizadas em equipe – a mesma da primeira ação.

A propósito, o critério de formação de grupos foi definido por afinidade entre os alunos, visando ao seu maior envolvimento na atividade, à sua motivação e à leveza em executar um trabalho de leitura com letramento, que carrega em si seus aspectos de complexidade. É válido ressaltar que não houve uma contextualização detalhada acerca dos autores – La Fontaine e Homero - por acreditar que não seria um fator decisivo para atraí-los à leitura.

A partir daí foi colocado em prática o círculo de leitura estruturado e suas fichas de função, proposto por Rildo Cosson (2014). Assim, foram mantidas as mesmas equipes do passo anterior, com cada componente assumindo uma atribuição prevista no círculo: dicionarista, sintetizador, cenógrafo e pesquisador, formando oito equipes no total de uma turma de cerca de vinte e nove alunos. Para a função de pesquisador, foram elencados temas estratégicos para a pesquisa (vide a seção anexo) e assim promover a efetiva compreensão do texto e a sua futura fruição literária.

Acerca da função “dicionarista”, foi preparado um glossário com os termos aparentemente mais desconhecidos pelas pessoas, sobretudo pelos adolescentes, contendo mais de um significado. Assim, o aluno que ficou com essa função precisou ler indispensavelmente o trecho para saber qual respectivo sentido mais se encaixaria naquela narrativa.

Nesta proposta, optou-se por não inserir o dicionário na turma, presumindo a dificuldade por parte de alguns grupos em utilizá-lo, que neste contexto implicaria uma maior demanda de tempo e hiperfoco em apenas uma função, despendendo bastante tempo dos encontros, já reduzido pela realidade rural da instituição educacional atendida.

Desta forma, foi elaborado pela professora pesquisadora e entregue aos dicionaristas dois glossários, conforme se apresentam na seção “anexos”, com os termos desconhecidos de cada obra, cada um contendo dois ou três significados, necessitando aos que desempenhavam essa função de verificar qual sentido de cada palavra se encaixaria à narrativa lida no momento.

Para mensurar a capacidade de compreensão e interpretação de texto do alunado ao obter contato com a obra supracitada, foram analisadas as sínteses dos membros de cada equipe os quais possuíam a atribuição de sintetizador – etapa em que o leitor é convocado a articular a narrativa ora lida em suas partes essenciais, como início, desenvolvimento e desfecho em palavras escritas, utilizando-se de seu próprio vocabulário.

É importante ressaltar que embora cada componente da equipe tenha sido atribuído de uma função, a realização de cada atividade do círculo de leitura mencionada foi executada de maneira colaborativa entre as partes. Em virtude disso, foi considerada suficiente nesta pesquisa expor apenas a análise da atividade supracitada.

Analisando os registros dos sintetizadores, percebe-se que do total de oito equipes, três chegaram a elaborar uma síntese satisfatória, indicando uma precisa compreensão textual e domínio da descrição narrativa, conforme se pode ver a seguir por meio das produções transcritas dos participantes:

GRUPO 01:

Resumo:

*“Os Companheiros de Ulisses”*

*Um rei que vivia há dez anos rumo incerto, e chega um dia que a filha de Apolo assumiu o trono e uma feiticeira deu um licor que fez com que os homens se transformassem em animais e com comportamentos de animais, ursos, leões, elefantes e etc. e suas características físicas e então o filho de um argonauta (o filho de Laerte) suspeitou do licor, e conseguiu escapar do licor e lembrou-se de suas lições em prudência e conseguiu escapar com sedução de voz doce e envenenou a princesa com sutileza... Perguntaram aos bichos se eles queriam ser homens de novo, mas Ulisses fala com os sócios sobre a cura e fala que ele a trouxe e pergunta aos animais se eles querem voltar a serem humanos, e perguntou Ulisses ao “leão”, mas ele não queria, pois viu vantagens, Ulisses suspreso foi até o urso, mas ele preferiu ficar assim, sendo urso, confuso o príncipe vai até o lobo e tenta convencê-lo, mas o lobo também não quis mudar de estado e o rei ofereceu à igual proposta a todos os animais, e eles não quiseram, preferiram ficar como animais e agir como tal, e por fim serem livres e serem escravos dos próprios vícios.*

GRUPO 02:

*No texto, Ulisses, e seus companheiros chegam à ilha de Circe, onde são transformados em animais por meio de um licor mágico. Circe propõe que eles voltem a ser humanos se desejarem, mas os animais preferem permanecer como estão, pois se sentem livres e não querem mudar sua natureza. Ulisses tenta convencê-los a mudar de ideia, mas todos rejeitam a proposta. No final, é destacado que os animais selvagens preferem seguir seus instintos e viver na liberdade das florestas, mesmo que isso os torne mais brutais do que os humanos.*

*Primeira cena: um dia o Rei d' Ítaca, havia dez anos de reinado, rumo incerto nas ondas errava; chegou um dia que os sócios à plaga, em que a filha de Apolo reinava.*

*Segunda cena: Circe deu-lhes aos seus amigos um licor deleitoso que os transformou em animais. Ei-los ursos, leões, elefantes e etc.*

*Terceira cena: O Ulisses escapou do licor que tentou seduzir a Circe e ele tenta aplicar as lições da prudência.*

*Quarta cena: com nobre gesto, ele deu uma bebida para princesa com veneno mais sutil;*

*Quinta cena: Ulisses perguntou aos seus amigos se eles queriam voltar a ser humanos de volta, mas eles não queriam voltar e foi isso.*

Finalmente, foi proposta a leitura do livro III da *Odisseia de Homero adaptada para jovens* de Frederico Lourenço: Ulisses conta suas viagens – Na ilha de Circe: páginas 134 à 145. Para tanto, foram impressas vinte e cinco cópias da referida parte. Para norteá-los nesta jornada, foi elaborado um questionário com dezenove questões com perguntas acerca dos elementos explícitos do texto (vide anexo 10) a fim de evitar a dispersão da equipe e lhes promover um raciocínio linear acerca da narrativa. Para não ficar exaustivo, cada componente dos grupos ficou com cerca de uma a duas páginas do exemplar, respondendo às perguntas em conjunto, sendo cada membro responsável pelas respostas pertinentes à sua parte na leitura.

### **3.7. DEBATENDO, CONHECENDO E PRATICANDO: TERCEIRO E QUARTO MOMENTOS DO PROJETO DE INTERVENÇÃO**

Esta etapa foi marcada por debates acerca das impressões da turma sobre as obras apresentadas e lidas em sala de aula, sendo para tanto consideradas, neste projeto, como impressões dos alunos as análises dos registros apresentados durante esta seção. A fim de preparar a turma para o último momento da intervenção, na qual seria desafiada à criação outra obra, elaborando outro final para a saga do rei Ulisses e de seus companheiros,

também foram propostas nesta etapa aulas expositivo-dialogadas sobre conceitos básicos de teoria literária, tais como as características do conto, a intertextualidade, a Literatura Fantástica e Literatura Maravilhosa.

Na exposição dos conceitos supramencionados, optou-se por fazê-la de maneira sucinta e por meio da distribuição, a cada aluno, de um material impresso de uma página, apresentando-se um parágrafo apenas para cada conceito. Portanto, a referida aula não foi ministrada de maneira convencional, mas optando pela modalidade sala de aula invertida – uma metodologia ativa em que os alunos leem o conteúdo antes e posteriormente é que o respectivo objeto de conhecimento é socializado no espaço da sala de aula. Tal método foi escolhido, visando à autonomia da aprendizagem do alunado, ao seu esforço em buscar o conhecimento, bem como à otimização do tempo do encontro. A seguir, uma breve exposição dos benefícios da sala de aula invertida:

A Aprendizagem Invertida é uma abordagem pedagógica na qual a aula expositiva passa da dimensão da aprendizagem grupal para a dimensão da aprendizagem individual, enquanto o espaço em sala de aula é transformado em um ambiente de aprendizagem dinâmico e interativo, no qual o professor guia os estudantes na aplicação dos conceitos (FLIP, 2014).

De tal forma, ao transferir a responsabilidade pelo aprendizado para os alunos, o professor assume um papel norteador perante os aprendizes ao dirigir o processo educacional de maneira personalizada. Essa dinâmica promove uma experiência de aprendizagem mais participativa, estimulante e alinhada com as demandas do mundo contemporâneo.

Como questionário final, foi proposta uma atividade de quatro questões a ser realizadas individualmente, correlacionando conceitos de intertextualidade, literatura fantástica, literatura maravilhosa e conto literário (vide anexo 09) com as obras lidas ao longo das oficinas. A seguir, trago duas transcrições de dois exemplares, identificados como “A1” e “A2”, respectivamente, de atividades respondidas pelos alunos cujas respostas foram mais satisfatórias as quais indicam uma clara compreensão estrutural da narrativa de *Os Companheiros de Ulisses* e da *Odisseia*:



A intertextualidade entre a fábula "os companheiros de ulisses" e o trecho da odisséia ocorre no uso dos personagens e eventos da odisséia na narrativa da fábula.

(2)

fantástico (no mundo opressor, e uma "história" fantástica e interessante", porque de acordo com o discurso da história você consegue imaginar como

(3)

presença de elementos sobrenaturais, como magia e estruturas fantásticas, a quebra das leis da realidade, a criação de mundos imaginários, a exploração do desconhecido e do irracional, e a possibilidade de escapismo e suspensão da realidade.

(4)

presença de elementos mágicos e fantásticos que coexistem harmoniosamente com o mundo real, sem causar estranhamentos ou questionamentos. Essa forma narrativa busca encantar, surpreender o leitor, explorando o imaginário e despertando a imaginação de encantamento e maravilha.

(5)

e a relação que ocorre entre diferentes textos, em que um texto faz referências a outros, paródias ou diálogo com outros textos pré-existent. É uma forma de diálogo entre obras literárias em que uma influencia ou se relaciona com a outra.

Acima, percebe-se que o A1 na primeira questão responde, ao encontrar o seguinte questionamento: “Onde acontece a intertextualidade entre a fábula “Os Companheiros de Ulisses” e o trecho da “Odisseia” lido em sala de aula?”, a sua resposta é: “Ocorre na história dos Companheiros de Ulisses que são transformados em porcos pela feiticeira Circe, o que remete ao episódio em que Odisseu encontra Circe na Odisseia”.

Aqui se nota o fato de o A1 conseguir relacionar a presença da deusa Circe nos dois gêneros textuais, embora não se entre em detalhe sobre seu *modus operandi* na fábula. Enquanto o A2 em resposta à mesma pergunta, escreve: “A intertextualidade entre a fábula “Os Companheiros de Ulisses” e o trecho da Odisseia ocorre no uso dos personagens e encontros da Odisseia na narrativa da fábula”. Nesta resposta, o estudante reconhece os mesmos personagens em ambas as obras e o eixo narrativo, identificando como “encontros”.

Ainda nessa etapa da leitura da aventura de Ulisses, da parte do livro supracitado, foi proposto, como forma de releitura e como promoção da intertextualidade, culminando com o letramento literário do público-alvo desta pesquisa, que as equipes desenvolvessem um novo final para a narrativa do rei de Ítaca ao chegar à ilha de Circe.

Tal criação deveria ser elaborada em formato do gênero textual história em quadrinhos ou conto. Assim, se formaria uma espécie de trilogia homérica: o relato do encontro de Ulisses e sua tripulação com a poderosa e temível Circe durante seu regresso a Ítaca: sendo a primeira a da própria Odisseia, em que os conterrâneos de Ulisses conseguem voltar ao seu estado original de seres humanos após serem transformados em porcos; a segunda, em que seus companheiros optam livre e desgraçadamente em se manter na forma animalésca, preferindo viver de seus instintos desenfreados a voltarem à espécie humana e à sua condição antiga; e então a inovadora terceira versão criada pelas equipes.

Como forma de estímulo para referida criação literária, foi proposto um concurso literário sob título “Trilogia homérica: relatos de um navegante” que premiou a equipe vencedora com vale-compras no valor de R\$50,00 (cinquenta reais) em uma loja da região.

A equipe ganhadora criou um conto com dez páginas, narrado em primeira pessoa, partindo da adaptação estudada durante a execução do projeto, mais precisamente quando Ulisses tem sua tripulação de volta, livre do sortilégio da temida Circe e embarcam em mais uma aventura inesperada: a ida ao Hades. Ao chegar lá, inicia-se mais uma vez toda a saga do príncipe de Ítaca de regresso ao seu reino.

O novo final criado pelo grupo vencedor consiste em narrar Ulisses e seus companheiros indo parar na barriga de uma baleia durante o caminho de volta para Ítaca, fazendo intertextualidade com a história bíblica de Jonas e a Baleia (Jonas 1:17) e com o filme “Pinóquio”, transmitido em 1940 em que seu criador Gepeto, ao procurar pelo protagonista que se encontrava perdido, foi também parar na barriga do animal marinho.

O conto foi entregue em documento no formato PDF sob o título “História de Ulisses”, tendo sua elaboração dividida entre as três componentes da equipe. Com essa recriação da história, percebe-se que o grupo compreendeu na prática noções de intertextualidade e de conceitos como o maravilhoso, teoria apresentada durante a execução deste projeto.

A seguir, apresentar-se-ão alguns trechos do desenvolvimento e do desfecho do conto elaborado pela equipe vencedora, que revelam a intertextualidade com as linguagens mencionadas:

Hades e Perséfone vendo que se saíram maus, jogaram-se aos meus pés, implorando por perdão e como vi que eles estavam arrependidos, pois foram enganados, então eu os perdoei. E só lhe fiz um pedido, para que me levassem a Ítaca e eles logo nos concederam, prometendo ao outro dia nos transferir para lá em alto mar.

Zeus vendo a situação também concordou em me transferir para Ítaca. E fui liberto. E no dia seguinte, em alto mar preparei minha nau e levei comigo Tirésias, pois viramos muito amigos.

[...]

Uma enorme tempestade aconteceu, tivemos que deixar muitas embarcações escaparem fora, e quando vimos que não iria ter escapatória, nos jogamos no bravo mar, já que a nau já estava encharcada de água.

E lá no fundo do mar, vi coisas que nunca vi na minha vida, grandes peixes, grandes polvos marinhos e outras coisas que não posso descrever.

Até vi uma enorme baleia vindo em minha direção. Tentei escapar, mas não consegui e logo fui engolido por ela... E fiquei na boca dela, depois de um dia a baleia engoliu meu amigo Tiresias e lá o encontrei. Choramos e agradecemos por estar vivos. Passados dois dias, ao conversarmos, lembramos de uma história bem parecida ao que estávamos passando: a história de Jonas e a baleia.

Então sem pensar duas vezes disse:

- Ó Deus dos judeus, se tu existes mesmo, tira-nos daqui e faça essa baleia ir para ilha de Ítaca, e como recompensa irei fazer um sacrifício a ti, de uma ovelha a melhor que eu tiver... (MARCOLINO, RAMOS E TEIXEIRA, p. 08 e 09, 2023)

E o desfecho da narrativa:

E o Deus dos judeus ouviu a minha voz, depois de um dia a baleia nos pôs para fora logo na ilha de Ítaca, minha pátria. Meus companheiros uns sumiram e outros foram achados em outras ilhas.

Mas graças dou ao Deus dos judeus.

Reencontrei minha esposa e lhe contei tudo. Tomei meu lugar de príncipe.

Fiz um belo banquete de comemoração e fiz de Tirésias meu braço direito em negócios, e pelo outro dia fiz um sacrifício de 200 ovelhas para o Deus dos judeus como agradecimento e lá virei feliz pelo resto da minha vida.  
(MARCOLINO, RAMOS E TEIXEIRA, p. 10, 2023)

Dessa forma, concluiu-se o momento de intervenção do projeto intitulado “Os Companheiros de Ulisses”, de La Fontaine, e a Odisseia, de Homero: uma proposta de Letramento Literário para a turma do 8º ano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizarem-se as últimas observações desta pesquisa, é imprescindível rememorar, de forma concisa, algumas abordagens trazidas anteriormente, ainda que o objetivo desta seção não seja o de retomá-las, uma vez que neste momento será discutido apenas sobre o resultado da investigação teórica, a minha experiência em sala de aula, a minha relação construída com a Literatura, bem como o meu ponto de vista acerca da proposta de Letramento literário ora exposto formado após as intervenções executadas.

Não apenas uma das mais graves funções das aulas de Literatura, mas também uma de suas mais árduas tarefas é promover o Letramento Literário. Em virtude disso se dá as inúmeras e infinitas discussões acerca dessa temática, dado ao seu grau de relevância. Assim, diante de sua tamanha gravidade, é imprescindível abordá-la.

Promover ao indivíduo o letramento literário torna-se, sobretudo, uma questão humanitária, uma vez que ter a Literatura como um fator constituinte do seu imaginário, assim como saber suas raízes culturais é conceder-lhe parte de si mesmo, ou seja, parte da sua história. E isso possibilita à humanidade compreender seu comportamento, o do meio em que se está inserido, seus costumes e até mesmo escolhas.

Além disso, o contato com a Literatura possibilita ao indivíduo o enriquecimento do vocabulário, abrindo-lhe a porta para novas possibilidades de expressão, a tradução genuína de sua realidade, impactando o seu interlocutor pela sua expertise comunicativa, mostrando domínio de conhecimento, revelando até mesmo sua personalidade, origem e arsenal ideológico.

Dessa forma, é válido ressaltar que, conquanto a Literatura seja portadora de todo esse poder ora descrito, faz-se necessário dominar a arte de apresentá-la de forma significativa e cativante para gerar a catarse em seus receptores e esses se permitirem obter uma experiência singular com a arte literária. Tal domínio consiste no Letramento Literário por meio da intertextualidade entre os clássicos, como vimos durante este trabalho – a exitosa parceria entre *A Odisseia*, de Homero, e a fábula em versos “*Os Companheiros de Ulisses*”, de La Fontaine.

Visando ao Letramento Literário para o público juvenil, o caminho proposto para tal consistiu na formação de um círculo de leitura da fábula *Os Companheiros de Ulisses*, narrativa do fabulista La Fontaine, que conta as aventuras do rei de Ítaca, Ulisses, em seu regresso para sua terra natal após a extensa guerra de Troia, tendo as fichas de função

para auxiliar os leitores na detenção das características fundamentais para sua compreensão, fazendo-o por meio de anotações, tanto ao conhecer o texto, bem como após esse momento.

Justificando os passos adotados, tal era o objetivo geral desta pesquisa: favorecer o letramento literário em sala de aula na apresentação da Literatura Clássica como a Odisseia e uma das fábulas de La Fontaine. Para alcançarmos esse estabelecido, adotamos os seguintes passos como objetivos específicos: analisar se há unanimidade no conceito de “Letramento Literário” entre a academia e a prática docente; refletir como fazer os alunos enxergarem a literatura clássica como alegoria dos fenômenos humanos universais; apresentar como em geral se realiza a abordagem dos mitos da Literatura Clássica em sala de aula do Ensino Fundamental – Anos finais.

O círculo de leitura estruturado, as atividades realizadas em equipe, as pesquisas interdisciplinares, passando pela Geografia e pelas Ciências, os questionários como fim norteador acerca da compreensão textual da fábula em versos utilizada e dos trechos lidos da epopeia homérica foram passos colaboradores para viabilizar os educandos a uma significativa experiência literária.

Ademais, como base para confirmação de que houve tal experiência promovida pela Literatura durante essa jornada percorrida, tem-se a observação do empenho exitoso de alguns grupos no momento da produção dos cartazes acerca do nome dos planetas, dos biomas brasileiros, de algumas fases entômicas, da origem de alguns super-heróis oriundos da Mitologia greco-romana. Também não se pode deixar de comentar acerca da obra “A História de Ulisses”, desenvolvida pelo grupo das alunas ganhadoras do concurso “Trilogia homérica: relatos de um navegante”.

Dessa forma, considera-se que foi atingido o objeto geral e específicos propostos para esse projeto de intervenção. Contudo, faz-se prudente que antes de expor os resultados alcançados, sejam ponderados alguns pontos. Afinal, quando se afirma que as metas foram alcançadas, leva-se em conta os níveis de aprendizagem de cada aluno, bem como as circunstâncias existentes durante a execução do projeto, como nível de interesse e de leitura, fazendo com que os objetivos não sejam alcançados plenamente em todos os alunos e sim lhes ocorrendo um alcance variável por indivíduo.

Outrossim, a prática docente revela que a competência leitora não tem seu desenvolvimento esgotado em um único período em que há proposição de leitura, mas a primeira experiência com o letramento literário por meio de uma iniciativa como essa é o

princípio do despertar para a fruição literária e a partir daí ser possível o indivíduo ressignificar suas experiências pessoais e preencher seu imaginário por meio da Literatura.

Voltando a análise para os resultados obtidos ao aplicar esse projeto de intervenção, é válido destacar o ativo papel do círculo de leitura estruturado, meio escolhido para a realização dessa iniciativa, no processo de desenvolvimento da competência leitora. A essência do supramencionado círculo, o que por sua vez detém as fichas de função, conduziu os jovens a uma leitura estratégica do texto literário, fazendo-lhes enxergar que esse tem diversas possibilidades de leitura e tem seu sentido construído por meio de vários pontos de sua narrativa que devem ser levados em conta.

Analisando os dados coletados acerca das impressões literárias dos alunos após a implementação da proposta de intervenção, confirma-se sua aplicabilidade, pois a partir dos dados apresentados e analisados neste trabalho, ainda que muitas variáveis sejam observadas, como igualmente bem descritas nesta seção, alcançaram-se os fins propostos ao instituir essa proposta de intervenção.

Por meio da produção de cartazes para apresentar a pesquisa acerca da origem de muitos nomes presentes na Ciência, na Biologia, na Geografia e nas estórias encantadas que formam nosso imaginário, o mundo se ampliou para os alunos voluntários nesse projeto de intervenção, uma vez que a maioria deles possui acesso limitado às informações devido ao fato de residirem em zona rural – onde naturalmente as notícias chegam com mais dificuldade pela própria disposição geográfica - e também à própria restrição aos meios de comunicação mais elaborados como smartphones individuais e computadores que permitem pesquisas extensas.

Ademais, as fichas de função conduziram os voluntários ao universo literário, mostrando-lhes o caminho para acessar o real significado da narrativa à qual se está diante e com isso lhes ser possível relacionar o que leu à alguma experiência de sua própria vida, reconhecer atitudes e comportamentos próprios ou de outrem, promovendo um conhecimento da origem de seus atos, permitindo-lhes sua compreensão ou até mesmo uma mudança de postura e/ou de ponto de vista, além da possibilidade de enriquecimento do vocabulário, melhorando sua performance comunicativa e exibindo uma identidade mais rebuscada perante o mundo. Observando tudo isso, confirma-se que é imprescindível promover a ampliação da competência leitora dos jovens, mas de forma estratégica.

Após a entrega das obras oriundas do concurso literário “Trilogia homérica: relatos de um navegante”, que serviram também de registro final para analisar o efeito e benefício desta intervenção literária, constatou-se que, principalmente, o grupo ganhador conseguiu entender na prática o que é intertextualidade ao criar um novo final para Ulisses e seus companheiros em sua saga no regresso a Ítaca, ao inserir em sua obra narrativas baseadas na história bíblica de Jonas e a Baleia (Jonas 1:17) e no filme “Pinóquio”, transmitido em 1940.

Com a intertextualidade, conceito apresentado durante a jornada do projeto de intervenção em sala de aula, especialmente o grupo ganhador da única turma do 8º ano da escola *locus* da pesquisa, os alunos conseguiram comprovar na prática que, como diz João Cabral de Melo Neto, “um galo sozinho não tece uma manhã”, ou seja, uma arte não é construída sem inspiração de outras narrativas. E isso é exatamente um dos principais papéis da compreensão dos clássicos na vida de um indivíduo: reconhecê-lo como ventre cultural do ocidente.

Porquanto, ao se debruçar no que foi refletido em linhas acima, reafirma-se o que já é amplamente debatido no âmbito acadêmico e pedagógico: as novas gerações devem ser expostas a práticas de leitura, porém a lição que se reconhece a partir da análise das propostas de leitura realizadas ao longo deste projeto de intervenção é que o ato de ler em si mesmo não trará uma autêntica experiência literária ou o letramento literário, mas isso se dará apenas por meio de uma estratégica leitura, como a adoção do círculo de leitura estruturado com suas fichas de função, proposta pelo professor e pesquisador Rildo Cosson.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). **Confissões**. Tradução J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Editora Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 2004.
- ALVES, José Hélder Pinheiro. **Caminhos da Abordagem do Poema em Sala de Aula**. Graphos. João Pessoa, v. 10, n. 1, 2008 – ISSN 1516-1536.
- ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. Rio De Janeiro: Ediouro, 1904.
- BAGNO, Marcos. **Fábulas Fabulosas**. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. (Orgs.). **Práticas de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto\\_ple.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf). Acesso em: 20 jan. 2019.
- BASEIO, Maria Auxiliadora. **Literatura infantil em gêneros** – organizado por José Nicolau Gregorin Filho. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.
- BATISTA, Orlando Antunes; MARTINS, Alfredo Peixoto. **Teoria da adaptação textual: pragmática da adaptação textual para narrativas infanto-juvenis**. Três Lagoas MS: Gráfica Dom Bosco, 1996.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução** in GRUNEWALD, Jose Lino. **A Ideia do Cinema**, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1969.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinalsite.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinalsite.pdf). Acesso em: 29 jan. 2019. 184p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1998. 174
- CABRAL, Erick Ferreira. **As Estruturas do Imaginário na Odisseia de Homero**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011 [1981].
- CAMÕES, Luís Vaz. **Os Lusíadas**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, SP: Cultrix/Pensamento, 2007.
- CÂNDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura**. In: Vários Escritos. 5ª ed. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 2011.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusóé no Brasil**. Tese de doutorado. Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em Acesso em: 22 ago. 2016.
- COLOMER, TERESA. **O Papel dos clássicos na escola**. In: Introdução à Literatura infantil e juvenil atual. Ed. Global. São Paulo, 2017.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed.- São Paulo: Contexto, 2006.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DANTAS, Michelle Bianca Santos. **Desafios no ensino com textos clássicos: linguagem e prática educativa**. In Linguagem, educação e tecnologias: implicações para o ensino. Carlos Augusto de Melo [et.al.], organizadores. - João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.368 p.
- DEZOTTI, M. C. & SOUZA, M. G. G. **Projetando-se a cultura clássica na escola de 1º grau: uma proposta**. In: CARDOSO, Z. de A. (org.). Mito, religião e sociedade (atas do II Congresso Nacional de Estudos Clássicos). São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 1991, pp. 509-13.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1963.
- FLN. **Flipped Learning Network**. (2014) The Four Pillars of F-L-I-P™ Disponível em: [www.flippedlearning.org/definition](http://www.flippedlearning.org/definition). Acesso: set. 2020.
- FORMIGA, Girlene; INÁCIO, Francilda & BARBOSA, Socorro. **Literatura, escola e formação literária: entre práticas e descaminhos**. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/389>.
- FORTES, Fábio da Silva & MIOTTI, Charlene Martins. **Cultura clássica e ensino: uma reflexão sobre a presença dos gregos e latinos na escola**. In Organon, Porto Alegre, v.29, n.56, p. 153-173, jan/jun. 2014.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1991.
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons, ritmos**. 14 ed. rev. e atualizada – São Paulo: Ática, 2006. 112p.

- GREGORIN, José Nicolau Filho. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. Ed. Melhoramentos.
- GRIJÓ, Andréa Antolini. **Quem conta um conto aumenta um ponto? Adaptações e literatura para jovens leitores**. In: PAIVA, Aparecida. et al. *Literatura: saberes em movimento*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.
- GRIMAL, Pierre. **Mitologia grega**. Tradução de Rejane Janowitz. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
- HANSEN, João Adolfo. **Alegoria – construção e interpretação da metáfora**. São Paulo-SP. Hedra: Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2006.
- HOMERO. **A Odisséia**. Adaptação de Geraldine McCaughrean. Ilustrações de Victor G. Ambrus. Tradução de Marcos Bagno. Coleção “O tesouro dos clássicos juvenil”. São Paulo: Ática, 2003.
- JACOBI, J. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Cultrix, 1990.
- JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1998.
- KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais. São Paulo: UNICAMP, 2005.
- LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas**. Tradução realizada por poetas portugueses e brasileiros do século XIX . ed. Centaur Editions, 2013.
- LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**. Editora: Biblioteca Azul; Edição de luxo (28 fevereiro 2020), 248 páginas.
- \_\_\_\_\_. **Os doze trabalhos de Hércules**. São Paulo: Brasiliense, 12ª edição, 1985.
- LOURENÇO, Frederico. **A Odisseia de Homero adaptada para jovens**. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 143p.
- MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**, 4º ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- MEC/SEF. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- MINAYO, M. C.de S. et al. (Orgs.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. **Adaptações de clássicos literários brasileiros: paráfrases para o jovem leitor.** Rio de Janeiro, 2002. Dissertação de Metrado – PUC. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/tese5.html>. Acesso em: 21 de Jan. de 2024.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. **Permanência e mutações: o desafio de escrever adaptações escolares baseadas em clássicos da literatura.** Rio de Janeiro, 2006. Tese (doutorado) – PUC. Disponível em: Acesso em: 21 de Jan. de 2024.

MOURA, A. R. & GARRAFONI, R. S. **As línguas clássicas no ensino fundamental: comentários a partir de uma experiência recente.** In: FORTES, F. S. & PRATA, P. O latim hoje. Reflexões sobre cultura clássica e ensino. São Paulo: Mercado das Letras, 2013 (no prelo).

NEIVA, Lia. **Entre Deuses e Monstros.** Editora: Nova Fronteira (19 março 2019). Idioma: Português. Capa comum:150 páginas.

**PINOCCHIO.** Direção de Norman Ferguson, Ben Sharpsteen, Bill Roberts.Roteiro: Erdman Penner.Walt Disney's, 1940.

PORTELA, Oswaldo O. **A Fábula.** Revista Letras. Curitiba: IFPR, 1983. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19338/12634>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SETTE, Aline Teixeira Cavalcanti. **A formação de leitores por meio das narrativas mitológicas greco-romanas.** Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEMM. Mamanguape PB, 2016.

SILVA, Flávia Lins e. **As Peripécias de Pilar na Grécia.** Editora : Zahar; 3ª edição (22 agosto 2005). Idioma :Português. 104 páginas.

SILVA, Luciana Aparecida de Paula. **Letramento literário na escola [manuscrito]: a adaptação dos clássicos na formação do leitor literário / Luciana Aparecida de Paula Silva.** – 2018. 183 p., enc. : il., graf., color. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

SILVA, Rosa Maria Graciotto. **A fábula de Monteiro Lobato e a formação do leitor.** In:MENEGASSI, Renilson José (Org.). Leitura, escrita e gramática no ensino fundamental: Das teorias às práticas docentes. Maringá-PR: Eduem, 2010.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** São Paulo: Autêntica. 1999.

SOUZA, Andréa Garcia de. **Lendo fábulas e ampliando a competência leitora: uma proposta para a educação de jovens e adultos.** Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEMM. Mamanguape-PB, 2020.

SOUZA, Renata Junqueira de. & COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula.** Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40143>. Publicado em: 15/08/2011. Acesso em: 09 fev.2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

VALARINI, Sharlene Davantel. **Estratégias didático-metodológicas para o “ensino” da leitura do texto literário.** DISPONÍVEL IN: <https://editora.pucrs.br/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S9/sharlenevalarini.pdf>.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura na escola.** In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escolar: as alternativas do professor.* 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto.** São Paulo: Global, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **O escritor.** In: SCLIAR, Moacyr. Moacyr Scliar, Site oficial. 2017. Disponível em: Acesso em: 24 Jan. 2024.

# **ANEXOS**

## ANEXO 01

### CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

<b>ETAPAS</b>	<b>PERÍODO</b>
Envio de protocolo de pesquisa ao CEP	21/07/2023
Apreciação ética pelo Comitê de Ética em pesquisa	11 a 23/08/2023
Levantamento de dados	09 a 11/10/2023
Análise e discussão dos dados	16/10 a 26/10/2023
Conclusão da pesquisa	06/11/2023 a 30/11/2023
Defesa da dissertação	01 a 28/02/2024
Envio de relatório final da pesquisa ao CEP pela plataforma Brasil via notificação para obtenção de certidão definitiva	01/03/2024 a 30/03/2024

## ANEXO 02

### ORÇAMENTO

<b>Despesas de custeio</b>	<b>Valores (em R\$)</b>
Fotocópias de materiais didáticos	R\$ 200,00
Compra de tinta/cartucho para impressora	R\$120,00
Compra de papel ofício (A4) para impressão	R\$ 100,00
Despesa total:	R\$420,00

**ANEXO 03**  
**DOCUMENTOS OFICIAIS**

**TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO**  
(A ser utilizado pelos pais/responsáveis pelos alunos menores de idade)  
(Elaborado de acordo com as Resoluções N° 466/12 e 510/2016 do CNS)

O(A) seu(ua) filho(a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: “**OS COMPANHEIROS DE ULISSES, DE LA FONTAINE, E A ODISSEIA, DE HOMERO: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO PARA TURMA DO 8º ANO**”, desenvolvida por **IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA FELIX**, aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado Profissional em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (CCAUE/UFPB), sob a orientação da Profa. Dra. Michelle Bianca dos Santos Dantas.

O presente estudo tem como objetivo geral: favorecer o letramento literário em sala de aula na apresentação da Literatura Clássica, como a obra “*A Odisseia*”, de Homero, por meio da fábula *Os Companheiros de Ulisses* de La Fontaine.

O Letramento literário consiste em o indivíduo ser capaz de enxergar e de reconhecer que a Literatura traduz o mundo de forma particularizada e poética, além de se configurar em uma prática social, sendo uma ação imprescindível ao desenvolvimento e à manutenção humana: contemplar a descrição do mundo de maneira peculiar e impactante.

Justifica-se o presente estudo, pois oferecem as obras propostas ao leitor e/ou ouvinte a aquisição de palavras ora eruditas, ora popular, colaborando dessa forma para o seu repertório linguístico, deixando-o esteticamente mais belo e em consequência, mais convincente, dando ao escrevente ou ao falante uma admirável habilidade retórica e persuasiva. Ademais, entrar em contato com textos da antiguidade, como *A Odisseia* ou as fábulas de La Fontaine, produzidos muito antes da era moderna e simultaneamente atemporal, possibilita ao adolescente ampliar suas experiências humanas ao mesmo tempo em que representa um ganho em suas referências comportamentais.

Ainda, percebe-se que a diversidade e a atemporalidade das temáticas apresentadas pelas fábulas favorecem debates em sala de aula, fazendo com que os adolescentes estudantes associem o que viram na obra às experiências por eles vividas no mundo real, proporcionando-lhes a reflexão crítica acerca de interpelações sociais e humanas da época vigente. Ademais, há racionais expectativas que o trabalho com a fábula *Os Companheiros de Ulisses* na ocasião do ensino de leitura em sala de aula será um exercício agradável o qual poderá frutificar plenamente a vida dos estudantes do 8º ano.

A participação do seu(ua) filho(a) na presente pesquisa é de fundamental importância, mas será voluntária, não lhe cabendo qualquer obrigação de fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores se não concordar com isso, bem como, participando ou não, nenhum valor lhe será cobrado, como também não lhe será devido qualquer valor.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Observação participante e atividade de proposta didática.

Caso o seu(ua) filho(a) decida não participar do estudo ou resolver a qualquer momento dele desistir, nenhum prejuízo lhe será atribuído, sendo importante o esclarecimento de que

este estudo apresenta potenciais riscos de ocorrer ansiedade e/ou constrangimento ao responder ao questionário oral, de modo que as providências e cautelas para minimizar ou evitar os eventuais riscos consistem em oferecer ao participante a opção de interromper o preenchimento do instrumento de coleta de dados a qualquer momento antes de concluir a pesquisa, bem como a disponibilização de um local privado sem a presença de pessoas alheias ao estudo, enquanto que, em contrapartida, os benefícios serão a possibilidade de os sujeitos usarem o momento do questionário para produzirem novas elaborações em torno de suas experiências culturais e referências imagéticas junto aos seus mentores e, dessa forma, enriquecerem a pesquisa em construção. Apesar disso, você tem assegurado o direito ao ressarcimento ou à indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados deste estudo estarão à sua disposição quando finalizado. O nome do(a) seu(ua) filho(a) ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Em todas as etapas da pesquisa serão fielmente obedecidos os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resoluções nº. 466/2012 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Solicita-se, ainda, a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos ou divulgá-los em revistas científicas, assegurando-se que o nome do(a) seu(ua) filho(a) será mantido no mais absoluto sigilo por ocasião da publicação dos resultados.

Caso a participação de seu(ua) filho(a) implique em algum tipo de despesa, esta será ressarcida pela pesquisadora responsável, procedendo de igual maneira, caso ocorra algum dano.

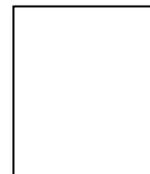
A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos, justificativa, riscos e benefícios da pesquisa, e dou o meu consentimento para que meu(inha) filho(a) possa dela participar e para a publicação dos resultados, assim como o uso de sua imagem nos slides destinados à apresentação do trabalho final. Estou ciente de que receberei uma via deste documento, assinada por mim e pela pesquisadora responsável, como se trata de um documento em duas páginas, a primeira deverá ser rubricada tanto pela pesquisadora responsável, quanto por mim.

Gurinhém-PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 202\_\_.

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora Responsável  
Responsável pelo(a) Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Testemunha



Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisadora Responsável: Prof.<sup>a</sup> Izabelly Laura Silva de Souza Felix

Endereço da Pesquisadora Responsável: Rua João Euclides de Souza Filho, S/N, Centro – Cajá-PB - CEP: 58.350-000 - Fone: (83) 9 8709-0062 - E-mail: professoraizabelly@gmail.com

O CEP e a CONEP:

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa

Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

## **TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE**

(A ser utilizado pelos alunos menores de idade)

(Elaborado de acordo com as Resoluções N° 466/12 e 510/2016 do CNS)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada **“OS COMPANHEIROS DE ULISSES, DE LA FONTAINE, E A ODISSEIA, DE HOMERO: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO PARA TURMA DO 8º ANO”**, desenvolvida por **IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA FELIX**, aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado Profissional em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (CCAUE/UFPB), sob a orientação da Profa. Dra. Michelle Bianca dos Santos Dantas.

O presente estudo tem como objetivo geral: favorecer o letramento literário em sala de aula na apresentação da Literatura Clássica, como a obra “A Odisseia”, de Homero, por meio da fábula Os Companheiros de Ulisses de La Fontaine.

O Letramento literário consiste em o indivíduo ser capaz de enxergar e de reconhecer que a Literatura traduz o mundo de forma particularizada e poética, além de se configurar em uma prática social, sendo uma ação imprescindível ao desenvolvimento e à manutenção humana: contemplar a descrição do mundo de maneira peculiar e impactante.

Justifica-se o presente estudo, pois oferecem as obras propostas ao leitor e/ou ouvinte a aquisição de palavras ora eruditas, ora popular, colaborando dessa forma para o seu repertório linguístico, deixando-o esteticamente mais belo e em consequência, mais convincente, dando ao escrevente ou ao falante uma admirável habilidade retórica e persuasiva. Ademais, entrar em contato com textos da antiguidade, como *A Odisseia* ou as fábulas de La Fontaine, produzidos muito antes da era moderna e simultaneamente atemporal, possibilita ao adolescente ampliar suas experiências humanas ao mesmo tempo em que representa um ganho em suas referências comportamentais.

Ainda, percebe-se que a diversidade e a atemporalidade das temáticas apresentadas pelas fábulas favorecem debates em sala de aula, fazendo com que os adolescentes estudantes associem o que viram na obra às experiências por eles vividas no mundo real, proporcionando-lhes a reflexão crítica acerca de interpelações sociais e humanas da época vigente. Ademais, há racionais expectativas que o trabalho com a fábula *Os Companheiros de Ulisses* na ocasião do ensino de leitura em sala de aula será um exercício agradável o qual poderá frutificar plenamente a vida dos estudantes do 8º ano.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Observação participante e

atividade de proposta didática.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta potenciais riscos de ocorrer ansiedade e/ou constrangimento ao responder ao questionário oral, de modo que as providências e cautelas para minimizar ou evitar os eventuais riscos consistem em oferecer ao participante a opção de interromper o preenchimento do instrumento de coleta de dados a qualquer momento antes de concluir a pesquisa, bem como a disponibilização de um local privado sem a presença de pessoas alheias ao estudo, enquanto que, em contrapartida, os benefícios serão a possibilidade de os sujeitos usarem o momento do questionário para produzirem novas elaborações em torno de suas experiências culturais e referências imagéticas junto aos seus mentores e, dessa forma, enriquecerem a pesquisa em construção. Apesar disso, você tem assegurado o direito ao ressarcimento ou à indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

Este Termo de Assentimento Livre e Esclarecido encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você.

A pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Vale ressaltar que durante todas as etapas da presente pesquisa serão cumpridas todas as determinações constantes das Resoluções 466/12 e 510/16 ambas do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que disciplina as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos, justificativa, risco e benefícios do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo Assentimento assinado por mim e pela pesquisadora responsável, e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Gurinhém-PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisadora Responsável: Prof.<sup>a</sup> Izabelly Laura Silva de Souza Felix

Endereço da Pesquisadora Responsável: Rua João Euclides de Souza Filho, S/N, Centro – Cajá-PB - CEP: 58.350-000 - Fone: (83) 9 8709-0062 - E-mail: professoraizabelly@gmail.com

O CEP e a CONEP:

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB - (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 horas.

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Bairro Asa

Norte, Brasília-DF – CEP: 70.719-040 – Fone: (61) 3315-5877 – E-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “múnus público”, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa.



ESTADO DA PARAÍBA  
PREFEITURA MUNICIPAL DE GURINHÉM  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES  
ESCOLA MUNICIPAL ENS. INF. FUND. PADRE JOSÉ MARIA MESQUITA  
SÍTIO MANECÓS I - GURINHÉM - PB

### TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução da pesquisa intitulada: “OS *COMPANHEIROS DE ULISSÉS*, DE LA FONTAINE, E A *ODISSEIA*, DE HOMERO: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO PARA TURMA DO 8º ANO”, a ser desenvolvida pela aluna IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA, do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS do CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO, da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Prof. Dra. Michelle Bianca Santos Dantas.

Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso em verificar seu desenvolvimento para que se possa cumprir os requisitos das Resoluções 466/12, 510/16 e da Norma Operacional 001/13, todas do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, como também, no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para garantia de tal segurança e bem-estar.

Igualmente informamos que o acesso à coleta de dados nesta instituição fica condicionada à apresentação, à sua unidade gestora, da CERTIDÃO DE APROVAÇÃO (PARECER CONSUBSTANCIADO) DO PRESENTE PROJETO (PROTOCOLO DE PESQUISA), PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA QUE O ANALISOU E O APROVOU. Tudo como preconiza as Resoluções 466/12, Resolução 510/16 e a Norma Operacional 001/13, todas do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

João Pessoa-PB, 07 de julho de 2023.

Lindomar Oliveira da Silva  
Gestor Escolar  
Matr 2021228

E.M.E.F. Pe. José Maria Mesquita  
INEP 25080617  
Sítio Manecos, S/N

07/07/2023  
Gurinhém - PB

Lindomar Oliveira da Silva  
CPF 09603624446  
CNPJ 05 031493/0001-40

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** OS COMPANHEIROS DE ULISSES, DE LA FONTAINE, E A ODISSEIA, DE HOMERO: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO PARA TURMA DO 8º

**Pesquisador:** IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 71665523.4.0000.5188

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.462.018

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de uma dissertação de mestrado profissional da aluna IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA do programa de pós-graduação LETRAS/PROFLETRAS - MESTRADO PROFISSIONAL da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Michelle Bianca Santos Dantas. Será uma pesquisa intervencionista, pois a intervenção em sala de aula é necessária no intuito de ser proporcionado ao educador uma nova roupagem no agir perante a abordagem da mitologia e da fábula em sala de aula para finalmente o educando fruir de boas vantagens para si próprio nessa promissora relação com esses gêneros literários.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:** Favorecer o letramento literário em sala de aula na apresentação da Literatura Clássica como a Odisseia e uma das fábulas de La Fontaine.

**Objetivo Secundário:** Analisar se há unanimidade no conceito de "Letramento Literário" entre a academia e a prática docente; Refletir como fazer os alunos enxergarem a literatura clássica como alegoria dos fenômenos humanos universais; Apresentar como em geral se realiza a abordagem dos mitos da Literatura Clássica em sala de aula do Ensino Fundamental – Anos finais.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.462.018

Existem potenciais riscos de ocorrer ansiedade e/ou constrangimento ao responder ao questionário oral, de modo que as providências e cautelas para minimizar ou evitar os eventuais riscos consistem em oferecer ao participante a opção de interromper o preenchimento do instrumento de coleta de dados a qualquer momento antes de concluir a pesquisa, bem como a disponibilização de um local privado sem a presença de pessoas alheias ao estudo.

**Benefícios:**

A possibilidade de os sujeitos usarem o momento do questionário para produzirem novas elaborações em torno de suas experiências culturais e referências imagéticas junto aos seus mentores e, dessa forma, enriquecerem a pesquisa em construção.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A proposta está adequadamente elaborada e permite tecer julgamentos concernentes aos aspectos éticos/metodológicos envolvidos, conforme diretrizes contidas na Resolução 466/2012, do CNS, MS.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos foram apresentados possibilitaram adequada avaliação no que se refere aos aspectos éticos e metodológicos.

**Recomendações:**

(O)A pesquisador(a) responsável e demais colaboradores, MANTENHAM A METODOLOGIA PROPOSTA E APROVADA PELO CEP-CCS.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisadora apresentou respostas adequadas às pendências apontadas em parecer anterior. Assim, proposta está adequadamente elaborada e permite tecer julgamentos concernentes aos aspectos éticos/metodológicos envolvidos, conforme diretrizes contidas na Resolução 466/2012, do CNS, MS.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim,

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 5.462.018

informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2176336.pdf	27/09/2023 20:03:17		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_COMPLETO_ATUALIZADO.pdf	27/09/2023 19:53:42	IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	CARTA_RESPOSTA_IZABELLY.pdf	27/09/2023 19:43:34	IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	MODELO_DE_TERMO_DE_ASSENTIMENTO.pdf	26/09/2023 22:59:13	IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	MODELO_DE_TCLE_PARA_PAIS_E_OU_RESPONSAVEIS.pdf	26/09/2023 22:58:47	IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_6267016.pdf	26/09/2023 22:40:06	IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_ATUALIZADO.pdf	19/09/2023 21:46:34	IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_IZABELLY.pdf	21/07/2023 01:48:46	IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA	Aceito
Outros	Declaracao_de_aprovacao_izabelly.pdf	21/07/2023 00:57:28	IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_assinado.pdf	21/07/2023 00:50:02	IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ANUENCIA_ASSINADO.pdf	18/07/2023 23:32:56	IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOAO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 6.482.018

JOÃO PESSOA, 26 de Outubro de 2023

---

**Assinado por:**  
**Eliane Marques Duarte de Sousa**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900  
**UF:** PB **Município:** JOÃO PESSOA  
**Telefone:** (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

Página 04 de 04



## FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: OSCOMPANHEIROSDEULISSES,DELAFONTAINE,EAODISSEIA,DEHOMERO:UMAPROPOSTADELETRAMENTOLITERÁRIOOPARA TURMA DO 8º ANO			
2. Número de Participantes da Pesquisa:38			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
<b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>			
5. Nome: IZABELLY LAURA SILVA DE SOUZA			
6. CPF: 057.951.864-73		7. Endereço (Rua, n.º): Rua João Euclides de Souza Filho Centro Casa CALDAS BRANDAO PARAIBA 58350000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 83987090062	10. Outro Telefone: 11. Email: professoralizabelly@gmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: 18 / 07 / 2023		Assinatura: Izabelly Laura Silva de Souza	
<b>INSTITUIÇÃO PROPONENTE</b>			
12. Nome: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA		13. CNPJ: 24.098.477/0017-87	14. Unidade/Orgão: CCAE/UFPB
15. Telefone: (83) 3291-1805		16. Outro Telefone: (83) 3049-4717	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: JOSEILME FERNANDES GOUVEIA		CPF: 051.878.164-03	
Cargo/Função: DIRETOR DO CCAE/UFPB		 Documento assinado digitalmente JOSEILME FERNANDES GOUVEIA Data: 11/07/2023 09:14:52 -0300 Verifique em https://validar.if.gov.br	
Data: 10 / 07 / 2023		Assinatura: Joseilme Fernandes Gouveia Diretor de Campus IV - CCAE/UFPB Sape: 1776437	
<b>PATROCINADOR PRINCIPAL</b>			
Não se aplica.			

## ANEXO 04

### Os companheiros de Ulisses

O rei de Ítaca, havia dez anos,  
Rumo incerto nas ondas errava;  
Chega um dia com os sócios à plaga,  
Em que a filha de Apolo reinava.  
Deu-lhes Circe um licor deleitoso,  
Que, de todo, os privou da razão;  
Perdem de homens a forma e o semblante;  
De animais tomam vulto e expressão.  
Ei-los — ursos, leões, elefantes;  
Uns têm corpo de grande craveira;  
Há meãos, há de marca pequena,  
Por exemplo: a mesquinha toupeira.  
Mas o filho do grande Laerte  
Suspeitou do enganoso licor;  
E, aplicando as lições da prudência,  
Escapara do laço traidor.  
Com seu garbo de herói, nobre gesto,  
Sedução de melíflua palavra,  
Infundiu na princesa um veneno,  
Mais subtil, que nas veias lhe lavra.  
Uma deusa diz tudo o que sente.  
Circe presa do herói se confessa:  
E em tirar desse amor bom partido  
O finório de Ulisses se apressa.  
Conseguiu que seus Gregos pudessem  
À roubada figura volver;  
«Mas duvido — pondera-lhe a deusa —  
Que hoje queiram à troca aceder.  
Ide, pois; perguntai a esses bichos  
Se desejam ser homens de novo.  
» Vai Ulisses, sem perda de tempo,

Arengar deste modo a seu povo:

«A taça empeçonhada  
Remédio encerra em si;  
E a vossa cura, ó sócios,  
Eu vo-la trago aqui.

Quereis, meus bons amigos,  
Voltar à espécie antiga?  
Falai, e o seu desejo  
Cada um bem claro diga.

» Responde o rei das selvas,  
Supondo que rugia:  
«Perder garras e juba?  
Tão tolo eu não seria!  
Posso com estas presas  
A postas reduzir  
A quantos temerários  
Me ousarem agredir.

Rei sou — voltando a homem,  
Também volto a soldado!  
Pra ser simples vassalo,  
Não vale mudar de estado.

» Ulisses, surpreso, dirige-se ao urso:  
«Irmão, que figura! que feio que estás!  
Tens pelos hirsutos, medonha dentuça,  
E, entanto, já foste bonito rapaz!

» Regouga-lhe o bruto:  
«Não vês que sou urso!?

Eu tenho o feitio que Deus dar-me quis,  
Quem acha dos homens mais bela a figura?  
Quem é que da nossa te arvore em juiz?  
Gentil ursazita, meu novo derraço,  
Não tem tão mau gosto; prefere-me assim.  
Oh! deixa-me; vai-te, prossegue o teu rumo.  
Se — sob este aspeto — não gostas de mim.

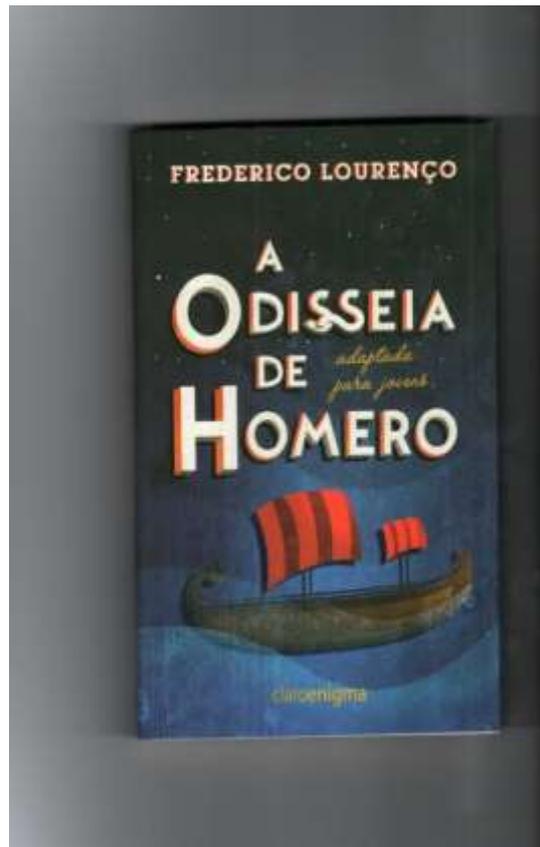
Eu vivo contente, sou livre e não sinto  
Tirar-me o sossego pensão nem cuidado;  
Por isso respondo, bem firme e bem claro:  
Rejeito a proposta; não mudo de estado.

» Confuso o príncipe grego  
Vai propor ao lobo a troca,  
E os brios do antigo sócio  
Com estas frases provoca:  
«Estou pasmo, ó camarada,  
Porque aos ecos pregoeiros  
Conta uma linda pastora  
Que lhe comeste os carneiros!  
Quem diria! Tu, que outrora,  
O rebanho lhe salvaras;  
Tu, que foste exemplo e tipo  
De qualidades tão raras!  
Abandona estas florestas;  
Volta aos teus; comigo vem!  
Despe essa pele nojenta;  
Volve a ser homem de bem!

» Uiva o lobo: «Ai, que vai torta!  
Já se viu maçada igual!  
Quem és tu, que ousas tratar-me  
De carniceiro animal?  
Quem deste modo me increpa  
Pouparia as ovelhinhas?  
Se eu homem fosse, as poupara  
Menos que as feras daninhas?  
Por uma palavra, às vezes,  
Não vos matais mutuamente,  
Fazendo o papel de lobos,  
Perdendo os foros de gente?  
Eu penso, por fim de contas,  
Que, malvado por malvado,

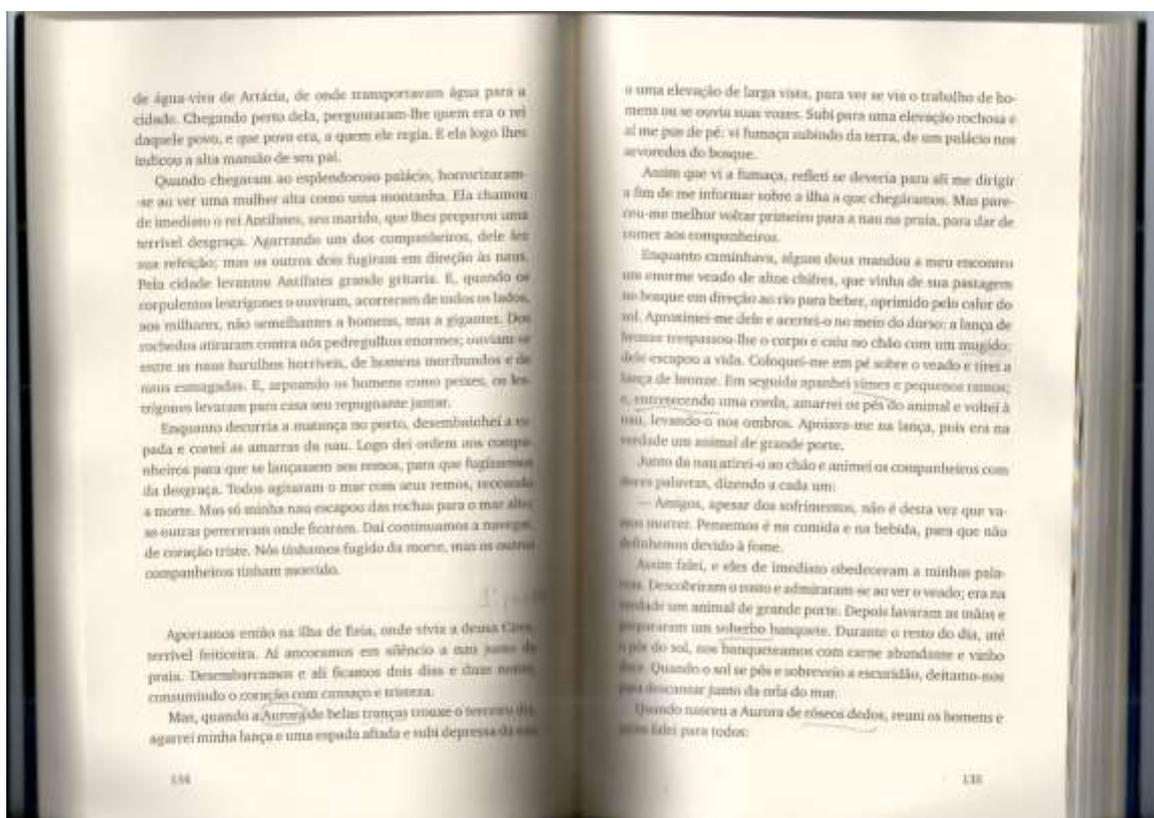
Melhor é lobo que gente.  
Não quero mudar de estado.  
» A igual proposta,  
Que o rei formula,  
Responde acorde  
Toda a matula.  
Tornar-se em homens,  
Quem diz? Não querem.  
Ser sempre feras  
Todos preferem.  
Matar a fome,  
Seguir o instinto,  
Vagar das selvas  
No labirinto;  
Eis as delícias  
Da estulta grei,  
Surda a incentivos,  
Rebelde à lei.  
Julgam ser livres  
Nas solidões,  
Cevando, a soltas,  
Brutais paixões.  
Curto bestunto  
De bichos bravos!  
Dos próprios vícios  
São mais que escravos.  
(LA FONTAINE, p.257)

ANEXO 05



## ANEXO 06

### LIVRO III: ULISSES CONTA SUAS VIAGENS – NA ILHA DE CIRCE – PÁGINA 131



— Amigos, a verdade é esta: não sabemos onde estamos. Estamos perdidos. Quanto a esta terra, não sei qual é. Subi a uma elevação rochosa e observei a ilha, cercada pelo mar infinito. A ilha em si é habitada, pois vi fumaça subindo por entre os arvores do bosque.

Assim falou, e logo se despediu o coração deles ao recordarem os atos das hespérides e a violência do ciclope, devorador de homens. Choraram alto, mas de nada serviram suas lamentações.

Dividi os companheiros em dois grupos: para cada grupo nomeei um chefe. De um grupo assumi eu a liderança; do outro, Euriloco. Em seguida agitatei as tochas num capacete de bronze e logo saltei para fora a norte de Euriloco. Partiu e com ele foram vinte e dois companheiros.

Numa clareira do bosque encontraram um palácio de pedra polida, em local de bela vista. Ao redor estavam lobos de montanha e leões que Circe enfeitiçara com drogas malfélicas. Porém os animais não atacaram os homens, mas puseram-se de pé, dando as boas-vindas, abanando a cauda. Tal como cães que saíram em volta do dono quando este chega ao banquete, porque ele sempre lhes dá guloseimas, assim saltavam em volta dos homens lobos de fúria garras e leões; e eles se aterrorizavam ao ver as fúrias.

Pararam à porta da deusa e ouviram de dentro Circe cantar do cum voz melódica, enquanto se dedicava à trama impositiva de sua tecelagem, sutil, graciosa e trilhante, como são as tapeçarias dos deuses.

Entre eles falou então Polites, que dos companheiros era o mais raro e mais fiel:

— Amigos, alguém lá dentro trabalha num grande tear: costura melodiosamente e todo o chão ressoa. Será deusa ou mulher. Chamemos depressa por ela.

Assim falou, e eles chamaram, elevando a voz. Ela saiu logo, abrindo as portas resplandecentes, e convidou-os a entrar. Eles entraram todos. Só Euriloco ficou para trás, desconfiando de algum engano.

Circe sentou-os em assentos e cadeiras e serviu-lhes queijo, cevada, mel e vinho; mas misturou na comida drogas terríveis. Depois que lhes deu a poção e eles a beberam, lutou neles com a vara, para logo os encerrar nas pocilgas. Tinham se transformado em porcos; tinham cabeça, voz, cerdas e aspecto de porco, mas seu espírito não mudou: continuavam com a compreensão de seres humanos. Já encurralados, Circe lançou-lhes hólizas, sementes e o feno da estajera para comerem, coisas de que se alimentam os porcos.

Euriloco veio correndo para a nau, para me dar a notícia do destino cruel dos companheiros. Mas não conseguia proferir palavra alguma, embora quisesse, de tal forma era sua agitação. Os olhos encheram-se de lágrimas e ele não parecia de se lembrar. Quando ade, espantado, fizemos perguntas, então nos contou a desgraça dos outros companheiros.

— Fomos pelos arvores, como ordenou, ó Ulisses. Num clareira do bosque encontramos um palácio de pedra polida, num local de bela vista. Lá dentro alguém se dedicava à tecelagem, cantando melodiosamente. Era deusa ou mulher, e eles chamaram por ela. Saiu logo, abrindo as portas resplandecentes, e convidou-os a entrar; e eles entraram todos. Só eu fiquei para trás, desconfiando de algum engano. Agora sumiram, nenhum deles voltou a aparecer, embora eu tenha ficado lá espera muito tempo.

Assim falou, e eu pendurei nos ombros uma grande espada de bronze, peguei também o arco. Disse-lhe que me conduzisse pelo mesmo caminho. Mas ele, agarrando-se a meus joelhos, apertou-me e dirigiu-me estas palavras:

*Por que se vara em  
diversos porcos?*

— Não me leve à força, deixe-me aqui. Pois sei que nem você regressará, nem trará nenhum dos companheiros. Fugamos depressa com estes que aqui estão; assim escaparemos da morte.

Assim falou, e eu, tomando a palavra, respondi-lhe deste modo:

— Euríloco, fique aqui, se quiser; mas eu tenho de ti, pois tenho essa responsabilidade.

Assim dizendo, afastei-me da nau e da praia. Quando entre os arcveredus estava prestes a chegar ao grande palácio de Circe, veio a meu encontro o deus Hermes, semelhante a um jovem com a primeira barba despontando. Apertando-me a mão, dirigiu-me a palavra:

— Aonde vai você sozinho, ó infeliz, por estes tempos, sem conhecer o lugar? Seus companheiros estão encerrados como porcos na casa de Circe, em pocilgas escondidas. Será que veio para soltá-los? Digo-lhe que não regressará, e ficará também onde estão os outros. Mas para ajudá-lo vou dar-lhe umaerva potente. Pois é isto que vai acontecer. Circe preparará para você uma poção e terá drogas na comida; mas não será capaz de enfeitá-lo, pois a erva que lhe darei não o permitirá. E lhe direi mais: quando Circe tocar você com sua vara, desembainhe a espada e se lance contra ela, como se a quisesse matar. Ela ficará com muito medo e vai oferecer-lhe sua cama. De sua parte, não recuse a cama de deusa, para que ela solte seus companheiros e trate bem de você. Mas ordene-lhe que jure o grande juramento dos deuses: que não preparará para você qualquer outro sofrimento.

Assim falando, Hermes deu-me a erva, arrancando-a da terra, e explicou-me sua natureza. A tiz era negra, mas a flor era branca como leite. Os deuses chamam-na móli, e descerá-lhe é difícil para homens mortais; mas aos deuses tudo é possível. Hermes subiu da ilha frondosa para o alto Olimpo, e eu caminhei para a casa de Circe, enquanto removia muitas coisas de

coração. Parei junto da porta da deusa. Ali, de pé, chamei por ela; e a deusa ouviu minha voz.

Sali logo, abrindo as portas resplandecentes, e convidou-me para entrar. Acompanhei-a, preocupado. Levo-me para dentro e trouxe-me um trono incrustado de prata, bem trabalhado; pôs-me um banco para os pés. Preparou uma poção numa taça obscura, para que eu bebesse, mas misturou-lhe uma droga com espírito malévolos. Porém, depois que me deu a poção, e eu a bebi, não me enfeitizou.

Mesmo assim, bates em mim com a vara e diz:

— Vá para a pocilga e deite-se com os outros companheiros!

Assim falou, mas eu, desembainhando a espada, lancei-me contra ela, como se quisesse matá-la. Circe, com um grito, desviou-se e abraçou meus joelhos.

— Quem és? — perguntou. — De onde vieste? Que cidade é a tua? Quem são meus pais? Estava espantada por ter bebido a poção sem ficar enfeitado. Nenhum homem jamais resistiu a essa droga depois de bebê-la. Mas sua mente não pode ser enfeitada. É só verdade o astuto Ulisses. Sempre soubo que aqui apartaria no regresso de Troia. Mas reponha sua espada. Vamos para a cama, para que nos unamos em amor e possamos coçar um no outro.

Assim falou, e eu dei-lhe a seguinte resposta:

— Ó Circe, como pode pedir-me para ir com você para a cama? Você, que transformou meus amigos em porcos! Faça obediência que não irei com você para a cama, a não ser que você, a deusa, cuse jurar um grande juramento: que não preparará para mim qualquer outro sofrimento.

Assim falei, e ela jurou logo, como lhe ordenara. Só então é que fui para a cama de Circe.

Nesse momento, as servas no palácio estavam muito atarefadas, assim quanto que ela tinha como servas dentro de casa. Eram elas filhas de fontes, de bosques e de rios sagrados que

correm em direção ao mar. Uma delas atirou sobre as cadeiras belas mantas de púrpura, colocando embaixo mantas de linho. Outra pôs cestos de ouro em cima das mesas prateadas. A terceira misturou vinho doce numa tigela de prata e distribuiu taças douradas. A quarta trouxe água e acendeu o fogo sob a grande tripode, até que a água aquecesse.

Assim que a água ferveu no caldeirão de bronze, sentou-me no banho e lavou-me com água da tripode. Misturando-a a meu gosto, derramou-a sobre meus ombros até tirar de meus membros todo o cansaço que sentia. Depois que me banhou, me esfregou com azeite e me vestiu com bela capa e túnica, levando-me para dentro e trouxe-me um trono de prata, bem trabalhado; pôs-me um banco para os pés. Uma serva trouxe um jarrão com água para as mãos, um belo jarrão de ouro, e verteu água numa bacia de prata. E junto de mim coloquei uma mesa polida. A venerável governanta veio trazer o pão e também iguarias abundantes de tudo que havia. Mandou-me comer, mas isso não agradou meu coração; fiquei sentado, pensando em outras coisas, com mágoa no espírito.

Quando Circe reparou que eu estava assim semado, sem entender as mãos para a comida, dominado pela dor, aproximou-se e disse:

— Ulisses, por que se senta assim como um mudo, sem tocar em comida nem bebida? Será que receia outro engano? Não deve, pois lhe jurei um poderoso juramento.

— Ó Circe — respondi —, que homem ousaria comer e beber antes da libertação dos companheiros, antes de vê-los? Pois, se quer mesmo que eu coma e beba, solte-os, para que eu os veja com meus próprios olhos.

Assim falei, e Circe saiu do palácio segurando a vista na mão. Abriu as portas da pocilga e conduziu-os para fora, na forma de porcos com nove anos de idade. Eles ficaram parados em sua

frente; ela caminhou entre eles, unindo cada um com outra diátria. De seus membros caíram as cerdas, que antes o feitio detestável de Circe fizera crescer. Transformaram-se de novo em homens, mais novos que antes, muito mais belos e mais altos. Reconheceram-me e cada um apertou minha mão; começaram a chorar um choro saudoso. Foi impressionante como a essa ressaca: até a deusa se compadeceu.

Acercando-se de mim, disse então Circe:

— Ulisses de mil audas, vá agora para a nau na tida do mar. Primeiro arraste a nau para terra firme. Equipamento e bens, guarde-os em grutas. Depois volte e traga com você seus companheiros.

Assim falei, e eu fiz como ela disse. Foi para a orla do mar. Encontrei meus companheiros, que se lamentavam, vertendo lágrimas copiosas. Tal como quando as velas saltam em volta das rochas, suas mãos, magindo sem parar — assim aqueles homens, logo que me viram, derramaram lágrimas, pois lhes parecia que tinham chegado à sua pátria, à própria cidade da áspera Ítaca, onde nasceram e foram criados.

Chorando, dirigiram-me estas palavras:

— Quando você aqui chegou nos alegramos como se tivéssemos chegado à Ítaca, nossa pátria! Mas cume-nos a desgraça dos outros companheiros.

Assim falei, e eu lhes respondi com palavras brandas:

— Primeiro arrastemos a nau para terra firme e guardemos equipamento e bens em grutas. Depois venham todos comigo. Os outros estão no palácio de Circe, bebendo e comendo; têm tudo em abundância.

Assim falei, e eles obedeceram logo a minhas palavras. Só Kaliklo tentou refrear os outros companheiros, e assim falou:

— Infelizes! Aonde vamos? Vamos para o palácio de Circe, para que ela nos transforme em porcos, lobos ou leões, para

guardar-nos à força sua casa? Lembrem-se do que aconteceu com o ciclope, quando em sua morada entraram nossos companheiros! Perceberam por causa da loucura deste homem.

Assim falou, e eu ainda pensei se deveria desembainhar a espada e cortar-lhe a cabeça, embora fosse meu parente próximo. Mas, um a um, os companheiros procuraram amansar-me com palavras doces:

— Ulisses, deixemos este homem, se permitir, ficar aqui junto da nau para guardá-la. Leve-nos agora até o palácio de Circe.

Assim falando, vieram comigo. No fim, nem Euríloco ficou na praia, mas veio conosco, pois temeva a severidade de minha censura.

Enquanto isso, em seu palácio, Circe banhara com gentileza os demais companheiros e ungira-os com azeite, vestira-os com túnicas e capas de lã. Nós encontramos todos se banqueteando no palácio. Men, quando se viram e reconheceram uns aos outros, choraram. E ao redor ecoou toda a casa.

Aproximando-se de mim, disse-me então Circe:

— Filho de Laertes, Ulisses de mil anãs! Para que estes lamentos? Eu mesma conheço as dores que vocês sofreram no mar e as maldades que lhes fizeram em terra firme. Mas agora nutram e bebam, até que sintam de novo no peito a mesma força que tinham quando pela primeira vez deixaram a terra pátria, a fértil Ítaca; pois vocês agora estão murchos e cansados, sempre recordados da dificuldade da viagem, não sentem nenhuma alegria, com tantos sofrimentos.

Assim falou, e nós achamos bom o que ela sugeriu. Tivemos dias, até perfazer um ano, ali ficamos, comendo carne em abundância e bebendo vinho suave.

Mas, quando passou um ano e as estações completaram seu ciclo, chamaram-me os três companheiros e disseram-me:

— Louco! Lembra-se agora de Ítaca, se está destinado que se salve e chegue a seu alto palácio e a sua terra pátria!

Assim falaram, e eu lhes dei razão. Quando, mais tarde, fui para a cama com Circe, supliquei-lhe de joelhos, a desou ouvir minha voz.

— Ó Circe, cumpre agora aquilo que me prometeste, de me mandar para casa, pois é isso que eu quero. Além disso, meus companheiros me atormentam o coração chorando ao meu redor quando não está presente.

Assim falei, e logo me respondeu Circe:

— Não fiquem contrariados em minha casa! Mas chegou a hora de saberem isto: falta-lhes ainda cumprir outra viagem. Vão de descer ao mundo dos mortos, à morada de Hades e de Persefone, para consultar a alma de Tírsias, o cego adivinho. Já a ele, na morte, concedeu Persefone o entendimento, embora os outros lá esvoaçem como sonâmbros.

Assim falou, e dentro de mim se despedaçou meu coração. Ulisses sentado na cama, e meu coração não queria viver nem contemplar a luz do sol. Mas depois que me acabei de chorar e de me atormentar, então respondi-lhe, dizendo o seguinte:

— Ó Circe, quem nos conduzirá por esse caminho? Ao Hades nunca foi nenhum homem.

— Levante apenas o mastro, alce a vela branca e fique sentado; pois a levará o sopro do vento. Quando travostarem a corrente do Oceano, verá uma praia baixa e os bosques de Nereus, grandes ilamios e choupos que perdem seu fruto. Aí vá ao rio e siga você mesmo para o Hades. Nesse local há uma fonte, onde confluem os rios retumbantes. Aí deverá criar uma libação. Nada você vai verter: uma libação para todos os mortos, primeiro de leite e mel, depois de vinho doce e, em terceiro lugar,

de água. Ofereci muitas súplicas aos mortos, jurando que ao chegar a Itaca sacrificaria uma vitela estéril, a melhor que tiver; e para Tirésias em separado oferecerei um bode, todo negro, o melhor de seus rebentos. Depois de com preces ter aplacado aos mortos, então sacrifique um bode e uma negra ovelha, virando para a escuridão a cabeça deles; mas você olhe para trás. Vião depois a seu encontro muitas almas dos mortos. Ordene a seus companheiros que esfriem as ovelhas, que ali jaziam degoladas, e que os queimem, dirigindo preces aos deuses, a Hades poderoso e à temível Perséfone. Desembainhando a espada, fique ali sentado: não permita que os mortos cheguem ao sangue, antes de interrogar Tirésias. Então virá a seu encontro o adônio, que lhe dará uma informação preciosa sobre seu regresso.

Assim falou, e logo sobreveio a Aurora. Circe lançou sobre mim capa e túnica; e ela pôs um vestido de fio de prata, sutil e gracioso; na cintura amarrôu um cinto de ouro e sobre a cabeça colocou um véu.

Fui pelo palácio incitando os companheiros com doces palavras, dizendo a cada um:

— Acordem! Temos de nos pôr a caminho, Circe já me explicou tudo.

Assim falei, e eles obedeceram a minhas palavras. Mas nada dali pude conduzir os companheiros sem lutas.

Havia um rapaz novo, Elpenor, que não era nem muito corajoso nem muito esperto. Longe dos companheiros, próximo do o fresco da noite, deitara-se no telhado do palácio, perdido de vinho. Ouvindo a agitação e o barulho dos companheiros movimentando-se, levantou-se, sobresaltado. Esqueceu-se de descer pela longa escada, zaindo de cabeça do telhado; das vitas tebras se partiu seu pescoço e para o Hades desceu a alma.

Mas, no meio da confusão, ninguém percebeu a morte dele. Nesse momento, eu dizia aos outros companheiros:

— Vocês pensam porventura que é para casa, para a terra amada que regressamos, mas outro foi o caminho que Circe indicou. Temos de ir ao mundo dos mortos, para a mansão de Hades e de Perséfone, para eu interrogar a alma de Tirésias.

Assim falei, e logo se despedaçou o coração de cada um deles. Sentando-se onde estavam, choraram e arrancaram os cabelos; mas foram em vão as lamentações. Quando nos dirigimos para a nau veloz, para a orelha do mar, Circe prendeu na escota nos um bode e uma negra ovelha, passando facilmente em nossa frente.

Pois quem poderá, contra a vontade de um deus, contemplá-lo com os olhos, em sua partida ou em sua viuvez?

## ANEXO 07

### EXPRESSÕES POPULARES ORIGINADAS DA CULTURA LATINA

#### 1. A grama do vizinho é sempre mais verde

Frase em latim: *Seges fertilior est alienis semper in agris* - Ovidius.

Significado: Essa expressão, datada do século XII, é usada até hoje, quando achamos que a vida do outro é sempre melhor do que a nossa.

Ela também serve como um lembrete de que "apesar da grama do vizinho parecer ser mais verde", que a vida do outro é melhor, isso não é necessariamente verdade.

#### 2. Jogar a toalha

Frase em latim: *Hastas abicere* - Cicero.

Significado: Esta expressão significa desistir de alguma coisa. É utilizada quando uma pessoa desiste de algum objetivo, ou sai no meio de uma competição.

A versão em latim significa "jogar fora suas lanças", remetendo à alguém que desistiu de uma batalha.

#### 3. Assobiar e chupar cana

Frase em latim: *Simul flare sorbereque haud factu facilest* - Plautus.

Significado: Essa frase em latim, datada de 791, recebeu uma versão bem brasileira. Sua tradução original seria "não é fácil soprar e engolir ao mesmo tempo" e significa que não é fácil fazer duas coisas que se contradizem ao mesmo tempo.

No caso, assobiar e chupar cana são duas coisas que dependem de esforços diferentes da boca, então não conseguimos fazer os dois no mesmo momento.

#### 4. A fome é o melhor tempero

Frase em latim: *Cibi condimentum est fames* - Cicero.

Significado: Já ouviu essa frase da sua mãe? Essa expressão é dita quando você está com muita fome, e sente que a comida que está comendo é a melhor do mundo.

Afinal, quando se tem fome, não existe cara feia. Qualquer comida que a sacie será a melhor.

#### 5. Falando do diabo...

Frase em latim: *Lúpus in Fabula* - Terentius.

Significado: Utilizamos essa frase quando estamos falando de alguém, e ela aparece de repente. Sua versão completa seria "Falando do diabo, já aparece o rabo".

Já sua tradução literal em latim seria "o lobo na história", e significa um aviso, que ao falar do lobo, logo já se pode ver sua cauda. A frase em latim foi dita em 537 DC.

#### 6. Onde há fumaça, há fogo

Frase em latim: *Semper flamma fumo est proxima*. - Plautus.

Significado: Essa expressão é utilizada pra dizer que se há rumores, é porque alguma coisa sobre isso é verdadeiro. Se existe algum sinal, é porque há alguma coisa por trás.

Sua versão original pode ser traduzida como "a fumaça está sempre próxima do fogo".

#### 7. A bebida entra e a verdade sai

Frase em Latim: *In vino veritas* - Pliny, the Elder.

Significado: Se você bebe, ou tem contato com pessoas que costumam beber, já deve conhecer essa frase. Quem nunca falou demais depois de alguns copos?

Essa expressão popular é inspirada na sábia citação de Pliny, O velho, que na tradução literal significa “no vinho está a verdade”.

#### **8. Ensinar o padre a rezar a missa**

Frase em latim: *Sus Minervam docet* - Cícero.

Significado: Esta expressão é usada quando alguém tenta dar um conselho para alguém mais experiente do que ela. Seria tão tolo como ensinar o padre à rezar a missa.

Ela vem da frase em latim "*sus Minervam docet*", que em sua tradução significa “um porco ensinando a Minerva”. Minerva é a deusa romana das artes.

#### **9. Mais vale um pássaro na mão do que dois voando**

Frase em latim: *Bis gratum quod ultro offertur* - Desconhecido.

Significado: Essa frase é um conselho de que é melhor ficar com o que você já tem garantido, do que tentar ter mais e arriscar perder tudo.

Sua versão original pode ser traduzida como "mais vale um 'tome' do que dois 'te darei'".

#### **10. Fazer tempestade em copo d'água**

Frase em latim: *Arcem facere e cloaca* - Cícero

Significado: Essa expressão é utilizada quando uma pessoa exagera sobre uma situação que não tem importância, quando ela faz muito caso sobre algo.

Sua tradução literal do latim é bem diferente, algo como “fazer uma fortaleza para um esgoto”, mas que tem significado semelhante, sobre dar muita importância a algo que não merece.

## ANEXO 08

### MATERIAL FORMATIVO - A ORIGEM MITOLÓGICA DOS NOMES DE PLANETAS E LUAS DO SISTEMA SOLAR

- Desde pequenos, na escola, aprendemos sobre cada um dos oito planetas oficiais que fazem parte deste sistema: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Isso, é claro, sem contar Plutão, que foi "rebaixado" e classificado como um planeta anão em 2006. Mas você já parou para pensar sobre a origem dos nomes dos planetas, e como ou por que esses nomes foram escolhidos?
- A civilização romana adaptou os nomes desses planetas de acordo com suas próprias divindades, considerando características de cada planeta. Sendo assim, os nomes que até hoje usamos para planetas e suas luas são uma homenagem a deuses da mitologia greco-romana, nomes esses que atravessaram os séculos.
- **Mercúrio:** Mercúrio é o planeta mais próximo do Sol, o menor de todos e o que tem a órbita mais rápida, completando uma volta inteira ao redor do Sol a cada 88 dias terrestres, apenas. E o planeta em questão foi associado a Mercúrio, o mensageiro dos deuses (que, para os gregos, atendia por Hermes), justamente por causa dessa velocidade toda em sua trajetória.
- **Vênus:** O nome Vênus vem da deusa romana da beleza e do amor, porque o planeta era o mais brilhante de todos, segundo astrônomos antigos. Vênus é ninguém menos que a personificação do amor e da beleza, na mitologia romana.
- **Marte:** Quando os astrônomos viram esse planeta vermelho, a associação óbvia foi com a cor do sangue. E é por isso que Marte recebeu o nome do deus romano da guerra, o mais violento dos deuses.
- **Júpiter:** Júpiter, o maior e mais majestoso planeta do Sistema Solar. Que nome mais apropriado, senão o do deus supremo da mitologia romana? Equivalente ao Zeus da mitologia grega, Júpiter é o rei dos deuses. Ele normalmente é representado com um raio em uma das mãos, já que é a divindade do céu, dos raios, dos trovões e das tempestades.
- **Saturno:** Por ser um planeta que se move mais lentamente, Saturno recebeu esse nome em homenagem ao deus romano do tempo, que, na mitologia grega, atende por Cronos (é por isso que usamos termos como "cronologia", "ordem cronológica", "cronômetro", etc).
- **Urano:** O astrônomo Johann Bode decidiu manter a tradição de batizar os planetas em homenagem aos mitos greco-romanos, e escolheu Urano por causa da tonalidade azul celeste que toma conta do planeta. Acontece que Urano, na mitologia, é o deus do céu, marido de Gaia e pai de Saturno, avô de Júpiter.
- **Netuno:** Netuno ganhou esse nome por causa do equivalente a Poseidon, na mitologia grega. O deus romano Netuno era o rei do oceano, e um dos três grandes (junto com seu irmãos Júpiter e Plutão), então a escolha vem por causa da intensa tonalidade de azul que o planeta apresenta.

- **Plutão:** Quando foi descoberto, por ser o planeta mais distante do Sol, recebeu o nome do mais obscuro de todos os deuses: o rei romano do Mundo Inferior, equivalente ao grego Hades. Plutão era o deus dos mortos, e seu reino ficava embaixo da terra.

## ANEXO 09

**MATERIAL FORMATIVO** - Quem são os primeiros super-heróis? Conheça os mitos que deram origem a Homem-Aranha e Super-Homem



CRÉDITO: GETTY IMAGES

Aquiles ficou conhecido não apenas por sua habilidade como guerreira, mas por sua fraqueza **Quem nunca sonhou em ter superpoderes? É uma fantasia tão antiga quanto a própria humanidade.**

Super-heróis já existiam muito antes de histórias em quadrinhos os popularizarem e do cinema transformar figuras como Homem-Aranha, Super-Homem e Mulher-Maravilha em máquinas de fazer dinheiro.

Milhares de anos atrás, gregos, romanos, nórdicos, indígenas americanos e centenas de outras culturas já criavam seus heróis com poderes sobre-humanos.

Na verdade, muitos de nossos super-heróis contemporâneos, suas características e habilidades foram inspirados nesses personagens clássicos e, em alguns casos, foram copiados diretamente, como o Thor, da Marvel.

Descubras os superpoderes míticos que deram o caminho das pedras à Marvel e à DC:

### **1. Força sobre-humana (como o Hulk)**

O herói Hércules é a estrela de histórias em quadrinhos da Marvel e de um personagem com o mesmo nome em um desenho animado da Disney, mas a lenda do Hércules na verdade tem milhares de anos.

Rebatizado pelos romanos, originalmente ele era um semi-deus da antiga Grécia chamado Hércules.

Filho de Zeus com a bela mortal Alcmena, ele nasceu com força e energia sobre-humanas.

Entre outros feitos notáveis, Hércules/Hércules completou 12 missões impossíveis, matou diversos monstros, segurou o firmamento por um tempo (para dar um descanso a Atlas), ganhou todas as categorias nos primeiros Jogos Olímpicos e até lutou e derrotou a própria Morte.

### **2. Uma fraqueza fatal (como a kryptonita para o Super-Homem)**



Hércules, da mitologia grega, tinha força sobre-humana muito antes do Hulk

Filho do rei grego Peleus e da ninfa do mar Thetis, Aquiles era a estrela de sua geração... Mas todo super-herói tem que ter uma fraqueza, senão qual a graça?

O Super-Homem tem a kryptonita, o Wolverine tem a espada Murasama e a Mulher/Maravilha original perdia todos os poderes se... tivesse os braceletes amarrados juntos por um homem (lembrando que sua primeira aparição foi em 1941).

Aquiles foi o herói da Guerra de Tróia e o maior dos guerreiros da mitologia grega, mas ele também tinha uma fraqueza simples. Sim, era o seu calcanhar.

Quando bebê, uma profecia preveu que ele morreria jovem.

Com medo da profecia, sua mãe foi até o submundo para mergulhar o filho no rio Estige, que dava poderes de invulnerabilidade. Mas como ela o segurou pelo calcanhar, essa parte de seu corpo ficou seca.

Em algumas das versões da lenda de Aquiles, ele é morto por uma flecha que atinge seu calcanhar – embora isso não aconteça na *Ilíada*, a principal fonte de sua história.

Foi essa lenda que deu origem à expressão "calcanhar de Aquiles", que significa um ponto de fraqueza em alguém que em geral é forte.

### 3. Inteligência e esperteza (como o Batman)



Odisseu é um dos heróis mais famosos da mitologia grega

Odisseu é o lendário rei de Ítaca, mais conhecido como o herói da *Odisséia* – que conta a história da viagem de dez anos do herói de volta para casa depois da Guerra de Tróia.

Odisseu enfrenta muitos desafios e problemas no caminho, mas assim como Batman, ele vence os adversários usando sua esperteza e inteligência.

Quando ele é capturado pelo ciclope Polifemo, um gigante de um olho só que engole vários de seus homens, Odisseu diz a Polifemo que seu nome é "ninguém", depois convence o gigante a beber até cair e o cega usando um espeto de madeira. Polifemo grita de dor, mas quando os outros cíclopes perguntam o que aconteceu, ele responde "ninguém me cegou!"

Seus amigos pensam que ele está louco, e Odisseu e sua tripulação conseguem escapar.

#### 4. Mágica (como a Feiticeira Escarlata)



#### 5. Não mexa com Circe ou pagaré caro

Muitos dos super-heróis modernos tem superpoderes derivados da magia.

No universo cinematográfico da Marvel, a Feiticeira Escarlata controla a magia do caos e manipula probabilidades, e o doutor Estranho aprende as artes místicas quando suas mãos são feridas gravemente em um acidente.

Nos quadrinhos, a heroína Mística, dos X-Men, pode ler as emoções de seus inimigos e manipular sombras para atacá-los (além de poder se transformar em qualquer pessoa).

Mas muito antes desses personagens, havia Circe, a deusa da feitiçaria mais poderosa da mitologia grega.

Circe tinha habilidade de transfiguração e ilusionismo, e foi exilada para um ilha mítica com muitas ninfas de companhia.

Através de seu profundo conhecimento de poções e ervas e com o uso de seu cajado mágico, ela transformava seus inimigos – ou qualquer pessoa de quem não gostasse – em monstros e animais.

Foi assim que transformou a bela ninfa Cila em uma criatura de seis cabeças e doze tentáculos que devorava marinheiros.

E quando Odisseu visitou sua ilha, Circe não pensou duas vezes antes de transformar sua tripulação em porcos.

#### 5. Mulheres guerreiras (como a Mulher-Maravilha)



Amazonas e gregos em uma luta épica

Na mitologia grega, as Amazonas são uma tribo de mulheres guerreiras fortes, habilidosas e corajosas – que lutavam de igual para igual com guerreiros homens.

As Amazonas são a inspiração para a princesa Diana de Themyscira, a Mulher-Maravilha, da DC.

Nas primeiras histórias de origem da heroína, ela foi esculpida por sua mãe, a Rainha Hipólita, e abençoada com habilidades e poderes dos deuses gregos.

Mas nas versões mais recentes a DC mudou sua história para que ela fosse filha de Deus.

Então, agora ela não só descende de uma linha de Amazonas poderosas como é uma semi-deusa.

#### **6. Identidade secreta (como o Super-Homem)**



A imagem de Eros mudou muito ao longo dos séculos

O deus romano Cupido – conhecido como Eros para os gregos antigos – é uma das divindades mais reconhecíveis da antiguidade clássica.

Assim como muitos heróis famosos, Cupido mantinha suas habilidades supernaturais (e suas asas) em segredo de sua própria mulher, Psiquê. Ele saía cedo de casa e quando voltava, à noite, insistia que as luzes estivessem apagadas quando ele entrava no quarto dela – simples. Sua imagem na Grécia do período clássico não era a de um anjinho gordinho com cara de menino, mas de um jovem esbelto e sensual. Sua representação começou a mudar no período helenístico, que começou depois de 323 d.C.

#### **7. Invisibilidade (como a Mulher Invisível, do Quarteto Fantástico)**



Perseu usou seu escudo e o elmo de Hades

A invisibilidade é outra habilidade de heróis, como a Mulher Invisível, do Quarteto Fantástico.

Assim como ela, o semi-deus Perseu usou a invisibilidade para enganar a Medusa, uma górgona (monstro grego de aspecto feminino).

Ele foi enviado para trazer sua cabeça, mas era uma tarefa quase impossível, já que o olhar da besta transformava as pessoas em pedra.

Ele então se armou com o elmo de Hades, que conferia invisibilidade a quem o usasse, e se aproximou do covil da Medusa enquanto ela dormia.

Olhando-a através do reflexo de seu escudo, ele conseguiu se aproximar dela e cortar-lhe a cabeça.

E com o elmo que o tornava invisível, escapou das duas outras górgonas que o perseguiram (e que ele não podia matar, porque eram imortais).

## 8. O martelo poderoso... E tudo mais (como Thor)



Fique longe desse martelo

Controlar o tempo e as condições meteorológicas e usá-las para vencer na batalha também é um clássico em histórias de heróis.

Na mitologia nórdica, Thor é o Deus do Trovão – associação com trovões, raios, tempestades, carvalhos e força.

Ele era dono do martelo mágico Mjöllnir, que lhe dava o poder de voar e manipular o tempo para cumprir seu principal propósito: a proteção da humanidade.

Seu homônimo da Marvel, Thor Odinson, é baseado justamente nessa divindade mitológica nórdica – e as semelhanças entre eles não são mera coincidência.

## ANEXO 10

### Ninfas: 10 fatos e curiosidades para conhecê-las e entender sua influência na cultura

As ninfas eram **seres de natureza espiritual na mitologia grega** que tinham a personificação de mulheres jovens e atraentes. A palavra ninfa no grego significa “moça”, “mulher jovem” e também tem ligação com a palavra “noiva”.



Pintura "Banho de Ninfas". Alamy Hendrick van Balen e Jan Brueghel II. (1585 - 1625).

Elas eram **protetoras das regiões onde habitavam** como lagos, florestas, campos e montanhas. As ninfas eram companheiras de diversos deuses e geralmente estavam associadas aos relacionamentos que tiveram com eles. Hoje, utilizamos a figura construída sobre as ninfas para falar de termos que tocam a biologia, a geografia e a psicologia.

#### 1. As classes de ninfas se referiam às regiões que elas habitavam ou estavam associadas



Pintura "Ninfas e Sátiros". Charles Édouard Delort (1888).

Existiam dezenas de tipos e classes de ninfas de acordo com os lugares que elas estavam relacionadas. Entre elas, podemos destacar:

As ninfas das terras e cultivos 🌱

Chamadas de **Epigeias**, esse grupo de ninfas estava relacionado à questões ligadas à atividades da terra, como o plantio, a agricultura e os cultivos. Algumas delas são:

- Oréades ou Orestíades: ninfas das montanhas.
- Antríades: ninfas das cavernas.
- Auloníades: ninfas dos pastos.

- Napeias: ninfas dos vales.
- Limáquides ou Limonídes: ninfas das campinas e dos prados.
- Alseídes: ninfas dos bosques.
- Antusas: das flores.
- Dríades: ninfas do carvalho.
- Hamadríades: ninfas de todas as outras árvores.
- Melíades ou Melias: ninfas das árvores do freixo, uma espécie de árvore muito encontrada na região da Grécia Antiga.

As ninfas dos rebanhos e pomares 🐄🍏

Você já ouviu falar na palavra bucólica? Ela surge do grego e se refere às ninfas do grupo conhecido como **Bucólicas**, que hoje tem o significado de campestre, rural, gracioso. Essas ninfas estavam associadas aos rebanhos e pomares. Elas são:

- Epimélides: ninfas dos pomares.
- Perimélides: ninfas dos rebanhos.

As ninfas das águas salgadas 🌊

As **Haliades** ou **Halias** eram as ninfas que faziam parte do grupo associado às águas salgadas. Elas possuem diversas histórias na mitologia grega. Poseidon, por exemplo, era geralmente ligado às nereides.

- Oceânides: ninfas filhas de Oceano (o mais velho dos titãs). Estavam relacionadas a qualquer corpo de água, normalmente água salgada.
- Nereides: ninfas filhas de Nereu (um dos deuses marinhos primitivos). Essas ninfas estavam relacionadas ao Mar Mediterrâneo, aos mares calmos e às águas litorâneas.

As ninfas das águas doces 💧

As ninfas associadas às águas doces, tais como fontes, rios e nascentes eram chamadas de **Náiades**. Elas são:

- Crineias: ninfas das fontes.
- Pegeias: ninfas das nascentes.
- Potâmides: ninfas dos rios.
- Limenides ou Limnades: ninfas dos lagos.
- Heleiades ou Heleionomos: ninfas dos pântanos.

As ninfas do céu ☁️☐

As ninfas relacionadas às questões de fenômenos da natureza advindas do céu eram chamadas de **Uranias**. Elas são:

- Néfeles: ninfas das nuvens.
- Boréades: ninfas dos ventos.

As ninfas das estrelas ☐

Existia um grupo de ninfas que eram associadas essencialmente às estrelas e eram importantes para questões como a navegação dos deuses e mortais. Elas eram chamadas de **Asterias** e são:

- Híades: ninfas filhas de Atlas (um dos titãs primordiais). Essas ninfas foram as responsáveis pelos cuidados de Dioniso e eram conhecidas como ninfas da navegação.
- Plêiades: ninfas filhas de Atlas e Pleione. Eram conhecidas como as ninfas da chuva.
- Hespérides: ninfas filhas de Atlas e Hesperia. Eram ninfas do entardecer e foram as responsáveis pelos cuidados do jardim de pomos de ouro.

## 2. As ninfas existiam antes mesmo de Zeus

As ninfas **estavam presentes desde a chamada Era dos Titãs**, quando estes seres dominavam o universo, antes dos deuses do Olimpo. Quando Zeus se rebelou contra seu pai, Cronos, as ninfas lutaram junto ao deus do trovão. Depois disso, as ninfas começaram a ser conhecidas como "**filhas de Zeus**", apesar de não terem necessariamente essa relação de parentesco.

## 3. Elas não eram imortais, mas viviam por milhares de anos

Os gregos acreditavam que as ninfas podiam viver tanto tempo quanto uma palmeira, por cerca de 10.000 anos, não sendo imortais como os deuses. Contudo, elas podiam dar luz à seres imortais se tivessem um filho com um deus grego. As **ninfas também nunca envelheciam**, permanecendo jovens e belas por todo o tempo que viviam.

## 4. Muitas ninfas eram mães ou amantes dos deuses gregos



Pintura "A Juventude de Baco" (Dionísio na versão romana). William Adolphe Bouguereau (1884).

Representadas como **jovens mulheres de cabelos longos e vestimentas delicadas**, as ninfas eram figuras que estavam associadas à diversos deuses na mitologia grega. Aquiles, por exemplo, era filho de Tétis, uma ninfa do mar. Essa mesma ninfa cuidou de Dionísio, deus do vinho, quando ele era pequeno e também de Hefesto, deus do fogo e dos vulcões.

Para além destes cuidados maternos, as ninfas também estavam associadas amorosamente aos deuses. **Dionísio é geralmente representado pelo vinho que bebia e pelas várias ninfas com quem possuía relações**. Da mesma forma, o deus dos bosques e campos, Pã, também possuía relações com diversas ninfas.

O deus dos mares e oceanos, Poseidon também teve relações com diversas nereides, ninfas dos mares salgados. Ártemis, deusa da caça e da vida selvagem, possuía 30 oceânides como seguidoras.

## 5. As musas gregas eram originalmente ninfas



Pintura "Minerva e as Nove Musas". Hendrick van Balen (Século 17).

Até hoje, falamos sobre musas como pessoas que têm a capacidade de inspirar a criação artística ou científica em alguém. Esse ideal surgiu na mitologia grega e faz referência às **9 filhas de Mnemósine** (titânide relacionada à memória) e Zeus.

Elas inicialmente eram consideradas **ninfas dos rios e lagos que traziam inspiração para músicos e poetas**. Sua origem, contudo, é que foram criadas para perpetuar a glória dos deuses do Olimpo após a Guerra dos Titãs.

Os locais onde as musas habitavam eram chamados de *Museion*, termo que deu origem à palavra museu em diversas línguas.

As nove musas eram:

- **Calíope:** musa da poesia épica e ciência geral.
- **Clio:** musa da história.
- **Erato:** musa da poesia lírica.
- **Euterpe:** musa da música.
- **Melpômene:** musa da tragédia.
- **Polímnia:** musa da música sacra.
- **Tália:** musa da comédia.
- **Terpsícore:** musa da dança.
- **Urânia:** musa da astronomia e astrologia.

## 6. O equivalente masculino às ninfas na mitologia grega eram os sátiros



Pintura "Ninfas e Sátiro". William Adolphe Bouguereau (1873).

Assim como as ninfas, os **sátiros eram seres da natureza na mitologia grega** que viviam em locais abertos como campos e bosques. Os sátiros possuíam a metade superior do corpo de um homem e a metade inferior de um cabrito ou bode. Eles também possuíam pequenos chifres na cabeça e longas barbas.

Os sátiros tinham relações com as ninfas e na mitologia romana seu equivalente é a figura do fauno. Estes seres foram representados na cultura popular diversas vezes. O mais famoso é **Filoctetes**, que aparece no filme da Disney, Hércules de 1997, como o treinador do herói.

### **7. A cultura indiana, celta e romana também possuíam suas "ninfas"**

Assim como na cultura grega, o símbolo feminino de inspiração das figuras das ninfas também aparecem em outras culturas.

Na cultura indiana, as **apsarás** são espíritos femininos das nuvens e das águas de acordo com a mitologia Hindu e Budista. Elas aparecem proeminentemente na escultura, dança, literatura e pintura de muitas culturas do Sul e Sudeste Asiático. Apsarás são as ninfas do paraíso de Indra, deus do céu para o hinduísmo.

No folclore e mitologia celta, as **gwragedd annwn** eram figuras femininas representadas como fadas que viviam em lagos e rios. Diversas histórias dessa cultura contam os relacionamentos destes seres divinos com homens humanos, assim como as ninfas da mitologia grega.

Na mitologia romana, os seres referentes às ninfas eram as **camelas**, que originalmente ficaram conhecidas como deusas da primavera e das fontes das águas de Vênus.

As regiões brasileiras receberam inicialmente nomes de ninfas



Mapa do Brasil que revela os biomas atuais de cada região com destaque para o nome de ninfa inicialmente dado a cada uma delas.

Em 1824, o botânico alemão Carl Friedrich Philipp von Martius elaborou a primeira classificação da flora brasileira. Ele reconheceu cinco províncias e as nomeou a partir de nomes de ninfas da mitologia grega.

Hoje, denominamos estas regiões como Centro-Oeste, Norte, Nordeste, Sudeste e Sul. Na época, o botânico denominou as cinco regiões reconhecidas como:

**Napéias:** em referência às ninfas dos vales e prados para a região dos terrenos dos bosques de araucárias do sul do Brasil.

**Naiades:** em referência às ninfas das águas para a região que compreende a floresta amazônica brasileira.

**Oréades:** em referência às ninfas do montes para a região que compreende o cerrado brasileiro.

**Driades:** em referência às ninfas da florestas para a região que compreende a mata atlântica brasileira.

**Hamadriades:** em referência às ninfas que morrem e renascem das árvores para a região que compreende a caatinga brasileira.

## 9. O termo também é utilizado para se referir a insetos jovens

Insetos como o grilo, o louva-deus, a libélulas e a cigarra **passam inicialmente por uma fase imatura chamada de ninfa**, quando passaram do estágio de larva, mas ainda não são adultos. Todos estes seres têm como característica principal passar pela metamorfose, ou seja, um desenvolvimento de transformação ao longo de sua vida.

A biologia também utiliza do termo **náiades** (em referências às ninfas das águas) para se referir aos insetos aquáticos em seu estágio imaturo de ninfa. Estes termos são uma clara referência às figuras juvenis de como as ninfas eram descritas pelos gregos.

## ANEXO 11

### MATERIAL FORMATIVO – VOCABULÁRIO MITOLÓGICO

**PÂNICO** – Na mitologia grega, Pã – em grego Πάν [Pán] – era o deus dos bosques, das montanhas e dos campos, identificado pelos romanos como Fauno. Tinha um aspeto assustador, com chifres e patas de bode – e o seu constante apetite sexual fazia-o perseguir e assediar tanto ninfas como jovens rapazes. Toda a gente fugia, apavorada, atribuindo os vários ruídos da noite a Pã. Daqui nasceu a expressão «medo pânico» ou «terror pânico», hoje raramente usada, e, mais tarde, o substantivo pânico. Camões, em *Os Lusíadas* (canto III, est. 67), quando se refere aos combates de Afonso Henriques contra os Mouros, afirma que estes fogem «dum pânico terror todo assombrado».

**FAUNA** – Era a mulher e irmã de Fauno, o deus romano dos rebanhos e dos campos, que se identificava com o deus grego Pã. Os Faunos, descendentes de Fauno e de Fauna, eram deuses rústicos representados como humanos da cintura para cima e como bodes da cintura para baixo, mas dotados de chifres. Correspondem, na mitologia grega, aos Sátiros.

**HERMÉTICO** – Hermes, em grego Ἑρμῆς [Hermês], o mensageiro dos deuses, conhecido como Mercúrio pelos romanos, não permitia que ninguém violasse as mensagens que transportava. Daqui, terá nascido a expressão «hermeticamente fechado». Também era costume, entre os alquimistas, para tornar um frasco inviolável,

colocar-se no seu gargalo um selo com o símbolo de Hermes: o frasco, então, mantinha-se «hermeticamente fechado».

**MENTOR** – Em grego Μέντωρ [Méntôr], aparece na Odisseia de Homero como o fiel amigo e conselheiro do herói grego Odisseu, conhecido entre os romanos por Ulisses. Mentor foi o preceptor de Telémaco, o único filho de Ulisses e de Penélope, durante a ausência do herói na guerra de Troia. Hoje, esta palavra tornou-se um substantivo comum com o significado de pessoa experiente que aconselha, ajuda e inspira outra.

**CEREAL** – Deriva de Ceres, a deusa romana da agricultura e das colheitas, equivalente a Deméter (Δημήτηρ) na mitologia grega.

**ÉGIDE** – esta palavra, que significa «proteção, apoio» («sob a égide de»), tem origem na palavra grega que significa «pele de cabra» – a cabra Amalteia cujo leite amamentou Zeus em criança. «Mais tarde, quando Zeus lutou contra os Titãs, fez para si uma armadura com a pele desta cabra. Esta armadura é a égide.» (in Dicionário da Mitologia Grega e Romana, de Pierre Grimal, tradução de Victor Jabouille ). Na Grande Final da 2.ª edição do Campeonato Nacional da Língua Portuguesa, no dia 6 de maio de 2006, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa e com transmissão em direto na SIC, uma das questões abordava a egofagia – o hábito de comer carne de cabra, significando o elemento de origem grega ego (do grego αἴξ, αἰγός [aíks, aigós]) «cabra».

**QUIMERA** – Em grego Χίμαιρα [Khímaira], era um monstro lendário, geralmente representado com um corpo híbrido entre leão e cabra com cauda de dragão. Deitava chamas pela boca e foi morto por Belerofonte, montado no cavalo alado Pégaso. No sentido figurado, tem o significado de «fantasia, ilusão, utopia».

**MORFINA** – Este fármaco, utilizado especialmente como poderoso analgésico, deriva de Morfeu (em grego Μορφεύς), deus associado ao sono. «Como a maior parte das divindades do sono e dos sonhos, Morfeu é alado. Tem grandes asas rápidas, que batem sem fazer barulho, e o levam num ápice aos confins da Terra» (in Dicionário da Mitologia Grega e Romana, de Pierre Grimal, tradução de Victor Jabouille).

**MERCÚRIO** – Metal líquido e de cor prateada, de grande mobilidade, deve o seu nome a Mercúrio, o veloz mensageiro dos deuses, especialmente de Júpiter, que lhe pôs asas na cabeça e nos calcanhars, para poder executar as suas ordens com maior celeridade.

**HERCÚLEO** – Adjetivo utilizado muitas vezes na expressão «esforço hercúleo», ou seja, algo que exige um esforço sobre-humano, digno de Hércules e dos seus doze trabalhos.

**EÓLICO** – relativo ao vento («energia eólica») – de Éolo\* ou Eolo, o deus guardião dos ventos. \* Os puristas da língua continuam a defender a ortografia Éolo, mas, como

muito bem se interroga um consulente do Ciberdúvidas, «quem, entre o público em geral, diz Éolo e não Eolo?»

**VULCÃO** – Do nome de Vulcano, o deus romano do fogo, equivalente a Hefesto na mitologia grega.

**ECO** – Era uma formosa ninfa, que fora condenada a não mais usar a língua, a não ser para repetir o que lhe diziam. Eco, em grego Ἠχώ, encontrou, um dia, nos bosques, o belo e jovem Narciso, insensível ao amor e que nunca olhava para as donzelas. Como estava perdido no caminho, Narciso terá gritado: «Está alguém aqui?», tendo ouvido uma voz repetir as mesmas palavras: «Está alguém aqui, aqui, aqui...» Era a voz de Eco, que se encontrava oculta pelas árvores e, como não conseguia vê-la, o jovem exclamou: «Vem!» A ninfa «deu um passo em frente, surgindo de braços abertos. Quando a viu, porém, Narciso voltou-lhe as costas, zangado e aborrecido» – e Eco foi esconder-se, para todo o sempre numa gruta solitária, «roída pelo facto de lhe restar apenas a possibilidade de repetir aquilo que os outros dizem» (in A Mitologia, de Edith Hamilton, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991).

**NARCISISMO** – Do nome do belo jovem Narciso (em grego Νάρκισσος), que desprezava o amor. «Narciso foi objecto da paixão de grande número de raparigas e de ninfas, mas ficava insensível. A ninfa Eco apaixonou-se por ele, mas não conseguiu mais do que as outras. As jovens desprezadas por Narciso pediram vingança aos céus: num dia de grande calor, Narciso debruçou-se sobre uma fonte e nela viu o seu rosto tão belo que ficou apaixonado. A partir de então, debruça-se sobre a sua imagem e deixa-se morrer. No lugar onde morreu, brotou uma flor à qual foi dado o seu nome, o narciso. (in Dicionário da Mitologia Grega e Romana, de Pierre Grimal, tradução de Victor Jabouille).

**MÚSICA, MUSEU** – palavras formadas a partir de Musa, em grego Μοῦσα, divindades que inspiravam a criação artística ou científica. As Musas eram nove irmãs e o seu templo, o Mouseion, deu origem à palavra museu, local de cultivo e preservação das artes e ciências.

**VENERAR, VENERÁVEL, VENÉREO** – Estes vocábulos têm como base o nome da deusa latina do amor e da beleza, Vénus (em latim, Venus, Veneris), correspondente à deusa Afrodite ( Ἀφροδίτη) da mitologia grega, de onde derivou a palavra afrodisíaco.

**HERMAFRODITA** – ser que possui órgãos reprodutores dos dois sexos, como, por exemplo, o caracol. No hermafroditismo humano, recorre-se muitas vezes a uma cirurgia para se definir o sexo (do nome do deus grego Hermafrodito, filho de Hermes e de Afrodite).

**ERÓTICO** – Relacionado com Eros (em grego Ἔρως), o deus do amor carnal, na mitologia grega.

**EUROPA** – Em grego Εὐρώπη, era uma princesa de grande formosura, que Zeus, metamorfoseado num touro branco, raptou e levou para Creta. Mais tarde, Zeus terá atravessado com ela os mares e chegado a um local ao qual foi dado o nome de Europa.

**ATLÂNTICO** – Deriva de Atlas (em grego Ἄτλας), que na mitologia grega era um gigante Titã, que participara na luta contra os deuses, tendo sido punido por Zeus a sustentar o mundo sobre os ombros. O nome de Atlas foi dado à cadeia montanhosa que se estende ao longo do norte de África, através de Marrocos, Argélia e Tunísia. Também se chama “atlas” a um livro de mapas geográficos.

**TARTARUGA** – O nome deste animal vem de Tártaro (em grego Τάρταρος), a região mais profunda dos Infernos na mitologia greco-romana. «Pouco a pouco, o Tártaro confundiu-se com os Infernos propriamente ditos», esse mundo subterrâneo «onde eram supliciados os grandes criminosos. Neste sentido, o Tártaro opõe-se aos Campos Elísios, morada dos Bem-Aventurados.» (in Dicionário da Mitologia Grega e Romana, de Pierre Grimal, tradução de Victor Jabouille). Os antigos acharam, pois, que este animal tinha um aspeto tão horrível, que parecia ter saído das profundezas dos Infernos. Por esta razão, chamaram-lhe “ταρταρούχος” [tartarúkhos], ou seja, vindo do Tártaro, a região mais terrível do mundo dos mortos, o reino de Hades, equivalente ao deus romano Plutão. «Geralmente, Hades, cujo nome significa “o Invisível”, não era nomeado, pois temia-se que, invocando-o, se provocasse a sua cólera. Por isso, designava-se através de eufemismos, o mais corrente dos quais era Plutão, “o rico”\*\*, alusão à riqueza inesgotável da terra», principalmente dos minerais. (in Dicionário da Mitologia Grega e Romana, de Pierre Grimal, tradução de Victor Jabouille) \*\* Em grego, πλοῦτος [plútōs], significa «riqueza», donde plutocracia, «o governo dos ricos».' in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa,

Fonte: <https://ciberduvidas.iscteul.pt/artigos/rubricas/idioma/a-mitologia-no-nosso-vocabulario-quotidiano/4053#> [consultado em 03-10-2023]

# APÊNDICES

## APÊNDICE 01

### VOCABULÁRIO – OS COMPANHEIROS DE ULISSES

#### Sócio

sm.

1. Membro de sociedade, clube ou agremiação

#### Deleitoso

1. **Que deleita, que dá prazer; muito agradável**

#### Privar

1. Despojar (alguém ou a si mesmo) de. [tdr. + de : *Não se pode privar ninguém de seus direitos: Para emagrecer, a mulher se privou de doces.]*

2. Impedir (alguém) de ter ou aproveitar (algo). [tdr. + de : *A timidez o priva de fazer amizades* Antôn.: permitir, possibilitar. ]

#### Razão:

1. Capacidade de raciocinar, de julgar, de compreender, de conhecer; a inteligência em geral: *O ser humano é dotado de razão.*

2. A lei moral; o direito, a justiça

#### Forma:

1.|| disposição exterior das partes de um corpo e que constitui a diferença entre um e outro indivíduo, uma e outra espécie. ||

2. O feitio, a figura, a aparência das coisas: Resguardando a vista com a mão aberta em *forma* de pala. ( R. da Silva. )

#### Semblante:

1. Rosto de uma pessoa; CARA; FACE

2. Fig. Imagem física exterior; ASPECTO; APARÊNCIA: *As coisas mudaram de semblante.*

#### Vulto:

1. Semblante, rosto; aspecto: *Tinha um vulto altivo, que nos inspirava respeito*

2. Corpo ou figura indistinta; IMAGEM: *Não viu mais do que um vulto, no escuro*

#### Expressão:

1. Ação ou resultado de expressar(-se), exprimir(-se)

2. Manifestação de pensamento ou sentimento através de palavras, gestos, fisionomia, arte etc. (liberdade de expressão)

#### Craveira:

1. Abertura em ferradura para a fixação do cravo<sup>1</sup> (4)

2. Barra ou régua com determinada altura (ger. regulável) us. para medir ou comparar a altura de pessoas.

#### Meão:

1. Que está no meio; que se situa entre duas ou mais coisas ou duas ou mais pessoas

2. De valor, qualidade, tamanho ou altura mediana

#### Marca:

**Sinal que revela sentimento, estado emocional ou físico etc.:**

**Categoria, classe:** *São poucos os atletas desta marca*

#### Mesquinha:

Insignificante, acanhado, pobre: *Viviam numa choupana mesquinha.*

4. Que não tem grandeza, largueza, magnanimidade; RELES: *Seus interesses eram egoístas, estreitos, mesquinhos.*

#### Toupeira:

1. Denominação comum a diversos pequenos mamíferos da ordem dos insetívoros, encontrados na Europa, Ásia e América do Norte, dotados de patas anteriores com grandes garras, adaptadas para cavar galerias subterrâneas

2. Pej. Pop. Pessoa pouco inteligente ou ignorante

#### Prudência:

1. Qualidade própria de quem age com cuidado para evitar más consequências: *Dirigia com muita prudência.*

2. Ponderação, sensatez ou paciência ao tratar de um assunto: *Favor abordar o incidente com muita prudência!*

#### Garbo:

1. Aprumo e correção no porte, ou no comportamento; ELEGÂNCIA; DONAIRE: *Apresentava-se com garbo e simpatia.*

2. Imponência, marcialidade: *A tropa desfilou com garbo e precisão.*

3. Qualidade do que se mostra primoroso, perfeito.

**Melífluo:**

3. Que flui como o mel (líquido melífluo)

4. Fig. Que é suave, harmonioso (sorriso melífluo)

5. Pej. Que finge doçura com o fim de agradar; BAJULADOR: *Adotava um tom melífluo ao falar com o chefe*

**Infundir:**

1. Incutir, inspirar (sentimento, sensação). [td. : "Sua voz (...) infundia confiança logo às primeiras palavras." ( Josué Montello , *Um rosto de menina* ) ] [tdr. + em : *As palavras do homem infundiram medo em todos.*] [tdi. + a : *As últimas notícias infundiram temor à população.*]

2. Verter ou introduzir (líquido) em (alguém ou algo). [tdi. + em : *A enfermeira infundiu soro no paciente.*]

**Sutil:**

1. Fino, delgado, quase imperceptível; sutil; TÊNUE

2. Penetrante, que se infiltra por todas as partes (veneno sutil).

**Lavrar:**

1. Propagar-se, grassar.

2. Ordenar por escrito; DECRETAR [td. : lavar uma sentença.]

**Partido:**

1. Vantagem, proveito

2. Decisão, resolução

**Finório:**

1. Que é astuto, esperto, ladino, manhoso.

**Volver:**

1. Mudar (uma coisa) em (outra); CONVERTER [tdr. + em : volver as frutas em geleia.]

2. Voltar a, ocupar-se de novo com algo.

**Ponderar:**

1. Examinar com cuidado, observando todos os lados; AVALIAR [td. : "Dr. Igor ponderou longamente os argumentos e decidiu..." ( Paulo Coelho , *Brida* ) ]

2. Citar (dados) como defesa; ALEGAR

**Aceder:**

1. Estar de acordo com uma proposta;

2. Comportar-se com resignação, aceitação,.

**Arengar:**

1. Fazer discurso longo e monótono, exortando ou pregando.

2. Fazer fofoca, mexerico.

3. Não se deixar pegar (o cavalo).

**Empeçonhada:**

1. Diz-se de que ou quem tem peçonha; APEÇONHADO; ENVENENADO; PEÇONHENTO

2. Fig. Corrompido, pervertido (empeçonhado por maus hábitos)

**Postas:**

1 Cortar em postas ou fatias.

2 Fig. Arrasar oponente (em competição, luta etc.).

3 Fig. Castigar rigorosamente, infligir punição.

**Temerário:**

1. Arriscado, imprudente, perigoso: *Nunca quis arriscar-se nessas temerárias escaladas aos picos nevados.*

2. Arrojado, audacioso

**Vassalo:**

1. Pessoa que é dependente ou submissa a alguém ou a algo

a.

5. Que paga tributo a alguém; TRIBUTÁRIO

6. Fig. Que é dependente, submisso ou se subordina a alguém ou a algo

**Hirsuto:**

1. Que tem os pelos longos, grossos e duros (barba hirsuta); CERDOSO

2. Crespo, eriçado, hirto (cabelos hirsutos).

3. Fig. Intratável, ríspido, hirto.

**Medonha:**

1. Que causa medo, repulsa (bicho medonho); ASSUSTADOR; PAVOROSO

2. Que é muito feio

**Dentuça:**

Arcada dentária com os dentes da frente muito grandes e/ou salientes.

**Regougar:**

2. Fig. Resmungar, falar em tom áspero. [td. : Regougou uma obscenidade e retirou-se.] [int. : *Ficava num canto a murmurar, a regougar.*]

3. Produzir ruído áspero.

**Feitio:**

1. Forma, figura, configuração de um ser ou objeto: "(...) onde se viam pássaros de várias cores e feitios (...)." (Aluísio Azevedo, *O cortiço*)

2. Fig. Maneira de ser; ÍNDOLE; TEMPERAMENTO: *Mentir não era do seu feitio.*

3. Trabalho, obra de artista ou artesão

**Arvorar:**

4. Ostentar (algo) alardeando; EXIBIR; MOSTRAR [td. : *Sempre arvora seus conhecimentos em informática.*]

5. Elevar(-se) ou atribuir(-se) cargo, função, título etc. [tdp. : *Arvoraram -no (em) líder do grupo.*] [tp. : *Arvorava -se (em) salvador da pátria.*]

7. Mar. Erguer, levantar

**Derriço ou deriço:**

1. **Pop. Relação de namoro;**

2. **Aquilo que é dito ou feito para caçar de algo ou alguém.**

**Brio:**

1. Sentimento da própria dignidade e valor; AMOR-PRÓPRIO; PUNDONOR: *A acusação mexeu com os seus brios*

2. A qualidade de quem é corajoso, tem consciência e se orgulha disso: *encher a alma de brios para novos desafios*

3. Empenho, energia, perseverança, entusiasmo na realização de algo, no cumprimento de tarefa etc.

4. Vaidade, orgulho

**Pregoeiro:**

1. Aquele que lança pregão; o que proclama, publica, divulga ou promove alguma coisa:

2. Aquele que exalta, enaltece, faz propaganda; ARAUTO.

**Despir:**

1. Deixar ou ficar sem aquilo que cobre [td. : *O vento despiu as árvores*] [tdr. + de : *Despiram -se da pesada maquiagem*]

2. Fig. Deixar de lado; ABANDONAR; DESPOJAR-SE.

**Maçada:**

1. Golpe desferido com maça, ou qualquer pancada; BORDOADA; CACETADA

2. Situação, conversa ou atividade maçante, enfadonha, e que não se pode recusar; ABORRECIMENTO

3. Trabalho penoso, coisa aborrecida.

**Carniceiro:**

1. Que come carne; CARNÍVORO; CREÓFAGO

2. Que é sanguinário, que sente prazer em ver ou de participar de derrame de sangue

3. Diz-se de dente de mamífero carnívoro us. para cortar a carne em pedaços.

**Increpar:**

1. Repreender ou acusar duramente (por); CENSURAR.

**Daninho:**

1. Que causa dano(s), estrago(s); DANOSO; NOCIVO [+ a, para : *daninho a /para o coração/plantação*. Antôn.: benéfico, favorável. ]

2. Que pratica ou leva a praticar ações más; mau, ruim, perverso (influência *daninha*, temperamento *daninho*) [ Antôn.: bom, bondoso. ]

**Mutuamente:**

1. De modo mútuo, de parte a parte, com reciprocidade; RECIPROCAMENTE.

**Matula:**

1. Grupo de pessoas de má índole; CORJA

2. Indivíduo que faz parte desse grupo; VADIO

**Estulto:**

1. Que não tem discernimento; que se mostra insensato, tolo, estúpido; PARVO; IMBECIL.

**Grei:**

1. Povo, partido, sociedade: "O chefe deve ter as virtudes da *grei* e mais até o ideal da sua gente." (Afrânio Peixoto, *Maías e Estevas*.)

2. O conjunto dos paroquianos ou diocesanos; CONGREGAÇÃO

3. Rebanho de gado de pequeno porte.

**Cevar:**

1. Tornar gordo, alimentando; ENGORDAR [td. : *Há meses cevam um leitão*]

2. Nutrir, alimentar [td. : *O leite da rês ceva o menino*]

3. Fig. Saciar(-se), satisfazer(-se)

**Bestunto:**

1. Memória, lembrança, pensamento.

2. Inteligência curta.

## APÊNDICE 02

### VOCABULÁRIO – A ODISSEIA

**Aurora:** Aurora, na Mitologia Romana é uma deusa do amanhecer. Aurora é equivalente à deusa Eos da mitologia grega e da deusa hindu Ushas. Nas histórias romanas, Aurora renovava-se todas as manhãs ao amanhecer e voava pelos céus anunciando a chegada do amanhecer.

**Trança:** Entrelaçamento de três ou mais mechas de fios ou tiras de qualquer natureza.

**Mugido:** A voz do boi, da vaca e dos bovídeos em geral.

**Vimes:** Vara de vimeiro, flexível e us. em trabalhos trançados.

**Vimeiro:** Nome comum a algumas árvores e arbustos do gên. *Salix*, da fam. das salicáceas, dos quais se extrai o vime, us. para fazer móveis, cestos e outros trabalhos trançados.

**Entretecendo:** Tecer, entremeando os elementos usados na tecedura; ENTRELAÇAR; ENTREMEAR.

**Soberbo:** Magnífico, grandioso.

**Róseo:** Da, ou relativo à rosa.

### Os Lestrígonas

Em “Odisseia”, Odisseu, depois de repulso pelo rei dos ventos, Éolo, aporta na ilha dos lestrígonas, em cuja baía todos os navios ancoram, com exceção do seu. Um grupo pequeno de seus homens desembarca e é levado por uma jovem para a casa de seu pai, Antifanes, rei dos lestrígonas. Este é um gigante e um canibal, que logo devora um do grupo enquanto os outros fogem. Irritado, ele juntamente com seus homens, destrói os navios ancorados e mata a tripulação, só escapando Odisseu, seus homens e seu barco.

### O Ciclope

Ao deixar Tróia, Ulisses e seus companheiros primeiramente encontraram os Cicônios, cuja cidade eles saquearam, mas em cujas mãos sofreram pesadas baixas. Estiveram em perigo de perder mais elementos para os Comedores de Loto, hedonistas que nada faziam além de ficarem sentados e comendo as saborosas frutas que os faziam esquecer todos os cuidados e responsabilidades. Ulisses teve que arrastar a força de volta ao navio aqueles que, entre os seus homens, provaram o loto. Mal tinham se recobrado da aventura quando enfrentaram a seguinte, o encontro com o Ciclope Polifemo.

**Capacete:** Peça de material resistente para proteger a cabeça.



**Imperecível:** Que não perece ou acaba (crença imperecível); ETERNO; IMORTAL; PERENE.

**Tecelagem:** ação ou resultado de tecer.

**Tapeçaria:** Arte ou ofício de tapeceiro.

**Tapeceiro:** Pessoa que faz ou vende tapetes ou tapeçarias; TAPETEIRO.

**Resplandecente:** Que resplandece; BRILHANTE; LUZENTE.

**Assentos:** Móvel apropriado para sentar, como um banco, uma cadeira etc.:

**Encurralar:** Meter em curral: encurralar o gado.

**Pocilga:** Lugar onde se criam porcos; CHIQUEIRO.

**Proferir:** falar.

**Natureza:** Tipo, qualidade, espécie.

**Frondosa:** Que tem abundância de ramos e folhas.

**Olimpo:** O monte Olimpo é a montanha mais alta da Grécia, com 2919 metros. Na mitologia grega, é a morada dos Doze deuses do Olimpo, os principais deuses do panteão grego.

**Incrustar:** Revestir (algo) com (crosta, tinta etc.prata).

**Espírito:** Caráter ou traço característico de algo.

**Trípode:** Vaso antigo de três pés.



**Verter:** derramar.

**Ardis:** 1. Estratégema para enganar; ARDILEZA; ARTIMANHA; ASTÚCIA. 2. Cilada, armadilha.

**Vitelas:** Bezerra com menos de um ano.

**Áspera:** Rispidez, rudeza.

**Mastro:** Coluna alta ger. de madeira, fixada em uma embarcação, na qual se prendem velas e outros objetos.

**Vela:** Peça de pano ou náilon que, enfunada, impulsiona uma embarcação.

**Álamo:** Designação comum às árvores do gen. *Populus*, da fam. das salicáceas; CHOUPO.



**Choupo:** Nome comum às árvores do gên. *Populus*.. **Confluir:** Unirem-se (rios, águas), entrando num leito comum. **Retumbante:** O leito de certos rios que ficam totalmente secos durante alguns meses do ano. **Vala:** O leito de certos rios que ficam totalmente secos durante alguns meses do ano.

**Libação:** Derramamento de um líquido como oferenda a uma divindade.

## APÊNDICE 03

### AULA E ATIVIDADE – TEORIA LITERÁRIA

A **intertextualidade** é um conceito fundamental na teoria da literatura e da linguística que se refere à relação intrincada entre textos, em que um texto faz referência, cita, reinterpreta ou dialoga com outro. Essa interconexão de textos enriquece o significado e a complexidade das obras, permitindo que autores explorem temas, estilos e ideias de maneiras profundas e inovadoras. A intertextualidade não se limita apenas à literatura, mas também se estende a outras formas de expressão artística, como cinema, música e arte visual, enriquecendo a experiência cultural e oferecendo aos leitores e espectadores uma teia de conexões e significados a serem explorados. Em resumo, a intertextualidade é o diálogo entre textos.

A **literatura fantástica** é um gênero literário que se distingue pela sua capacidade de mesclar o real com elementos sobrenaturais, inexplicáveis ou surreais de forma a desafiar as fronteiras da realidade e da imaginação. Nesse gênero, o leitor é frequentemente convidado a questionar a natureza da realidade e a suspender sua descrença para aceitar a coexistência de elementos fantásticos no mundo retratado. Autores como Edgar Allan Poe, H.P. Lovecraft e Jorge Luis Borges são renomados por suas contribuições à literatura fantástica, que muitas vezes explora temas como o desconhecido, o sobrenatural, o absurdo e o inexplicável, proporcionando aos leitores uma experiência literária única e desafiadora.

A **literatura maravilhosa**, em contraste com a literatura fantástica, é um gênero que se caracteriza por criar um mundo onde o maravilhoso, o encantamento e o extraordinário são aceitos como parte integral da realidade, sem que haja necessariamente um questionamento da veracidade dos eventos sobrenaturais. Autores como Lewis Carroll, com sua obra "Alice no País das Maravilhas", e Antoine de Saint-Exupéry, autor de "O Pequeno Príncipe", exploram esse gênero ao criar mundos que desafiam a lógica e a realidade cotidiana, mas sem causar estranhamento ou dúvidas na mente do leitor. A literatura maravilhosa muitas vezes busca encantar, inspirar a imaginação e transmitir lições profundas por meio de elementos fabulosos e mágicos, tornando-a uma experiência literária cativante e inspiradora.

O **conto literário** é uma forma breve de narrativa que se destaca por sua concisão e habilidade em contar uma história completa em um espaço limitado. Suas características incluem uma estrutura compacta, geralmente com uma introdução, desenvolvimento e desfecho, muitas vezes focada em um único evento, personagem ou situação central. O conto literário frequentemente busca provocar uma resposta emocional no leitor, explorando temas complexos e simbolismo de forma eficiente. O uso cuidadoso da linguagem e a economia de palavras são essenciais, já que a brevidade é uma de suas características distintivas. Autores renomados, como Edgar Allan Poe, Anton Chekhov e Ernest Hemingway, demonstraram mestria na criação de contos literários, capturando a profundidade da experiência humana em um espaço limitado.

**Perguntas:**

1. Onde acontece a intertextualidade entre a fábula “Os Companheiros de Ulisses” e o trecho da “Odisseia” lido em sala de aula?
2. “Os companheiros de Ulisses” e a “Odisseia” são literatura fantástica ou maravilhosa? Justifique sua resposta.
3. Cite as características da Literatura fantástica.
4. Cite as características da Literatura maravilhosa.
5. O que é intertextualidade?

## APÊNDICE 04

### QUESTIONÁRIO – A ODISSEIA

Grupo:

---

---

---

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

1. Qual o nome do personagem principal do texto?
2. Em qual lugar chega esse personagem e sua tripulação? Quem reinava nesse lugar?
3. A tripulação do personagem principal era formada por quantos homens?
4. Quantos dias passou a tripulação neste lugar?
5. O que o personagem principal avistou ao subir depressa da nau de sua embarcação a uma elevação de larga vista?
6. Quais características tem o palácio observado pelo personagem principal?
7. Como a tripulação se organizou para conhecer os habitantes da ilha estrangeira?
8. Qual o nome do personagem que comandou uma parte da tribulação em expedição ao palácio?
9. Qual o nome do personagem em quem o comandante mais confiava e lhe era caro?
10. O que ouviram os tripulantes ao chegar próximo ao palácio?
11. Quais características possuíam a porta do palácio que foi aberta para a tripulação?
12. Quais características possuíam as tecelagens fabricadas?
13. Como Circe recebeu os tripulantes?
14. O que aconteceu após Circe receber os tripulantes?
15. Como o personagem principal é avisado do acontecimento e qual decisão ele toma após isso?
16. Quem apareceu ao personagem principal, instruindo-lhe como fazer quando estivesse diante de Circe?
17. Qual foi a instrução dada ao personagem principal para combater a ardilosa Circe?
18. Como foi o final da narrativa (história)?
19. Para onde Circe os ordenou ir e o que ela os aconselhou a fazer quando chegassem a esse lugar?
- 20. Agora é com vocês! Produza um CONTO de no mínimo 01 (uma) página ou uma HISTÓRIA EM QUADRINHO, reescrevendo OUTRO final para essa história. Lembrem-se de caprichar, pois vale nota! Vai ser divertido – a criatividade faz parte do ser humano.**

**APÉNDICE 05**



Era uma vez um urso pela floresta a qual  
era Dia da Geléia, o urso contente em aguardar  
a sua Amada Urso estava se preparando  
do Para fazer Geléia de tantas variedades Percebeu  
Pois tinha ido a floresta Para colher: Morango,  
Framboesa, Pimba, maca e Uva, Blocos de Açúcar  
e Pães de Geléias Fazião Para, arma Zégar  
Ali que uma menina traseira e charentada  
Aparece, logo quando o urso Dormia, e Comeu  
todas as Frutas da Geléia, o urso que acordou,  
desesperado Por não ver nenhuma, desesperado  
enfiou a sua Garra no Pão de Geléia, a qual  
Ficou Puzo e Pobre do urso Lançou a Chorar  
A menina vendo o que tinha Feito Arrepentida  
Ficou e logo Percebeu em mudar seus atos.  
Chamou seus Amigos da Floresta: os  
Esquitos, os Porcos espinhos e os Coelho e logo  
es disse: - Queridos Amigos Peço-lhes Ajuda  
Para ajudar o Robre urso irei Guia-las e  
juntas Fazermos uma bela Geléia!  
e com isso conseguiram pela floresta muitas  
Frutas Para a Geléia, o que neste Caso uma  
Grande e Generosa Geléia não só Para o  
urso e sua Amada mas Para todos Ali.  
Em Quando traziam mais Frutas a menina

Ja iria Fazendo as Gelas Bem Gustosas  
e Amar quando nos Fetus e quando ela  
e seus amigos terminaram tudo Arrumaram  
a mesa no clima Romântico e Chamaram  
o Urso e a sua Amada Fazendo de surpresa  
para o urso, e o Urso quando viu ficou  
maravilhado e quase explodiu de emoção  
quando viu a sua Amada lhe esperando  
o Urso chamou a menina e seus Amigos  
para comemorar o Dia da Gelaia com ele  
e Todos Foram MUITOS Felizes

Moral da História: Com os erros é que se  
aprende

APÊNDICE 06



ERRES  
A  
HIDRA





